

CLAUDIA REGINA BAUKAT SILVEIRA MOREIRA

PARÓQUIA SUL DE CURITIBA, SUA GENTE, SUA IDENTIDADE:
Descendentes de alemães, luteranos e migrantes

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre. Programa de
Pós-Graduação em História, Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal
do Paraná.

Orientador: Prof. Sergio Odilon Nadalin

CURITIBA

2000

CLAUDIA REGINA BAUKAT SILVEIRA MOREIRA

PARÓQUIA SUL DE CURITIBA, SUA GENTE, SUA IDENTIDADE

Descendentes de alemães, luteranos e migrantes

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, pela
Comissão formada pelos professores:

Orientador: Prof. Sergio Odilon Nadalin
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR

Prof. Euclides Marchi
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR

Prof.a Giralda Seyferth
Museu Nacional, UFRJ

Curitiba, 12 de setembro de 2000.

Me vejo no que vejo
Como entrar por meus olhos
Em um olho mais límpido

Me olha o que eu olho
É minha criação
Isto que vejo

Perceber é conceber
Águas de pensamentos
Sou a criatura
Do que vejo

Octavio Paz

*Aos migrantes que inspiraram este trabalho,
o amor de uma filha que os têm como exemplo.
Ao meu companheiro,
em gratidão pelo amor de todos os dias.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que em sua infinita bondade conduziu-me até aqui.

Ao CNPq, que ao conceder-me bolsa para a pesquisa possibilitou-me realizá-la.

Ao meu orientador, professor Sergio Odilon Nadalin, que cumpriu com maestria sua função: indicou-me o caminho do oriente, dando-me plena liberdade para realizar com autonomia meus primeiros passos de pesquisadora. Além disso, foi sempre um interlocutor atento, corrigindo eventuais falhas no percurso.

A Antônia Schwinden, que além de revisar o texto deu várias sugestões que contribuíram para a sua presente formatação.

À minha mãe, Clara Baukat Silveira, que se empenhou ao máximo na busca dos documentos, no contato com os entrevistados. Sem falar do colo, sempre necessário.

Aos pastores Johann Friedrich Genthner, Vera Maria Immich e Odair Airton Braun.

Amigos que me auxiliaram com documentos, com sugestões, com incentivo.

Aos professores Magnus Roberto de Mello Pereira e Maria Luiza Andreazza, cujas observações no exame de qualificação foram fundamentais para a conclusão da pesquisa.

À secretária do Programa de Pós-Graduação em História, Luci Moreira Baena.

Às colegas de caminhada: Cláudia Quaquarelli e Roseli Boschilia, com quem dividi angústias e incertezas.

À Lucimara Vasconcelos e Silvana Maria Carbonera, pela amizade sincera.

À minha família, que muitas vezes não pôde contar com minha presença.

Ao meu esposo, Anderson, que depositando confiança em minha capacidade, incentivou-me.

Aos muitos amigos, que, em gestos silenciosos, fizeram-me crente de que estava no caminho certo.

SUMÁRIO

RESUMO.....	ix
INTRODUÇÃO.....	1
1 – MIGRAÇÕES INTERNAS: uma abordagem histórica.....	8
1.1 A constituição de um campo de estudo sob diferentes abordagens.....	11
1.2 Luteranos no Brasil: imigrantes, migrantes internos... ..	15
2 – PAIS CATARINENSES, FILHOS CURITIBANOS.....	24
2.1 A Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba.....	27
2.2 As colônias catarinenses: zona da imigração alemã.....	31
2.3 Urbanização e industrialização.. ..	36
2.4 Rumo a Curitiba: trajetórias migrantes.....	41
3 – O PLANO INSTITUCIONAL: luteranismo, pangermanismo, nazismo.....	46
3.1 A Liga Pangermânica no Brasil e o processo de institucionalização do luteranismo.....	49
3.2 Uma Igreja a serviço do <i>Führer</i> : a influência nazista.....	54
3.3 A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e a nacionalização.....	57
3.4 A Paróquia Sul de Curitiba e a descentralização da CELC.....	60
4 – MIGRANTES À MARGEM, CONSTRUINDO SUA IDENTIDADE.....	66
4.1 As estratégias de estruturação do Setor Sul de Curitiba ou “como construir uma paróquia”.....	75
4.1.1 Diversidade sob aparente unidade: definindo tipologias.....	79

4.1.1.1 O estrangeiro	79
4.1.1.2 Um capital cultural e duas maneiras de relacionar-se com ele: a geração pós-guerra.....	82
CONCLUSÃO	91
ANEXOS	97
Anexo 1 – Histórico do início dos trabalhos na Vila Fanny e Vila Hauer.....	99
Anexo 2 – Entrevistas.....	102
Anexo 3 – Formulário de coleta de dados do Censo da IECLB.....	140
Anexo 4 – Questionário complementar.....	142
Anexo 5 – Tabelas.....	144
Anexo 6 – Mapas.....	147
FONTES	150
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151

RESUMO

Este estudo analisa, a partir dos dados do Censo realizado pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil em 1987, a inserção do elemento migrante que a partir de 1967 passou a constituir a Paróquia Sul de Curitiba. Relaciona sua origem ao processo de instalação das colônias germânicas em Santa Catarina, a partir do século XIX, e ao seu precoce desenvolvimento industrial, que redefiniu a natureza da ocupação da terra e conferiu singularidade ao perfil ocupacional dos habitantes da região, situação que os levou a migrar a partir sobretudo da década de 1960 em direção a Curitiba. Define a instituição religiosa como instância privilegiada de formação da identidade, sendo que, na análise de seu percurso histórico, aponta para uma ruptura com a concepção caracterizada pela relação entre evangelho e germanidade a partir do término da Segunda Guerra Mundial e a inserção da Paróquia nesse contexto. Apresenta os membros da paróquia segundo tipologias determinadas pela sua relação a uma ancestralidade teuto-brasileira, a uma confissão evangélico-luterana e a um passado recente de migração, com vistas a identificar os vetores da identidade dessas pessoas e sua maior ou menor identificação com uma comunidade religiosa instalada na periferia da cidade.



INTRODUÇÃO

(Foto: DORLI Heinig Appel aos três anos. 1954. 1 fot. : p&b; 9 x 12cm.)

*Quando não existe história alguma
disponível, ela é criada.*
Paul Thompson

No decorrer dos oitocentos, a paisagem humana, sobretudo no sul do Brasil, mudou substancialmente devido à chegada de milhares de imigrantes europeus que desejavam “fazer a América”. Dentre esses, destacaram-se pela expressividade numérica e pela singularidade do complexo cultural trazido aqueles denominados pelos luso-brasileiros genericamente como alemães.

Via de regra, a historiografia tratou de entender a trajetória dessas pessoas a partir da perspectiva dos “contatos culturais”: como se deram estes entre aqueles que chegavam e uma sociedade receptora; que influências mutuamente foram

exercidas. Enfim, como a *fronteira*¹, tributária de uma identidade de um grupo, foi redefinida na situação efetiva de contato com o outro grupo.

Dentro dessa abordagem, Giralda Seyferth estudou a forma como a imprensa de língua alemã do sul do Brasil serviu simultaneamente como veículo de catalisação e de divulgação da germanidade, desde o princípio da ação da Liga Pangermânica no país até as medidas restritivas impostas pelo Estado Novo.² Já Sérgio Odilon Nadalin, ao voltar seu olhar para os luteranos instalados em Curitiba desde meados do século XIX, estudou as transformações pelas quais passaram a nupcialidade e as atitudes perante a reprodução diante de um contato mais estreito com o que chama de *sociedade receptora*, que passou gradativamente por um processo de urbanização que, paradoxalmente, foi liderado pelo elemento exógeno, ou seja, o imigrante.³

Contudo, nenhum estudo privilegiou o período do pós-guerra e as implicações da derrota alemã sobre essa identidade. É nessa lacuna que se insere o presente estudo. Esta é a história da primeira geração de descendentes nascida no Brasil após o término da Segunda Guerra. São pessoas que nasceram sobretudo na década de 1950 e que receberam como herança, dentro do complexo cultural no qual foram criadas, a religiosidade luterana. Mas um acontecimento marca

¹ No caso em questão refiro-me às idéias do antropólogo norueguês Fredrik Barth, que constitui-se em paradigma para os estudos que Giralda Seyferth realiza sobre imigração alemã no sul do Brasil. BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In : POUTIGNAT & STREIFF-FENART. **Teorias da etnicidade**. São Paulo : Unesp, 1998.

² SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis : Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

³ A título de exemplo, ver NADALIN, Sérgio Odilon. **Construção de uma cultura imigrante: comportamentos demográficos numa paróquia de origem germânica em Curitiba – séculos XIX e XX** Inédito.

singularmente suas vidas: em um determinado momento migraram, e essa ação implicou um reordenamento dos elementos constituintes de sua identidade.

Esse vem a ser o grupo que a partir de 1967 passou a constituir a Paróquia Sul de Curitiba, filiada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. São luteranos que, como veremos, nasceram sobretudo na região leste de Santa Catarina e migraram nas décadas de sessenta e setenta para a capital do Paraná, sendo que formalmente foram agregados ao grupo dos luteranos de Curitiba, mas passaram a constituir um grupo distinto daquele. Esse paradoxo justifica-se pelo fato de que, embora houvesse uma busca retórica pela unidade dos “luteranos curitibanos”, estes se reuniram e foram reunidos em paróquias com relativa autonomia em relação à comunidade tradicional, localizada no centro da cidade. Assim, embora identificados sob o manto homogeneizante da confissão religiosa, construíram espaços autônomos de exercício da religiosidade e de sociabilidades.

Outro aspecto que foi levado em consideração neste estudo foi justamente o local de inserção dessas pessoas na cidade. Como veremos no decorrer do desenvolvimento deste trabalho, entraram, por assim dizer, pela porta dos fundos, ocupando um lugar marginal no espaço urbano: a região sul, historicamente alijada das benfeitorias advindas do processo de urbanização.

Articular essas três componentes: a ancestralidade teuto-brasileira, a confissão religiosa e um passado recente de migração (com a conseqüente ocupação de um espaço periférico do cenário urbano), passou a ser o norte da pesquisa que visava verificar como se construiu e por meio de quais manifestações foi expressada a identidade dessas pessoas.

Para tanto, fez-se necessária a recuperação da história dessas diferentes instâncias. Sendo assim, o primeiro capítulo dedica-se ao exame minucioso das fontes e da possibilidade da pesquisa histórica acerca das migrações internas. É, em primeira instância, um capítulo teórico-metodológico; na prática, um complemento da presente introdução. O segundo capítulo resgata o contexto da ocupação da região leste de Santa Catarina, aqui chamada de *zona da imigração alemã*, relacionando-a a uma precoce industrialização coexistente com a pequena propriedade colonial, que décadas mais tarde viria a impulsionar a migração.

O viés institucional conduz o terceiro capítulo. Ao sintetizar a história do luteranismo no Brasil, em geral, e em Curitiba, em particular, pretende-se verificar qual foi o peso do discurso teológico sobre as manifestações da religiosidade e como esta pode ser encarada como vetor de identidade e sociabilidades. Já o último capítulo diz respeito à relação dessas pessoas com um novo lugar para morar, com novos amigos. Enfim, com a construção de um espaço comum de expressar sua fé, mas também de conviver com outras pessoas que possuem uma caminhada particular bem semelhante.

Tomado no conjunto, o presente trabalho articula níveis de micro e macroanálise. Contudo, seu objeto, em última instância, inscreve-se num ramo específico da História Social: a micro-história, uma vez que privilegia a existência de um pequeno grupo de pessoas que é numericamente inexpressivo no conjunto da população curitibana.

Essa perspectiva de análise, marcada sobretudo pela diminuição da escala, contudo, não é caracterizada pelo consenso teórico. Há aqueles que crêem ver no micro a determinação do macro, pois nessa perspectiva é nesse nível que são

geradas as formas e as relações sociais. Mas esta pesquisa toma orientação contrária. Insere-se entre aqueles trabalhos que vêm *“no princípio da variação de escala um recurso de excepcional fecundidade, porque possibilita que se construam objetos complexos e portanto que se leve em consideração a estrutura folheada do social.”*⁴ O que implica dizer que nenhuma escala tem supremacia sobre a outra, uma vez que é o estudo de diferentes escalas que traz riqueza analítica, na busca da compreensão de diferentes grupos sociais.

Nessa busca (pois desde os *Annales*, toda pesquisa histórica implica uma busca de respostas aos problemas levantados pelo próprio historiador), o que se pretende é, sem dúvida, reconstruir discursivamente a trajetória que contribuiu para a formação da identidade das pessoas que se constituem no objeto desta pesquisa. No entanto, pretende desfazer o estereótipo construído do luterano, que se encontra envolto em um manto aparente de homogeneidade.

⁴ REVEL, Jacques. Apresentação. In: _____ (Org.) **Jogos de escalas: A experiência da microanálise**. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1998. p.7 – 14.



CAPÍTULO I
MIGRAÇÕES INTERNAS :
UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

(Foto: EXCURSÃO da Juventude Evangélica de Brusque para Curitiba.
1968. 1 fot. : p&b; 9 x 13 cm.)

*Eletrizados
Cruzam os céus do Brasil
Na rodoviária
Assumem formas mil(...)
Mas há milhões desses seres
Que se disfarçam tão bem
Que ninguém pergunta
De onde essa gente vem.
Chico Buarque de Holanda*

O XV Concílio Geral aprovou por unanimidade, a realização do primeiro recenseamento da população evangélica de confissão luterana em todo o País. O processo acontecerá de maio a setembro de 1987, nas 1453 comunidades da IECLB e vai possibilitar conhecer melhor as características básicas dos membros da Igreja e reavaliar, com base nos resultados, a missão nas comunidades rurais, urbanas e Novas Áreas de Colonização⁵.

A partir dessa decisão tomada pela cúpula da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, centenas de leigos foram treinados para irem de casa em casa, onde quer que houvesse a possibilidade de residir um luterano, em busca das informações que levariam à obtenção de “*dados estatísticos básicos*.”⁶ Estes, por sua vez, segundo a justificativa da instituição, forneceriam subsídios para implementação de estratégias de missão nas diferentes partes do país.

Dessa forma, a Paróquia Sul de Curitiba – filiada à IECLB – também treinou seus recenseadores que coletaram dados referentes a 1.675 pessoas.⁷ Dessas, 521

⁵ **Informação IECLB.** Ano VIII, n.81, out./nov. 1986. p.2

⁶ *Idem.*

⁷ Ver formulário de coleta de dados em anexo, p. 140.

(31,1%) foram classificadas como “responsáveis pela casa”⁸, 346 (20,6%) pessoas eram cônjuges das primeiras; os filhos perfaziam o total de 771 pessoas (46%) e 37 (2,2%) eram outros parentes que moravam no domicílio.⁹

Até então em contato com os dados da totalização do censo, tive um problema ao compará-los com os formulários originais de coleta de dados (formulários familiares de onde derivou a totalização): esperava encontrar os 521 relativos aos membros titulares e toda a sua família, mas não era isso que se encontrava no arquivo da paróquia. Ninguém soube informar o porquê, mas havia somente 336 desses formulários. Eram, portanto, 336 famílias. Assim, foi possível ter acesso aos dados de 1.157 das 1.675 pessoas que então integravam a Paróquia, ou seja, cerca de 70% do total dos membros efetivamente recenseados em 1987.¹⁰

No manuseio desses formulários, imediatamente chamou-me a atenção o fato de que esse membro titular, via de regra, não havia nascido em Curitiba. Ou seja, entre aqueles que se encontravam em primeiro plano, 92% haviam migrado antes de morar na região pertencente à Paróquia Sul de Curitiba, o que por si só seria um fato relevante. Ao comparar os campos relativos ao cônjuge, confirmei a mesma situação. Sendo assim, o ponto de partida da pesquisa passou a ser a constatação de que a Paróquia Sul de Curitiba apresenta uma particularidade em

⁸ Aqui chamarei essas pessoas de membro titular, uma vez que é, via de regra, o seu nome o constante no quadro de membros da paróquia como sendo o chefe da família, ou seja, nos registros paroquiais e não apenas nos registros de censo elas enquadram-se nessa categoria, sendo *membros titulares* da comunidade/paróquia a qual pertencem.

⁹ Relatório de totalização do Censo realizado pela IECLB em 1987 – Paróquia Sul de Curitiba.

¹⁰ Uma questão que parece ser imprescindível de ser abordada neste momento diz respeito à representatividade desses 70%. Provavelmente demógrafos ortodoxos condenem a minha opção, mas considero mais que suficiente trabalhar com essa amostra – bastante representativa. diga-se de passagem – do grupo.

relação às demais: o fato de ser constituída sobretudo por migrantes, numa proporção muito maior do que aquela encontrada em outras paróquias de Curitiba.¹¹

Uma constatação e dois conjuntos de fontes. Justamente pela sua natureza pulverizada e qualitativa, optei por utilizar em caráter prioritário os formulários familiares de coletas de dados do censo, pois somente neles teria acesso a dados mais minuciosos relativos às pessoas como seus nomes, endereços, locais de nascimento.¹² Então, num primeiro momento, investigar os motivos que esses indivíduos teriam para migrar e de onde provinham passou a ser a principal questão. Por sua vez, isto tornou necessário entender o fenômeno das migrações internas do ponto de vista teórico.

1.1 A constituição de um campo de estudo sob diferentes abordagens

Ainda no século XIX, as migrações internas na Europa passaram a fazer parte da pauta de preocupações de estudiosos, notadamente os estatísticos. A constatação, na Inglaterra, de que esse fenômeno era sincrônico ao grande desenvolvimento industrial, foi um dos primeiros aspectos que levaram a relacionar as migrações à Economia. Nessa perspectiva, ainda no oitocentos, Ravenstein,

¹¹ Embora a totalização do censo para o conjunto dos luteranos de Curitiba não faça distinção entre adultos e crianças (o que facilitaria a distinção entre o casal e os filhos), os números da paróquia são expressivos: a Paróquia Sul de Curitiba tinha 57,48% de migrantes, enquanto as demais concentravam proporcionalmente menos: Paróquia Nordeste 52,61%, Paróquia Bom Pastor 44,42%, Paróquia Cristo Redentor 37,85% e Paróquia Norte 35,45%. Cf. Censo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil realizado em 1987, Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – dados da totalização.

¹² Obviamente esses formulários carecem de um rigor, digamos, científico. Uma vez que toda a coleta de dados foi realizada por voluntários treinados nas paróquias, com diferentes níveis de escolaridade, há que se questionar, evidentemente, acerca da confiabilidade dessas informações. No entanto, acredito que os dados essenciais para a consecução da presente pesquisa (local de nascimento, local de residência anterior, idade) estejam mais próximos da verdade, uma vez que são menos sujeitos a erros.

membro da Sociedade Inglesa de Estatística, tentou compreender os grandes fluxos migratórios decorrentes da Revolução Industrial inglesa. A partir da análise de dados de censos demográficos, desenvolveu uma série de leis, e como tais, pretendia que tivessem caráter de aplicação universal. Posicionamento perfeitamente compreensível, dado o fato que este estudo foi apresentado em 1885, na Inglaterra, num período em que o cientificismo ainda encontrava fortes ecos na produção acadêmica.¹³

Contudo, em estudos posteriores, que não mais se restringem ao caso inglês, como os de Lee¹⁴, Singer¹⁵ e Lazarte¹⁶, existe a preocupação comum em analisar os dois pólos do processo migratório, ou seja, investigar questões articuladas ao esvaziamento do campo e a crescente urbanização, sempre tendo como horizonte o

¹³ Essas leis decorrem simplesmente dos dados estatísticos extraídos dos censos demográficos, como apresento a seguir: "1) Já ficou provado que grande parte dos nossos migrantes se desloca a curta distância, ocorrendo, em consequência, mobilidade e deslocamentos gerais da população que produzem "correntes migratórias" que se orientam para os grandes centros comerciais e industriais absorvedores de migrantes (...).2) É uma resultante natural desses movimentos migratórios, limitados em alcance, mas gerais em termos do País, que o processo de absorção ocorra da seguinte maneira:- as pessoas que residem em áreas nas cercanias de uma cidade que esteja rapidamente crescendo, deslocam-se para esta, sendo os vazios deixados pela população rural preenchidos por migrantes oriundos de distritos mais remotos, até que a força de atração de uma das nossas cidades em rápido crescimento passe a ser sentida, gradativamente, nos mais remotos pontos de Reino. Consequentemente, em termos proporcionais à população natural da qual são originários, os migrantes recenseados num determinado centro de absorção crescem menos com a distância, fato este que se pode claramente demonstrar por meio de um mapa que apresente em cores o processo de absorção a nível de nossas cidades (...).3) O processo de dispersão é o inverso do de absorção e apresenta características semelhantes.4) Cada corrente migratória principal produz uma corrente inversa compensatória.5) As pessoas que migram a longas distâncias se dirigem, preferencialmente, para grandes centros comerciais ou industriais.6) Os naturais das cidades migram menos do que os naturais das áreas rurais do país.7) As mulheres migram mais do que os homens." In: RAVENSTEIN, E.G. *As leis da migração*. IN : MOURA, H.A. (Coord.) **Migração interna**: textos selecionados. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. tomo I p. 19-88

¹⁴ LEE, E.S. Uma teoria sobre a migração. IN : MOURA, *op. cit* p.89-114 (Originalmente publicado nos E.U.A. em 1966.)

¹⁵ SINGER, P.I. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. IN : MOURA, *op. cit.* p.211-244

¹⁶ LAZARTE, R. Migrantes em busca de uma teoria. *Revista Brasileira de estudos de população*. SP: v. 6, n. 2, jul./dez 1989..

fato de que esses trabalhos encontram-se inseridos na intersecção entre diferentes Ciências Sociais e com a confissão de que esses fenômenos são de difícil teorização. A História, salvo alguns poucos trabalhos, reservou-se a um grande silêncio com relação à questão.

Se aceita a argumentação de Lee,¹⁷ pode-se crer que tal silenciamento deve-se à própria dificuldade de execução da pesquisa, que requer a manipulação de grande quantidade de dados, o que *per se* geraria essa apatia. Entretanto, prefiro não seguir esse raciocínio e acreditar que o desinteresse dos historiadores pelo tema decorre da relativa dificuldade em analisar historicamente esse fenômeno.

Singer discute a possibilidade da teorização acerca das migrações internas. Ele afirma que elas são historicamente condicionadas:

Como qualquer outro fenômeno social de grande significado na vida das nações, as migrações internas são sempre historicamente condicionadas, sendo o resultado de um processo global de mudança, do qual elas não devem ser separadas. Encontrar, portanto, os limites da configuração histórica que dão sentido a um determinado fluxo migratório é o primeiro passo para o seu estudo.¹⁸

É interessante notar que, apesar de apontar as condicionantes históricas dos fluxos migratórios, em nenhum momento o autor considera a possibilidade de as migrações constituírem-se num objeto específico de estudo por parte da História; esta sim, constituir-se-ia num meio, em suas palavras *num primeiro passo* para sua compreensão. Em resumo, a História seria um domínio do conhecimento de natureza limitada para estudar as migrações.

¹⁷LEE, E. Uma teoria sobre a migração. IN : MOURA,. *Op. cit.* p.97

¹⁸SINGER,P.I. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. IN : MOURA, H.A.(coord.) **Migração interna**: textos selecionados. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. p.217.

Entretanto, de todas as reflexões apresentadas a esse respeito, a de Rolando Lazarte¹⁹ é particularmente estimulante. Numa nota de pesquisa, ele critica a ênfase que esses estudos colocam nos dados quantitativos – como os censos demográficos – que, segundo ele, tornam a análise da migração um estudo de coisas e não de pessoas.

Nessa perspectiva, encontram-se as considerações de Martine²⁰ e Rosental.²¹ O primeiro compreende que o instrumental demográfico constitui-se num meio de conhecer melhor a História Econômica do Brasil, embora entenda que a escassez de informações sobre os deslocamentos populacionais no passado represente uma limitação. Já o segundo, numa tentativa de aproximar as análises de seu objeto – as pessoas – defende que as migrações sejam *um meio* de verificar outros fenômenos que não, necessariamente, de natureza demográfica.

Dessa forma, apresentam-se duas perspectivas que de maneira alguma são conflitantes, pelo menos para os historiadores. Ambas pressupõem o remetimento aos dados estatísticos acerca de um universo de pesquisa. No entanto, enquanto para alguns a pura análise dessas informações corresponda a um trabalho, para outros é apenas uma primeira etapa, que conduziria a um esforço analítico que extrapola a fronteira da Demografia.

A partir dessas considerações, privilegio aqui a perspectiva de que o instrumental demográfico constitui-se *num meio* de perceber questões relacionadas

¹⁹LAZARTE, R. *op. cit.* p.110

²⁰MARTINE, George. **As migrações de origem rural no Brasil: uma perspectiva histórica.** In: NADALIN, S.O. *et alii*(Org.) **História e População: estudos sobre a América Latina.** São Paulo : Fundação SEADE, 1990.

²¹ ROSENTAL, Paul-André. **Maintien/rupture : un nouveau couple pour l'analyse des migrations.** **Annales E.S.C.** Paris, v. 45, n.6, 1990.

sobretudo à identidade – aqui entendida de maneira ampla, sem o estabelecimento de relação com a etnicidade, tão própria da Antropologia – das pessoas que em 1987 conformaram a Paróquia Sul de Curitiba.

Antepondo-se à pesquisa, questões relacionadas ao auto-reconhecimento dessas pessoas já se faziam presentes. Buscar entender quem eram e qual o peso da paróquia sobre a sua identificação passou a ser a linha de chegada de uma história que iniciaria com o mapeamento dos movimentos migratórios e sua relação com a urbanização da região sul da capital paranaense.

1.2 Luteranos no Brasil: imigrantes, migrantes internos...

Grosso modo, os luteranos no Brasil encontram-se relacionados à descendência dos imigrantes germânicos, uma vez que foram pessoas identificadas pelos luso-brasileiros genericamente como alemães, que trouxeram essa denominação ao país a partir da grande imigração no século XIX. Sua chegada ao Brasil teve início a partir de 1824, e sua instalação, em particular na Região Sul, deu-se com amplo apoio do Governo Imperial. Inicialmente, os principais objetivos desse tipo de imigração eram promover o branqueamento da população brasileira, através da miscigenação, e ocupar os considerados “vazios demográficos” localizados na região, promovendo a integração das regiões fronteiriças;²² posteriormente questões como a formação de uma classe média entre senhores e escravos passaram a

²² PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

integrar o rol de justificativas.²³ A forma pela qual os imigrantes foram instalados na Região Sul – as colônias – marcaram singularmente Santa Catarina e Rio Grande do Sul (os grandes centros coloniais) que por conta disso se tornaram objeto de estudo por parte da historiografia. É nesse contexto que encontramos referências à questão da migração interna de alemães e seus descendentes.

Segundo a descrição de Jean Roche,²⁴ o processo por ele denominado de “enxamagem dos pioneiros”²⁵ deu-se em quatro etapas: num primeiro momento, até 1850, ocupando as regiões periféricas de São Leopoldo, a primeira colônia alemã do Rio Grande do Sul, localizada próximo a Porto Alegre. Esse processo foi confundido com a própria expansão territorial das colônias, uma vez que ainda era muito significativo o número de imigrantes. Percebe-se aqui a passagem de uma geração (1824 – 1850). Um segundo momento – que se estendeu até 1890, portanto marcando a passagem de mais uma geração – caracterizou-se pela fundação de novas colônias, localizadas ao pé da Serra. Embora a chegada de imigrantes continuasse expressiva, foi nesse momento significativa também a acomodação nessas colônias de novos casais, descendentes dos pioneiros. Já o terceiro momento apontado pelo autor, ocupou o planalto gaúcho.

As novas colônias receberam mais descendentes de antigos colonos que imigrantes : desde o advento da República, o Governo do Rio Grande do Sul, pouco favorável à grande imigração, desejava antes absorver os excedentes da população colonial que já existiam; as Associações rurais que então se fundaram, tiveram o mesmo fim; só algumas empresas privadas, como a de H. Meyer, procuraram introduzir imigrantes, e acabaram povoando seus

²³ KOHLHEPP, Gerd. Contribuição da população teuto-brasileira ao processo de colonização e desenvolvimento econômico do Brasil meridional. In : Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros. (3.:1974 : Porto Alegre). **Anais**. Porto Alegre : URGs, 1980. p.63-76

²⁴ ROCHE, Jean. *A enxamagem dos pioneiros*. In: _____. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre : Globo, 1969. P. 319-386.

²⁵ Ellen Woortmann usa o esquema teórico de Jean Roche para explicar a migração das famílias de alemães e descendentes do oeste de Santa Catarina, seu objeto de pesquisa. Ver: WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo : Hucitec, 1995. p.104ss.

estabelecimentos principalmente com filhos de colonos. Foi, portanto, através de sua enxamagem que os colonos alemães trouxeram a maior contribuição à exploração das zonas do Planalto, que os luso-brasileiros haviam deixado desertas.²⁶

O quarto momento desse processo, após a enxamagem de mais uma geração, diz respeito ao êxodo do Rio Grande do Sul, que teve início em 1914. Primeiramente esses migrantes dirigiram-se ao oeste de Santa Catarina, ocupando esta região que se constituía no último “vazio demográfico” daquele estado. Em seguida, atraídos inicialmente pela possibilidade da prática da cafeicultura que fazia fortunas no norte paranaense e pela qualidade do solo, esses migrantes gaúchos, de ascendência alemã, passaram a dirigir-se ao oeste e sudoeste do Paraná, ocupando também o que até então eram “vazios demográficos”. Cabe ressaltar que esse movimento migratório não foi exclusivo dos descendentes de alemães. Estes foram precedidos pelos descendentes de italianos.

Entretanto, o que explicaria tal fenômeno migratório?

Em cada zona, o crescimento, mais que aritmético, da população, impossibilitava o estabelecimento no mesmo local da nova geração de agricultores. Era incompatível com a estrutura agrária e com a técnica agrícola. A subdivisão da pequena propriedade entre os co-herdeiros chocava-se depressa com os próximos limites, traçados pela impossibilidade de alimentar mais homens em terras cujo rendimento baixava rapidamente. A emigração dos excedentes da população campesina fazia-se, pois, necessária.²⁷

É desta forma que regiões periféricas àquelas de cultura do café, no Paraná, passaram a obter incremento demográfico. A agricultura de subsistência garantiu a manutenção das famílias que então chegavam e modificou o perfil econômico de toda aquela região.²⁸

²⁶ ROCHE, *op. cit.* p.325

²⁷ *Idem.* p. 360-61.

²⁸ BREPOHL, Marionilde Dias. *Arrendantes e arrendatários no contexto da soja: região de Cascavel, Paraná – 1960 - 1980.* Curitiba, 1982. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

A partir dos anos cinquentas, mas sobretudo nos anos sessenta e setenta, o oeste e o sudoeste do Paraná passaram por processos que culminaram com o apogeu da sojicultura nos anos setenta. É um processo lento, que se inicia com a construção de vias férreas e rodoviárias que ligam a região ao restante do estado e culmina com a concentração fundiária, agudizada nos anos setenta com a política agrária da Revolução Verde,²⁹ que visava à modernização de culturas agro-exportadoras, tais como a soja. Entretanto, as exigências para a obtenção de crédito encontravam-se muito além das possibilidades dos pequenos e médios proprietários da região. É à luz dessas constatações que devem ser entendidos os processos de incremento populacional de dois grandes centros da região: Foz do Iguaçu e Cascavel.³⁰

A partir desses fatos pode-se compreender a mudança do perfil agrário de toda a região. O sistema campesino, típico dos colonos, que privilegiava as culturas de subsistência era incompatível com a monocultura da soja, intimamente relacionada ao capitalismo.³¹ Assim, toda essa região, caracteristicamente formada

²⁹ O debate acerca do êxodo rural, especificamente nesta região do Paraná, apresenta diferentes elementos, de acordo com o autor e com a época em que os trabalhos foram produzidos. BREPOHL, no início da década de oitenta, afirmava que essas migrações foram impulsionadas pela conjugação de dois fatores: a facilidade do acesso à região, via construção de estradas e a um crescente processo de concentração fundiária, embora não aponte seus condicionantes. Já MARTINE, no início dos anos noventa, destaca principalmente o impacto da Revolução Verde, que se constituía, durante o Regime Militar, numa política de incentivo ao setor primário da economia, com vistas a incrementar o setor agroexportador, objetivando torná-lo competitivo. Esta política, segundo o autor, conduziu ao processo de concentração fundiária, expulsando grandes contingentes populacionais e impulsionando o processo de urbanização do Estado. Para mais detalhes, ver: BREPOHL, *op. cit.* e também MARTINE, George. *As migrações de origem rural no Brasil: uma perspectiva histórica*. In: NADALIN, S. (Org.) *História e População: estudos sobre a América Latina*. SP: Fundação SEADE, 1990.

³⁰ Há mais um fator que impulsionou o processo de urbanização na região no período: a formação do lago e a construção da Hidrelétrica de Itaipu, que expulsou trabalhadores rurais mas também atraiu muitos para a região, buscando trabalho no canteiro de obras.

³¹ PADIS, Pedro Calil. **A formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. São Paulo: Hucitec, 1981.

por pequenas propriedades, passa a ser uma região latifundiária. A primeira consequência disso é um forte movimento migratório rural-urbano intra-regional.³²

Se, primeiramente, a tendência era de incrementação populacional dos centros urbanos da região, num segundo momento os agricultores passam a dirigir-se às novas fronteiras agrícolas (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia) ou para a Região Metropolitana de Curitiba.³³

Estabelecer relação entre esses dois fenômenos – a enxamagem dos pioneiros e o esvaziamento do campo no oeste e sudoeste do Paraná a partir dos anos sessenta – passou a constituir uma etapa necessária que me levaria à elaboração de uma hipótese que poderia explicar o contexto no qual viriam a se inserir as pessoas que constituíam a Paróquia Sul de Curitiba. Dessa forma, haveria um nexo causal entre a natureza da ocupação da terra no oeste de Santa Catarina, sudoeste e oeste do Paraná e o fenômeno do incremento demográfico constatado na capital paranaense, que teve início a partir da segunda metade do século. Assim, seria modal encontrar gaúchos que migraram da região ocidental de Santa Catarina ou do Paraná e catarinenses oriundos daquelas mesmas regiões.

No entanto, ao voltar o olhar para os dados de que dispunha, deparei-me com uma surpresa: a proporção de gaúchos no conjunto dos membros titulares da paróquia é muito pequena, destacando-se expressivamente os catarinenses. Os

³² Um exemplo de como essas oscilações na política agrária afetou as vidas de descendentes de alemães de confissão evangélico-luterana pode ser conferido em SCHALLENBERGER, Erneldo & COLOGNESE, Silvio Antonio. *Migrações e comunidades cristãs: o modo-de-ser evangélico-luterano no Oeste do Paraná*. Toledo : EDT, 1994.

³³ Marisa Valle MAGALHÃES atenta para o fato de que o incremento populacional da Região Metropolitana de Curitiba nesse período ganha o sentido de periferização. Segundo ela, na década de 1980, enquanto a população de Curitiba crescia 2,3% a.a., nos demais municípios o crescimento era da ordem de 5,1% a.a.. O peso da população da capital no conjunto da Região Metropolitana cai de 71% para 66%. MAGALHÃES, M.V. *O Paraná e as migrações: 1940-1991*. Belo Horizonte: 1986. Dissertação (Mestrado em Economia), CEDEPLAR, UFMG.

dados que serão apresentados a partir de agora dizem respeito apenas a estes, num total de 336 pessoas. Destes, 251 pessoas (74,7% do total) são migrantes que circularam *exclusivamente* pelos estados da Região Sul, sendo nela nascidos. Observemos os dados da tabela a seguir:

Tabela 1 – RELAÇÃO ENTRE NASCIMENTO E MIGRAÇÃO DOS MEMBROS TITULARES DA PARÓQUIA SUL DE CURITIBA NASCIDOS NAS UFs DA REGIÃO SUL

UF de nascimento ⇒ Nascimento X migração ↓	PR	SC	RS	Total
Migraram do município onde nasceram	30,6 % 38	55,6 % 69	13,4 % 17	100% 124
Realizaram uma etapa da migração na UF de nascimento	22,8 % 16	62,8 % 44	14,2 % 10	100% 70
Realizaram uma etapa da migração em SC	60% 3	– –	40% 2	100% 5
Realizaram uma etapa da migração no PR	– –	64% 32	36% 18	100% 50
Realizaram uma etapa da migração no RS	0 0	100 % 2	– –	100% 2
Total	22,7 % 57	58,5 % 147	18, % 47	100% 251

Fonte: Formulários do Censo realizado pela IECLB em 1987 (Paróquia Sul de Curitiba).

Uma primeira observação dos dados releva o fato de que a maioria dos membros titulares (36,9% do total) migrou diretamente do município onde nasceu, e destes a maior parte é nascida em Santa Catarina (constatação que se mantém para as demais possibilidades de relação entre nascimento e migração). A partir desse fato, na tentativa de aproximar esse objeto dos dois modelos migratórios

apresentados anteriormente, foram localizados os municípios de nascimento e migração, à espera de encontrar uma maioria de nascidos na região oeste de Santa Catarina. Contudo, a maior parte desses catarinenses é oriunda da porção oriental do estado (85% dos membros titulares nascidos naquela UF).³⁴

Essa constatação me levou ao acréscimo de dois objetivos ao trabalho: o primeiro deles, explicar porquê, contrariando o percurso histórico de migração interna dos descendentes de alemães, esses migrantes são oriundos em sua maioria da região leste de Santa Catarina e não do Rio Grande do Sul e do Oeste catarinense (opondo-se dessa forma ao modelo da enxamagem descrito por Jean Roche); em segundo lugar, que relação existia entre esses luteranos – que, como veremos no decorrer deste estudo, chegaram em Curitiba sobretudo na década de 1970 – com aqueles instalados há mais tempo na cidade e que constituíram inicialmente a Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba.

Para atingir tais objetivos, os dados obtidos a partir dos formulários utilizados no Censo de 1987 eram insuficientes. Então, aproveitando-me do fato de que o contato com muitas dessas pessoas era viável, procedi de duas maneiras: após um levantamento junto à paróquia sobre os membros recenseados que ainda se mantinham ligados a ela, enviei uma correspondência, solicitando que respondessem a um questionário anexo. Objetivava, assim, verificar a confiabilidade das informações contidas nos formulários familiares do censo (justificando dessa forma a repetição de questões apresentadas naquele), além de verificar, por amostragem, os fatores que levaram à migração e à escolha da região sul de Curitiba como local de residência. Das 185 cartas enviadas, 56 membros titulares ou cônjuge enviaram resposta. Foi de acordo com a disponibilidade dessas pessoas

³⁴ Observar os mapas que se encontram em anexo, p. 147.

que realizei as entrevistas, com o objetivo de me aproximar mais de questões que extrapolam os limites possibilitados pelo conteúdo dos formulários de coleta de dados.³⁵

A abordagem durante as entrevistas foi no sentido de fazer com que a pessoa entrevistada viesse a se tornar sujeito da própria história, organizando e selecionando dados da sua vida que julgasse relevantes. As perguntas encaminhavam para três eixos: memórias do lugar onde nasceu, motivações para a migração e a chegada a Curitiba e sua relação com a Paróquia Sul. No entanto, para alguns foi simplesmente questionado sobre o porquê de ser luterano.

As entrevistas foram dessa forma privilegiadas, primeiramente porque intencionava-se realizar um trabalho que relacionasse as migrações internas – objeto da demografia – a trajetória de vida dessas pessoas, construindo uma história de “carne e osso”, de memórias, de paixões. Dessa forma, compreende-se a necessidade imperativa do uso dos procedimentos de história oral que

Pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; (...) e na produção da história pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.³⁶

Dessa forma, espero tornar possível entender como se construiu a identidade das pessoas agrupadas na Paróquia Sul de Curitiba, levando em conta que esta encontra-se articulada à ancestralidade alemã (o que me leva a optar por um recorte diacrônico), a uma herança confessional evangélico-luterana (e qual o peso do discurso e da prática teológicos sobre a formação humana) e a um passado

³⁵ O modelo do questionário e a transcrição das entrevistas encontram-se em anexo (páginas 142 e 102 respectivamente).

³⁶ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992. p.22

recente de migração (que se articula também à urbanização de parte do espaço urbano até então marginal : a região sul da cidade). Afinal *“como o povoamento e a exploração de novas regiões, a evolução dos grupos constituídos pelos colonos alemães se esclarece à luz da história de suas migrações internas. Estas, dadas sua amplitude e duração, tiveram mais importância do que o próprio movimento migratório.”*³⁷

Além disso, este trabalho quer ser uma contribuição ao entendimento do processo de composição da população curitibana no decorrer da segunda metade do século XX, uma vez que a entrada de estrangeiros cai consideravelmente e o seu crescimento é basicamente consequência das migrações internas.

³⁷ ROCHE, *op. cit.*, p.319



CAPÍTULO II
PAIS CATARINENSES, FILHOS CURITIBANOS

(Foto: TERRENO da futura comunidade evangélica do Boqueirão. Cerca de 1967. 1 fot. : p&b ; 18 x 24 cm.)

Só quando colonos morigerados e laboriosos vierem povoar vossas terras vastas e fecundas, aparecerá a abastança dos gêneros alimentícios e abundantes sobras do consumo irão dar nova vida ao comércio de exportação dos produtos agrícolas.

**Francisco Liberato Mattos – pres.
Província do Paraná, 1858.**

As primeiras colônias de imigrantes alemães instaladas no sul do Brasil – São Leopoldo (1824 – RS) e Rio Negro (1829 – SP, mais tarde parte do Paraná) – foram fundadas por iniciativa do Governo Imperial, sendo que outros empreendimentos foram por ele implementados para garantir a acomodação de imigrantes de várias nacionalidades. Contudo, a partir de 1830, devido aos constantes fracassos nas empresas coloniais, foi sancionada uma lei impedindo o Erário de promover gastos com projetos dessa natureza. Em 1834, por meio de Ato Adicional, a competência no concernente à colonização passou para as províncias, e cada uma elaborou política própria, autônoma em relação às demais.

Na província de São Paulo havia dois interesses em conflito: por um lado, aqueles que defendiam a colonização como forma de garantir a agricultura de subsistência no interior das comarcas (destacando-se no caso, a Quinta Comarca –

o Paraná) e, de outro, os latifundiários cafeeiros, interessados na mão-de-obra imigrante. A partir de 1853, com a emancipação política da Província do Paraná, a política imigratória foi orientada para a colonização, com vistas a suprir demandas por gêneros de subsistência e ocupar a nova província do Império. Dessa forma, entre 1860 e 1878 foram criados mais de sessenta núcleos coloniais, ocupados por pessoas das mais diferentes nacionalidades.³⁸

Nesse período, as autoridades provinciais constataram a prosperidade dos alemães que fixaram residência em Curitiba. Havia aqueles que, provenientes de Rio Negro, instalaram-se sobretudo no rocio da cidade, juntamente com alguns daqueles que devido à inadaptabilidade ao sistema colonial e/ou inaptidão para o trabalho agrícola, saíram das regiões coloniais em Santa Catarina (sobretudo a colônia Dona Francisca) a partir da segunda metade do século. Ao ocupar o rocio, envolveram a capital num cinturão colonial norte-noroeste-nordeste.

Contudo, houve aqueles que, no último quartel do XIX, oriundos também das regiões coloniais de Santa Catarina, passaram a ocupar o centro, dominando setores específicos da economia da cidade. Na verdade, eles também acompanharam o amplo processo de urbanização do período.

Em ambos os casos, trouxeram consigo outras concepções de espaço urbano e arquitetura. Diferentemente dos luso-brasileiros, utilizavam métodos de construção considerados avançados que requeriam tijolos e areia, embora mantivessem suas moradias organizadas como propriedades rurais. *“Os alemães, assim como outros imigrantes, tinham uma proposta de espaço urbano contrária à dos vereadores.(...)”*

³⁸ MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente:** ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989[1955]

Eles procuravam cercar suas casas com jardins, hortas e pomares, reintroduzindo o rural no espaço urbano, opondo-se com sua arquitetura aos princípios do que a Câmara estatuiu como urbano.”³⁹

A imigração fora incentivada para, num primeiro momento garantir o abastecimento da província de gêneros de subsistência e, posteriormente, para o aproveitamento de parte do contingente, alemão sobretudo, na construção civil; contudo, para muitos desses imigrantes, remigrantes que se recusaram a lavrar a terra em Santa Catarina, viver em Curitiba significava a possibilidade concreta de exercer atividades tipicamente urbanas, já desenvolvidas na Europa. Sendo assim, os alemães em Curitiba ultrapassaram a barreira da previsibilidade das autoridades provinciais: dessa forma, passaram a ocupar uma parte do mercado curitibano, dominando setores específicos da economia. Esse grupo constituiu um dos setores da classe média curitibana para o período, e tudo indica para uma condicionante de classe nesse tipo de identificação,⁴⁰ além do fato de que grande parte desses imigrantes era de confissão evangélico-luterana.

³⁹PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **Fazendeiros, industriais e não-morigerados:** ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829–1889). Curitiba, 1993. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná. p.190 O autor descreve a legislação de ocupação do espaço urbano do século XIX como sendo uma espécie de reedição dos provimentos do ouvidor Pardinho de 1721. Dessa forma, a cidade estaria organizada cartesianamente, com ruas retas e com residências de fachadas uniformes. As atividades de subsistência, bem como as choupanas deveriam concentrar-se nos rios, em volta das cidades.

⁴⁰ MACHADO, Cacilda da Silva. **De uma família imigrante:** sociabilidades e laços de parentesco.(Curitiba : 1854 - 1991) Curitiba, 1994. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

2.1 – A Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba

Ora, a imigração alemã no Brasil criou um paradoxo legal: se, por um lado, a Constituição de 1824 instituía a religião oficial do Império – a Católica Romana – por outro lado, as estratégias de colonização incentivaram, como meio de atrair e manter imigrantes nas colônias, a construção de igrejas e subvenção da vinda de pastores evangélicos para o país. Contudo, embora houvesse esse tipo de incentivo, os casamentos realizados nos templos evangélicos não tinham validade legal, a despeito de todas as reivindicações em contrário; além do fato de que os não católicos encontravam-se impedidos de sepultar seus mortos nos cemitérios públicos, justamente porque estes encontravam-se vinculados à Igreja Católica.

Porém, em áreas que não eram coloniais mas concentravam imigrantes de outras denominações que não a Católica Romana – como Curitiba – o incentivo à instalação de pregadores evangélicos não existiu.

A união entre a Igreja e o Estado criava assim uma série de problemas para o imigrante não católico. A ausência do que seria depois o registro civil, fazia da certidão de batismo católico a sua certidão de identidade. Os cemitérios pertenciam às irmandades e paróquias ou eram por elas administrados. Nestes cemitérios era proibido o enterro de não batizados ou de hereges, cismáticos ou excomungados, discriminando as pessoas de outra confissão religiosa. A situação mais grave no entanto, era a questão dos casamentos. O único casamento reconhecido pelas autoridades civis era o realizado perante um padre católico. Os protestantes que não se submetiam a este ato ficavam em situação de concubinato e os filhos eram considerados ilegítimos. Somente depois do Decreto nº 1144, de 11 de setembro de 1861 e do Decreto nº 3069, de 17 de abril de 1863, é que os casamentos acatólicos foram regulamentados e passaram a produzir efeitos civis. Porém, o casamento entre católicos e protestantes, os chamados casamentos mistos, foram motivo de muitas polêmicas até o advento da República.⁴¹

Fruto desse desamparo legal e espiritual, surgiu a primeira manifestação da capacidade associativista desses imigrantes na cidade: a *Deutscher Evangelischer Friedhofsverein* (Associação do Cemitério Evangélico Alemão), embrião da futura

comunidade religiosa. Através dessa entidade é que os protestantes conseguiram em 30 de setembro de 1857, “50 braças quadradas no – ‘alto além da Glória’ – para edeficarem um Cemiterio.”⁴² Sendo que se supõe que o terreno concedido já era utilizado anteriormente para sepultamentos.⁴³

Possivelmente a partir da associação que administrava o cemitério, um grupo de pessoas passou a custear a vinda de um pastor itinerante, que vinha atender aos fiéis cobrando um mil réis por culto realizado. O pastor Johann Friedrich Gaertner, anteriormente radicado em Joinville, em 1862 transferiu-se em definitivo para Curitiba. Naquele ano, a lista associativa, cujos signatários mantinham o pastor, era composta por vinte famílias. Já em 1866 constituía-se em cinquenta famílias. Por sinal, esse foi o ano que seus participantes criaram a *Deutsche Evangelische Kirchen Gemeinde* (Comunidade da Igreja Evangélica Alemã), data oficial, por assim dizer, de criação da Comunidade.

Nesse período, o pastor Gaertner, professor de formação (era um pastor leigo), assumiu a educação dos jovens da comunidade. Inicialmente as aulas eram ministradas no sótão da casa pastoral, sendo que a partir da construção da igreja, esta foi sendo ocupada durante a semana para as aulas. Isso perdurou até a constituição da Associação da Escola Alemã (*Verein Deutsche Schule*) que, embora desvinculada da Comunidade religiosa, de caráter interconfessional, continuou

⁴¹ VECHIA, Ariclê. Imigração e atritos religiosos em Curitiba: 1853/1889. In: Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (15 : 1995 : Rio de Janeiro). **Anais**. Curitiba: SBPH, 1996. p. 211-214

⁴² BOLETIM DO ARCHIVO MUNICIPAL DE CURITYBA. Actas das Sessões da Camara. Curitiba, 60, 1932. p.76 apud: NADALIN, Sérgio Odilon. **A origem dos noivos nos registros de casamentos da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba.**(1870 – 1969) Curitiba, 1974. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná. p.20

⁴³ NADALIN, *op. cit.* p. 21

funcionando na igreja, pagando aluguel à comunidade até 1892, quando foi transferida para terreno cedido pela Câmara Municipal na Praça Dezenove de Dezembro.⁴⁴

Em função de desavenças em torno da escola que houve uma cisão na comunidade na virada do século. Em 1900, o pastor Siegfried Schulz, discordando do fato de o ensino religioso ter sido retirado do currículo da Escola Alemã, fundou uma escola confessional ligada à igreja. A maior parte dos membros, liderados pelo presbitério, discordando dessa decisão que obrigaria o pastor a acumular funções, optou pelo seu afastamento. O grupo minoritário, que apoiava o pastor, aglutinou-se numa outra associação – *Evangelische Lutherische Christugemeinde*, Comunidade Evangélica Luterana de Cristo – ,cuja origem encontrou nessa discórdia apenas a gota d'água para sua fundação.

Num nível mais profundo, parece-me que as expressões *Kleinekirche* e *Grossekirche* (pequena igreja e grande igreja) traduziam às vezes uma pesada carga pejorativa – certos membros da “Christugemeinde”, por exemplo, desconfiadamente referiam-se aos membros do grupo maior como os ricos. Sem dúvida, a vocação missionária da comunidade da rua Inácio Lustosa dirigiu-se principalmente para a periferia da cidade (Vila Guaíra, Barreirinha, Araucária e Piraquara) e isto não deve ter sido mera coincidência. Logo, o trabalho se desenvolveu para núcleos mais distantes como Morretes, Paranaguá, Antonina e aqueles de mais difícil acesso, ainda no litoral, como Serra Negra e colônia Limeira.⁴⁵

Dessa forma, em 1947, quando as duas comunidades voltaram a se unir, já havia o desenvolvimento do trabalho missionário em áreas periféricas, capitaneadas pelas pessoas do grupo menor. Contudo, o entendimento do que viria a ser missão restringia-se ao atendimento de luteranos dispersos por essas localidades, sem características de proselitismo. À medida que chegavam novos membros, sobretudo

⁴⁴ NADALIN, Sérgio Odilon. A colonização alemã e os luteranos em Curitiba. In: **Ciclo do pensamento curitibano**, 1. Curitiba : FCC, 1984. p.47-54

⁴⁵ NADALIN, A colonização alemã... p. 51

das regiões coloniais de Santa Catarina, era-lhes ofertado o atendimento de uma nova comunidade.

Assim, quando na década de 1960 demandou-se por ações que visassem atender aos fiéis recém-instalados na região sul da cidade, já havia o entendimento dessa necessidade por parte do grupo, uma vez que a entrada de migrantes constitua-se numa constante na história da comunidade. No entanto, o que diferencia esse momento dos demais é a intensidade do fluxo migratório e sua espacialidade.

2.2 – As colônias catarinenses: zona da imigração alemã

Explicar de que maneira a organização das colônias catarinenses e seu desenvolvimento econômico e urbano impulsionaram a migração torna-se uma etapa necessária do trabalho, dada essa regularidade de migrantes oriundos daquela região.

Toda a área do estado de Santa Catarina ocupada pelas colônias e pela “remigração”⁴⁶ de colonos, constitui o que passo a chamar de *zona da imigração alemã*. Não é de forma alguma uma região historicamente formada de maneira homogênea, nem tampouco uma região geográfica – como é o caso do sudoeste e oeste do Paraná – tendo em comum o fato de ter sido povoada pelo elemento teuto-brasileiro. Ao contrário do Paraná, a iniciativa da colonização nesta província foi predominantemente privada, promovendo grande parte da ocupação do solo

⁴⁶ O termo “remigração”, da forma como empregado neste trabalho, é aplicado com frequência nos trabalhos desenvolvidos pelos professores do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. É um “neologismo” que significa “migrar novamente”.

catarinense, embora a saída de pessoas dessa região rumo a Curitiba pareça ser uma constante.

Na análise da origem dos noivos na Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, Nadalin constata que o afluxo de catarinenses passou por três fases: a primeira, durante os dez primeiros anos, aponta para um aumento da proporção destes no conjunto da população protestante. O segundo, que se estende até meados da década de 1920, caracteriza-se pela queda proporcional. A partir desse momento até o término do recorte temporal (que coincide com a chegada dos membros da Paróquia Sul) a tendência é de alta, sendo que no último decênio (1960) a proporção de noivos catarinenses é de 24,5%,⁴⁷ e portanto muito próxima da proporção de catarinenses apontados pelo censo de 1987 (37,2%).

A *zona da imigração alemã* corresponde à área de abrangência de três colônias em Santa Catarina: Blumenau, Joinville e Brusque, sendo esta última de iniciativa provincial, enquanto as outras duas constituíam empreendimentos privados. Portanto, entender sua ocupação e a sua dinâmica econômica numa perspectiva de longa duração passa a ser necessário para explicar o êxodo daqueles que na segunda metade do século XX passam a conformar a Paróquia Sul de Curitiba.

Enviado ao Brasil como representante da Sociedade de Proteção aos Imigrantes no Sul do Brasil, com o objetivo de estudar as condições da migração no país e as possibilidades de aquisição de terras com vistas à instalação de novos empreendimentos coloniais, Hermann Bruno Otto Blumenau acabou por conta

⁴⁷ NADALIN, *A origem dos noivos...* p.103

própria realizando um empreendimento colonial.⁴⁸ Inicialmente em sociedade com Fernando Hackradt, estabeleceu na região do rio Itajaí Açu a sua colônia, cujos primeiros habitantes chegaram em 1850.

Seguindo o curso dos rios da região, a colônia foi se expandindo a princípio sob a tutela do próprio Dr. Blumenau. Dessa forma as margens do rio do Testo, Ribeirão Branco, Passo Manso, do Encano e outros foram povoadas pelo elemento de origem teuta, originando localidades como Pomerode, Indaial, Timbó, Rodeio. Toda essa região, com superfície aproximada de 9.500 Km², correspondente a cerca de 10% da área total do estado de Santa Catarina, constituiu o município de Blumenau.⁴⁹

Distrito de Itajaí, Blumenau veio a se emancipar em 1883,⁵⁰ passando a ser composto dos seguintes distritos e povoações que mais tarde conquistaram igualmente emancipação: Pomerode, Timbó, Rodeio, Ascurra, Gaspar, Indaial, Massaranduba, Rio do Sul, Taió, Benedito Novo, Presidente Getúlio, Braço do Trombudo, Trombudo Central, Lontras. A *maioria* dessas localidades surgiu como expansão da colônia-sede, seja como parte integrante da propriedade da colônia, bem como por aquisição posterior junto a luso-brasileiros (como é o caso de Indaial).

Essas colônias eram organizadas como agrovilas. Contudo, como o perfil dos imigrantes nem sempre era de camponês, com o passar do tempo foram sendo instaladas pequenas casas de comércio e uma incipiente indústria, de caráter mais

⁴⁸ FICKER, Carlos. **São Bento do Sul: subsídios para a sua história.** São Bento do Sul: [s.n.], 1973. p.14

⁴⁹ SILVA, J. Ferreira da. **História de Blumenau.** Florianópolis: Edeme, 1972. p.28

⁵⁰ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Op. cit.*

artesanal: cervejarias, ferrarias, manufaturas de couro,⁵¹ que mudou lentamente o perfil econômico da região.

No ano de 1848 eclodira a Revolução que culminou com a queda do rei Luiz Filipe da França. Seu filho, Francisco de Órleans, havia se casado com a princesa Dona Francisca, irmã do Imperador Pedro II, e recebera como parte do dote nupcial uma área de terras devolutas na então província de Santa Catarina. Com o exílio na Inglaterra, devido à Revolução, e com a escassez de recursos, o príncipe de Joinville oferecera parte daquelas terras ao senador hamburguês Christian Mathias Schroeder.⁵²

Em cumprimento a uma das condições contratuais, foi fundada em Hamburgo uma empresa de capital aberto, a *Kolonisations-Verein von 1849 in Hamburg* (Sociedade Colonizadora Hamburguesa), que mediante maciça propaganda, atraiu os primeiros colonos que se instalaram num pequeno núcleo colonial às margens do rio Cachoeira. Dessa forma iniciou-se a formação da Colônia Dona Francisca (futuro município de Joinville).

No entanto, havia a necessidade por parte da colônia de manter ligação terrestre com o planalto, que possibilitaria a chegada a Curitiba. Por um lado, isso fazia-se necessário para garantir o escoamento da produção colonial para o planalto, por outro, esperava-se, desta forma, obter o abastecimento da colônia com

⁵¹ Paul I. SINGER apresenta dados completos sobre o perfil dessa pequena indústria na região de Blumenau. SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana** : análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo : Nacional, 1977.

⁵² SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. **Povoamento, imigração, colonização**: a fundação de Blumenau e de Joinville. Joinville: [s.n.], 1983.

carne fresca, toucinho, couro e gado.⁵³ Havia já uma estrada, que se encontrava em péssimas condições. Numa ação conjunta entre governo provincial e direção da colônia, foi possibilitado o início das obras da Estrada da Serra, mais tarde chamada de Estrada Dona Francisca. A obra, executada por colonos recém-chegados, foi subvencionada pela província de Santa Catarina. A estrada foi concluída em sua ligação com Rio Negro em 1877.

Como as terras disponíveis na colônia esgotavam-se, em 1871 foi firmado um novo contrato entre a Sociedade e o governo imperial, prevendo a ocupação de terras devolutas no planalto nos mesmo termos do contrato anterior: assim, em 1873 iniciava a colonização do futuro município de São Bento do Sul.⁵⁴ Este fato, por sua vez, motivou a remigração de populações de Joinville para áreas periféricas originando municípios como Rio Negrinho, formado sobre terras anteriormente pertencentes a moradores de Curitiba e São José dos Pinhais adquiridas por teuto-brasileiros; e Canoinhas, densamente ocupado a partir do advento de egressos das colônias de Dona Francisca e São Bento.⁵⁵

Esse fato encontra-se relacionado à extensão do extrativismo e beneficiamento ervateiro por todo o planalto norte catarinense, atividade econômica principal dos colonos. Nesse período, a estrada D. Francisca foi de importância decisiva, uma vez que possibilitou a Joinville tornar-se um centro beneficiador da

⁵³ MOREIRA, Júlio Estrela. **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá**. Vol.2 Curitiba : Imprensa Oficial, 1975.

⁵⁴ FICKER, Carlos. **São Bento do Sul**: subsídios para a sua história. São Bento do Sul: [s.n.], 1973.

⁵⁵ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Op. cit.*

erva-mate da região do planalto, cujo escoamento era realizado pelo porto de São Francisco.⁵⁶

Já no ano de 1897, por decisão dos seus acionistas, todos os bens da extinta Sociedade Colonizadora Hamburguesa foram transferidos, para a recém-criada *Hanseatische Kolonisations-Gesellschaft* (Sociedade Colonizadora Hanseática), que era composta também pelos armadores das principais companhias marítimas da Alemanha.

Essa nova empresa, que recebera a concessão de 650 mil hectares de terras devolutas como parte dos bens da antiga sociedade, continuou o trabalho de fundação de novas colônias. Dessa forma foram fundadas as colônias de Hansa-Hammônia (atual município de Ibirama), Hansa-Humboldt (Corupá) e Witmarsum.⁵⁷

2.3 – Urbanização e industrialização

Guardadas as devidas proporções, existem muito mais aspectos em comum entre as regiões de colonização germânica no sul do Brasil no século XIX do que diferenças, principalmente no que se refere à organização das mesmas. O que distingue uma região da outra foi a forma como os grupos responderam às questões da mesma natureza.

O primeiro aspecto diz respeito à sua própria organização fundiária. Entre os colonos eram divididas as áreas coloniais, em lotes de 25 hectares, cujo formato

⁵⁶ FICKER, Carlos. **História de Joinville** : crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville : Ipiranga, 1965. O beneficiamento da erva-mate em Joinville teve início em 1879, enquanto em Curitiba o mesmo já acontecia desde 1820.

⁵⁷ Lembrando que não se trata da colônia Witmarsum localizada no município paranaense de Palmeira.

também seguia um padrão : largura pequena e grande comprimento, medidos geralmente a partir de uma picada ou de um rio.⁵⁸

Normalmente a colônia era planejada para possuir um núcleo urbano (*Stadtplatz*). Contudo, outros núcleos urbanos surgiram a partir da instalação das mesmas, notadamente no encontro de picadas. Inicialmente ali instalava-se uma venda, cujo comerciante encarregava-se de negociar os excedentes da produção agrícola. A partir desse núcleo urbano não planejado é que foram surgindo sedes de novos distritos que mais tarde evoluíram para sedes de municípios.⁵⁹

Os colonos alemães foram pioneiros na policultura e na sua conjugação com a pecuária intensiva; no entanto tiveram dificuldades com a falta de fertilidade dos solos, com o isolacionismo das propriedades (que muitas vezes dificultava o comércio dos excedentes) e com a agricultura de gêneros tropicais (uma vez que muitos dos gêneros que eram cultivados na Europa não se adaptaram ao clima subtropical do sul do país). Mas o maior problema dentro das colônias talvez fosse a questão da partilha dos bens, quando estes constituíam-se, via de regra, em apenas uma propriedade de 25 ha.⁶⁰

A divisão do lote entre os herdeiros significava o esgotamento das possibilidades de produção. Com uma população que duplicava a cada vinte e três anos, em média, e que praticava a rotação de terras conjugada com a coivara

⁵⁸ KOHLHEPP, *op. cit.* O autor constata, contudo, que os lotes nas primeiras colônias eram muito maiores. São Leopoldo e Rio Negro eram formadas por lotes de 77 ha.

⁵⁹ SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no vale do Itajaí-mirim**: um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre : Movimento, 1974. Também KOHLHEPP faz menção aos núcleos urbanos não planejados. KOHLHEPP, *op. cit.*

⁶⁰ KOHLHEPP, *op. cit.*

(queimadas que precediam o plantio, como forma de preparo do solo) as regiões coloniais produziram excedentes demográficos.⁶¹

As primeiras regiões da imigração em Santa Catarina assistiram também a um processo semelhante à enxamagem⁶² ocorrida entre alemães e descendentes no Rio Grande do Sul, ainda no século XIX. Basta lembrar que a colônia de São Bento, no planalto, foi fundada em função de que as terras da colônia D. Francisca estavam se esgotando. A remigração rumo ao planalto foi incentivada pela ascensão do extrativismo da erva-mate, que conduziu migrantes até o planalto norte, na região de Canoinhas.⁶³ Mas, se, por um lado, a congonha deslocou pessoas para novas regiões, por outro, a partir da instalação da indústria de beneficiamento em Joinville, muitos permaneceram desenvolvendo atividades no ramo industrial, fato que se observa nas demais colônias da *zona da imigração alemã*.⁶⁴

Nessas colônias – tanto aquelas de iniciativa particular, como Blumenau e Joinville, quanto as de iniciativa oficial, como Brusque – houve um diferencial em relação às colônias do Rio Grande do Sul. A industrialização nessas áreas foi precoce: em Brusque as primeiras indústrias têxteis foram instaladas em 1892⁶⁵ e

⁶¹ *idem*.

⁶² ROCHE, *op. cit.*

⁶³ FICKER, Carlos. *op. cit.* No entanto, essa argumentação de que foi a impossibilidade de partilhar terras entre herdeiros que impulsionou o processo de remigração não é aceita integralmente. Léo WAIBEL acredita que a pequena propriedade conjugada com os sistema de rotação de culturas, baseado na derrubada e queima da mata nativa foi um fator mais importante para o êxodo de populações das regiões coloniais do que o fracionamento pela herança. Segundo ele, as famílias se “caboclizaram”, e na prática da queimada, comprometeram a fertilidade do solo. WAIBEL, *op. cit.*

⁶⁴ BLASCHKE, Helga. **A fundição Tupy S.A.: uma indústria pioneira em Santa Catarina.** Curitiba, 1974. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

⁶⁵ SEYFERTH, *op. cit.* Segundo a autora, contrariando a tese de Emílio Willems, a industrialização nessa região não é consequência do artesanato, uma vez que os artesãos não detinham o capital. Este fora acumulado pelos “vendedores” que monopolizaram a troca dos

em Blumenau antecederam à Primeira Guerra Mundial.⁶⁶ Em suma, com o advento da Primeira Guerra – que obrigou à substituição das importações que então foram suspensas – houve o início de um processo de integração à economia nacional, por meio do incipiente desenvolvimento da indústria leve. Na zona da imigração alemã, isso significou a importação de mão-de-obra especializada oriunda da Alemanha. Com o *crack* de 1929, havia excedentes da força de trabalho na Europa, que foram parcialmente absorvidos por esta indústria regional. A partir de 1939, novamente os contatos comerciais com a Alemanha foram suspensos. Como não houve mais afluência de imigrantes, a indústria local tratou de especializar sua mão-de-obra.⁶⁷

A instalação de um parque industrial nessas regiões motivou a permanência de mais de uma geração que compartilhava um mesmo lote colonial, tanto em Blumenau, em Brusque, como em Joinville. Tornava-se dessa forma viável que *“na zona rural, os velhos colonos continuam a dedicar-se às plantações, ao trato do gado e das aves e de outros animais domésticos. Entretanto grande parte dos filhos é dirigida às fabricas. O sistema viário do município [de Blumenau] facilita essa tendência, pois, de qualquer parte da comuna, é fácil ir trabalhar na cidade e voltar à noite, para as respectivas casas.”*⁶⁸

excedentes agrícolas por manufaturas e dessa forma realizaram a acumulação primitiva do capital que permitiu a industrialização precoce de Brusque.

⁶⁶ SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana** : análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo : Nacional, 1977. Já BLASCHKE afirma que a industrialização em toda a região do que chamo de *zona de imigração alemã* teve início já a partir da segunda metade dos oitocentos, sendo que além das indústrias têxteis, merecem destaque as metalúrgicas, alimentícias e de beneficiamento de madeira (sobretudo no planalto). BLASCHKE, *op. cit.*

⁶⁷ BLASCHKE, *op. cit.*

⁶⁸ SILVA, *op. cit.* p.265

No entanto, essa visão otimista da relação entre industrialização e propriedades rurais não é partilhada por Giralda Seyferth. De acordo com a autora:

O primeiro efeito da industrialização sobre a área rural está ligado à divisão das propriedades coloniais. É evidente que a carência de terras próprias para a agricultura também foi uma causa importante. (...) Em regiões de colonização alemã no sul do Brasil, onde não houve industrialização ou esta foi muito tardia, a solução encontrada pelos colonos foi o êxodo para áreas de colonização mais recente, como os planaltos de Santa Catarina e Paraná⁶⁹. A possibilidade de trabalhar nas fábricas, então, abriu uma nova perspectiva para os colonos mais pobres, mas ao mesmo tempo provocou a *atomização* das propriedades rurais. Os colonos que trabalhavam como operários dedicavam pouco tempo ao trabalho da lavoura. E, em consequência, não tinham necessidade de possuir uma propriedade agrícola muito grande. (...) O colono não se proletariza totalmente e nem se transfere para perto da fábrica; ele apenas trabalha na fábrica. Também não é mais proprietário de um lote de 25 hectares, mas de um pedaço da propriedade paterna – partilhada com os irmãos e irmãs – suficiente para cultivar visando apenas ao consumo doméstico.⁷⁰

Em decorrência disso, houve uma diminuição real no tamanho das propriedades localizadas no Vale do Itajaí. Se o tamanho médio em 1950 era de 25,6 ha, em 1960 a média decresce para 22,2 ha.⁷¹ Essa tendência, somada ao fato de que é justamente nesse decênio que o país inicia profundas transformações em sua estrutura agrária, por meio da chamada “Revolução Verde”, conduzem a constatações nem um pouco animadoras. Naquela época, Paul Singer já alertava para o fato de que

A economia agrícola do Vale do Itajaí tem perdido terreno no mercado nacional. Para entender este fenômeno é preciso analisar alguns aspectos da evolução de nossa agricultura. O Brasil está passando, nos últimos decênios, por intenso processo de urbanização, causado pelo crescimento do parque industrial. Disso resulta forte expansão do mercado interno de produtos agrícolas. Para atender à demanda surgida neste mercado, reorientou-se a produção agrícola brasileira, antes voltada apenas para a exportação e para a subsistência. A mudança que se verificou não atingiu apenas a *destinação* dos produtos agrícolas, mas o próprio *modo* de produção. Em certas áreas do país a agricultura tradicional, do tipo colonial, foi substituída por agricultura moderna, do tipo capitalista. (...) O Vale do Itajaí não estava bem preparado para acompanhar esta evolução. Em primeiro lugar, sua localização não é muito favorável, situação ainda agravada pela ausência de bons

⁶⁹ Inscrevendo-se dessa forma no modelo apresentado de Jean Roche. Parece ser também o caso das colônias iniciadas pela Sociedade Colonizadora Hanseática, apresentado anteriormente.

⁷⁰ SEYFERTH, *op. cit.* p. 141 (grifo da autora)

⁷¹ SINGER, *op. cit.* p. 138

meios de transporte. Em segundo lugar, o tipo de propriedade da terra predominante no Vale do Itajaí não é o mais adequado a uma agricultura capitalista. Tratam-se de pequenas propriedades, que se subdividem continuamente, tendendo inexoravelmente ao minifúndio⁷².

Além disso, soma-se o fato de que no parque industrial da região *“há um certo desequilíbrio no crescimento econômico, onde muitas vezes os serviços não tem crescido na proporção de quantidade e de qualidade dos recursos humanos, verificando-se uma estrutura de subemprego nos principais centros urbanos e industriais.”*⁷³

Temos assim, a partir dessas considerações dois grandes fatores de expulsão de população no início dos anos setenta do século XX na chamada zona da imigração alemã em Santa Catarina: primeiramente, o processo de minifundização agrária, levando os descendentes de alemães à proletarização; de outro lado, uma grande oferta de mão-de-obra especializada que não conseguia ser absorvida pelo pólo industrial dessa região (o que não envolve exclusivamente descendentes de alemães).

2.4 Rumo a Curitiba: trajetórias migrantes

Quanto àqueles que integravam a Paróquia Sul no final da década de 1980, pode-se verificar nos dados da tabela a seguir que 85% daqueles membros titulares nascidos em Santa Catarina procediam da Zona da Imigração Alemã. Em suma,

⁷² *idem.* p.137 (grifos do autor)

⁷³ BLASCHKE, *op.cit.* p.13 Convém assinalar que a maior parte da mão-de-obra empregada na Fundação Tupy – o objeto de estudo desse trabalho – no ano de 1974 deslocava-se diariamente de cidades próximas de Joinville. Isso nos leva a supor que isso fosse algo freqüente nas empresas de médio e grande porte da região e que, portanto, era comum que um funcionário morasse em município diferente da sua empresa.

mais de um terço (37,5%) das pessoas que eram “responsáveis pela casa” (de acordo com os critérios do censo) nasceu nessa região. Além disso, é digno de nota também o fato de que esses nascimentos concentram-se sobretudo nas décadas de 1930 e 1950, ou seja, foram pessoas que vivenciaram todo o processo de intensa especialização da mão-de-obra interna decorrente da diminuição da imigração estrangeira a partir de 1939. Um indício disso é a média de escolaridade do grupo em questão (7,3 anos).

Tabela 2 – LOCAL E DÉCADA DE NASCIMENTO DOS MEMBROS TITULARES DA PARÓQUIA SUL DE CURITIBA NASCIDOS EM SANTA CATARINA

Local de nascimento ⇒ Década de nascimento ↓	Zona da imigração alemã	Outros municípios*	Total
1900 – 1909	3	0	3
1910 – 1919	7	2	9
1920 – 1929	12	3	15
1930 – 1939	30	9	39
1940 – 1949	37	4	41
1950 – 1959	30	3	33
1960 – 1969	7	0	7
Total	126	21	147

Fonte: Censo realizado pela IECLB em 1987 (Paróquia Sul de Curitiba).

* Nesta categoria estão incluídos os municípios dos Campos de Lages (meio oeste) e do oeste do estado.

Das 21 entre 56 pessoas que responderam ao questionário complementar declarando como endereço anterior municípios de Santa Catarina, 12 moravam em propriedades rurais de pequeno porte (sítios e chácaras) e nove declararam morar em terrenos urbanos. Dos motivos apontados para a migração (observar modelo do questionário em anexo), o mais freqüente foi, em ambos os casos, a possibilidade de

se obter maiores chances no mercado de trabalho (16 ocorrências) – evidência da situação de estrangulamento da oferta de vagas nas indústrias da região. Duas pessoas responderam que uma das motivações foi o fato de não se conseguir sobreviver na região de origem. Outras motivações, como facilidade para avançar nos estudos e transferência por parte da empresa, também foram apontados (cinco ocorrências para cada alternativa).

No entanto, migrar na esperança de conseguir melhor ocupação, indiretamente aponta para o fato de que a economia local não mais conseguia oferecer condições de sobrevivência, não pelo menos de acordo com as expectativas dessas pessoas. O perfil ocupacional aponta para uma congruência com a hipótese anteriormente levantada, que diz respeito à proletarização dos colonos a partir do advento da industrialização. Daqueles habitantes de propriedades rurais, alguns conjugavam atividades agrícolas com empregos urbanos: além de lavradores, temos empregados em serviços de saúde (enfermagem), motorista, eletricitista. Já os moradores da zona urbana ocupavam-se como: ferreiro (atividade típica da região de colônia), comerciante, professor, mestre de obras, tecelão (atividade comum na região). Destes, a maioria é oriunda de desdobramentos das colônias da Sociedade Hanseática.

Se de maneira geral os migrantes tinham a expectativa de migrar em busca de melhores condições de vida, que já não mais encontravam no interior, a chegada à cidade representou sobretudo recomeçar. Para a maioria significou entrar em contato com novos ofícios, acessar novos bens e serviços.

Contudo, esses migrantes chegaram a Curitiba desprovidos de bens materiais e, via de regra, também sem ocupação definida. Não raro, de acordo com seus

depoimentos, procuravam instalar-se em imóvel locado, para então inserir-se no mercado de trabalho. Em seu favor, contava a média de escolaridade. Dessa maneira, já empregados e com maior estabilidade passavam à procura de um imóvel próprio.

Nesse momento dois fatores tiveram predominância, segundo os dados do questionário complementar: o preço dos imóveis nessa região da cidade e o fato de conhecer pessoas da igreja e/ou da cidade de origem que já moravam na região (18 ocorrências cada um). O fato de que os conhecidos poderiam ser da cidade de origem, aponta para mais uma questão: a migração oriunda de Santa Catarina não foi exclusiva dos teuto-evangélicos. Uma vez que a dinâmica industrial procurava braços para o serviço em toda a região, tudo me leva a crer que entre essa mão-de-obra incluem-se também luso-brasileiros e pessoas de outras ascendências.

A proximidade do local de trabalho teve peso significativo em 14 ocorrências. Sendo assim, pelo que demonstram os dados obtidos nos formulários do Censo, a capital passou a ser o lugar de construir a família, o lugar de nascimento dos filhos. Pois vejamos: se a maior parte do grupo chegou à cidade entre 1960 e 1987, e a maior parte dos nascimentos do grupo como um todo se concentra nesse período, parece natural que tenhamos uma maioria de curitibanos. O que nos chama a atenção é o significativo aumento da proporção deles no decorrer das pouco mais de duas décadas:

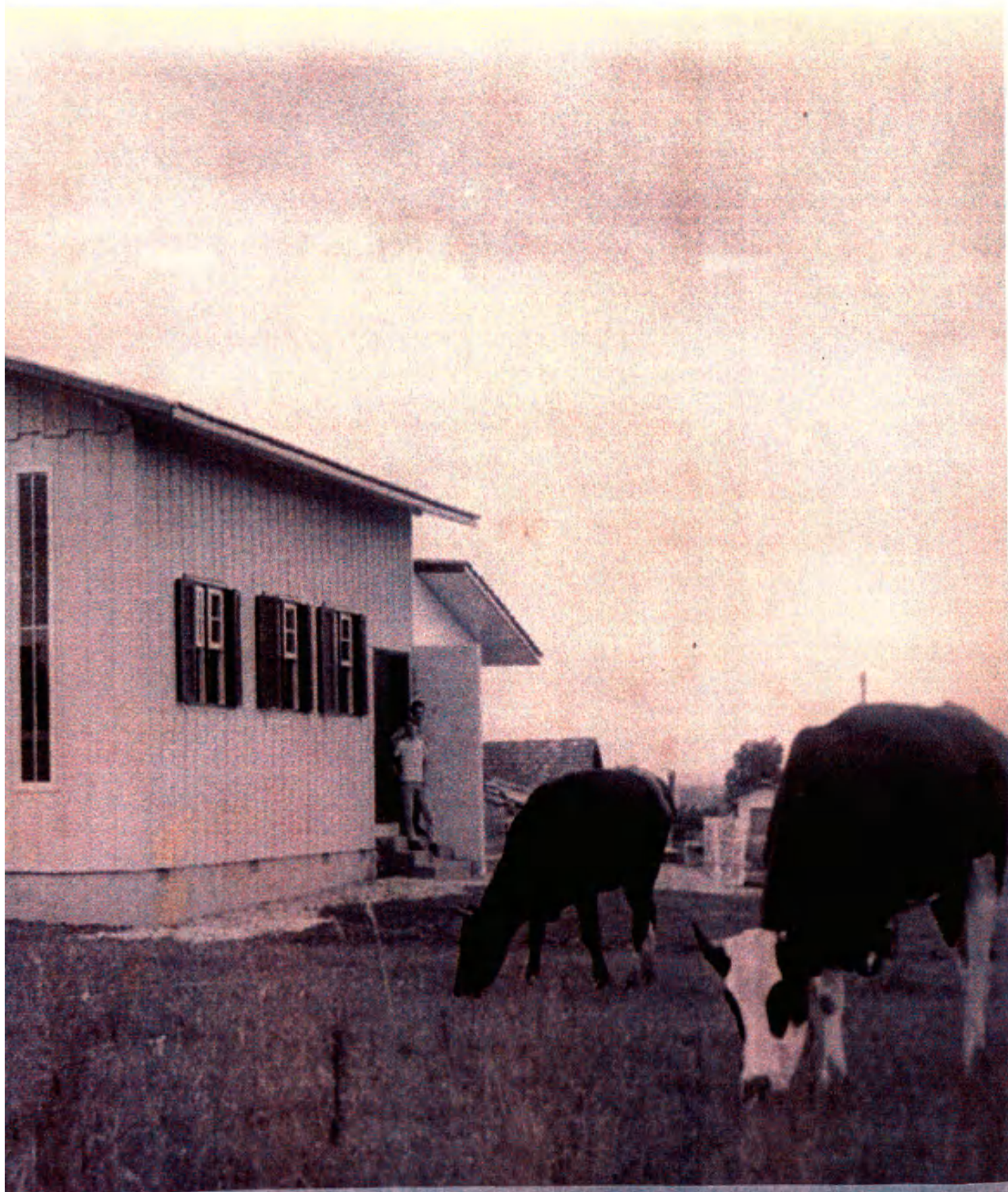
Tabela 3 – NASCIMENTOS ENTRE 1960 E 1987 (REGIÃO SUL)

Ufs ⇒ Décadas ↓	PR			SC		RS	Total
	Ctba	SJP	outr os	zona da imigração alemã	outros		
1960 – 1969	61	6	29	22	6	16	140
1970 – 1979	132	27	20	8	4	6	197
1980 – 1987	145	29	10	5	1	1	191
Total	338	62	59	35	11	23	528

Fonte: Censo realizado pela IECLB em 1987 (Paróquia Sul de Curitiba)

Como podemos observar, na década de 1960, os curitibanos representavam 43,5% do total. A proporção aumenta para 67% na segunda década e para 76% na terceira, acompanhada da diminuição dos valores absolutos dos nascimentos para as demais áreas da região sul, excetuando o município metropolitano de São José dos Pinhais, pertencente à Paróquia. Dessa forma, os migrantes, nascidos em sua maioria nos anos 50, tiveram seus filhos em Curitiba, sobretudo nos anos 70. Ou seja, a maior parte dos casais procurou ter filhos já instalados no local de destino, e em média, depois dos vinte anos de idade.

Merece destaque o fato de terem constituído família já em Curitiba, talvez porque tivessem idealmente essa cidade como domicílio definitivo, como terra de realizar suas utopias.



CAPÍTULO III
O PLANO INSTITUCIONAL: LUTERANISMO,
PANGERMANISMO, NAZISMO.

(Foto: TEMPLO da Comunidade Melanchton. Cerca de 1968. 1 fot.: p&b ; 18 x 24cm.)

*Quem deixa de sentir e pensar
evangelicamente, deixa de ser
alemão; e vice-versa: quem nega a
língua alemã e a índole alemã
também se perderá para a nossa
Igreja.*

Wilhelm Rotermond, 1916

Os primeiros alemães que chegaram ao Brasil não trouxeram consigo apenas língua e costumes diferentes. Muitos foram os que trouxeram também a herança da Reforma: a teologia luterana. Embora a Constituição do Império reconhecesse a Igreja Católica Apostólica Romana como oficial do Estado, para os imigrantes luteranos a recepção no Brasil foi em clima de tolerância – os interesses econômicos eram mais importantes que os teológicos, a despeito de toda a influência que a Igreja exercia sobre o Governo Imperial. No plano institucional, uma questão relativamente simples, como a da validação dos casamentos, aguardou muitos anos para ser regulamentada, tendo em vista o caráter oficial dos atos católicos.

Contudo, do ponto de vista das relações sociais, o imigrante era encarado não apenas como um estranho, sendo tratado muitas vezes com hostilidade, visto inclusive como um herege.

Mas isso não foi impeditivo para que pequenos sinais de indulgência para com os protestantes pudessem se fazer notar. Um exemplo é o fato de que todas as colônias que receberam imigrantes germânicos incluíam em seu rol de edificações – na *stadplatz* – um templo evangélico e os agentes colonizadores (privados) custeavam a vinda e permanência do sacerdote.⁷⁴

No entanto, constituía-se em rotina o fato de as comunidades passarem meses sem um pastor para atendê-las. Poucas foram as iniciativas de sociedades européias em enviarem missionários ao Brasil. Como alternativa, principalmente nas colônias periféricas, os imigrantes supriram a falta de clérigos elegendo entre si uma pessoa capacitada para ministrar os ofícios religiosos e alfabetizar as crianças. Capacitação, nesse caso, era sinônimo de alfabetização : os cultos eram lidos, num meio em que boa parte das pessoas não dominava a língua escrita.⁷⁵

Mesmo em localidades maiores há o registro desse tipo de atuação pastoral: o primeiro pastor da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – Johann Friedrich Gaertner – era um pastor sem formação, que antes de vir para a capital da província do Paraná atuara na colônia Dona Francisca, vindo esporadicamente realizar os ofícios; instalando-se definitivamente na cidade em 1866. Sua formação era de professor, no entanto, ele se autodenominava pregador (*Praediger*).⁷⁶

⁷⁴ Em Curitiba foi edificado um templo “com torre” o que era proibido pela constituição imperial, dez anos depois de oficialmente fundada a comunidade, em 1876 – indubitavelmente um sinal dessa permissividade. NADALIN, S.O. A Colonização alemã e os luteranos em Curitiba. **Ciclo do pensamento curitibano**,1. Curitiba : FCC, 1984. p.47-54

⁷⁵ WITT, Osmar Luiz. **Igreja na migração e colonização: a pregação itinerante no Sinodo Rio-Grandense**. São Leopoldo : Sinodal, 1996.

⁷⁶ NADALIN, S.O. *A Colonização alemã ...*

Era um momento em que as iniciativas comunitárias tinham grande peso sobre a maneira de conceber e organizar o cotidiano religioso, de forma que não se pode falar em Igreja Luterana até a década de 1870, não pelo menos de forma institucionalizada – o independentismo confessional era uma característica até esse momento.

As comunidades luteranas surgiram intimamente relacionadas a um traço cultural dos grupos germânicos – o associativismo, expresso pelo termo *Verein* – que proporcionou a criação de vários grupos associativos nas regiões coloniais, tais como de caça e tiro, de ginástica, entre outros. É dessa forma que provavelmente membros da Associação do Cemitério Evangélico Alemão de Curitiba (*Deutscher Evangelischer Friedhofsverein*) passaram a constituir a Comunidade Evangélica Luterana, como descrevi no capítulo anterior.

3.1 A Liga Pangermânica no Brasil e o processo de institucionalização do luteranismo

A experiência da unificação alemã foi determinante na relação entre os imigrantes alemães e o seu país natal. Se, anteriormente, aqueles que chegavam à América identificavam-se prioritariamente com os costumes regionalizados (pomeranos, westfalianos), a prioridade gradativamente passou a ser dada à Alemanha. Contudo, essa concretude de uma pátria neonatal foi construída sobre a crença de que esse povo era o povo eleito por Deus; crença essa que ganhou veículo na ação da Liga Pangermânica, que por outro lado fomentou o trabalho da Igreja Evangélica Alemã.

De acordo com o conteúdo programático pangermânico, independente do local onde vivia o filho da terra, ele continuava sendo parte do povo alemão. Dessa forma, os imigrantes alemães, que desde o início do século cruzaram o oceano para “fazer a América”, continuavam a ser súditos do *Reich*, e portanto o alvo em potencial desse conteúdo panfletário.

Devido à magnitude dos fluxos e sua grande concentração no sul do Brasil, sociedades teológicas de caráter missionário, alemãs sobretudo, começaram a enviar pregadores maciçamente ao país, sendo que alguns deles iniciaram um trabalho de pregação itinerante pelas comunidades interioranas, na tentativa de suprimir o trabalho dos chamados falsos-pastores (aqueles eleitos na comunidade e que não tinham formação teológica) e de formar unidades eclesiásticas maiores: os Sínodos.⁷⁷ Era o início do processo de institucionalização da Igreja Luterana no Brasil que se submetia aos ditames da igreja-mãe, alemã.⁷⁸

Contudo, houve choque entre esses pastores e os antigos colonos, pois os primeiros consideravam estes integrados demais, preguiçosos e pouco piedosos.

Ao contrário dos primeiros pastores, eleitos no seio da comunidade, estes se colocavam como autoridades comprometidas apenas com a Igreja Alemã, provocando inúmeras resistências por parte dos colonos. Os pastores os viam como indisciplinados, pouco devotos e preocupados apenas com o aspecto formal da religiosidade. Os colonos, por sua vez, entendiam-nos como censores de suas práticas festivas e mesmo de seus hábitos cotidianos.⁷⁹

⁷⁷ Essas unidades foram as seguintes : Sínodo Riograndense (1886), Sínodo Evangélico-luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados (1905), Sínodo Evangélico (1911) e Sínodo Evangélico Brasil Central (1912), que nesse momento nortearam seus trabalhos de acordo com os cânones da igreja alemã ligada ao pangermanismo. Mais tarde daria origem à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. O Sínodo Missouri (1904) estruturou seu trabalho nos moldes da missão norte-americana do Estado do Missouri. Possui uma interpretação literalista da Bíblia e hoje constitui a IELB – Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Cf. SCHÜNEMANN, Rolf. **Do gueto à participação**: o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975. São Leopoldo : Sinodal, 1992.

⁷⁸ WITT, *op. cit.*

⁷⁹ BREPOHL DE MAGALHÃES, Marionilde **Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil**. São Paulo : UNICAMP/FAPESP, 1998. p.31-32

A Comunidade curitibana também foi envolvida por esse processo, sendo que em 1872 ela filiou-se ao *Preussischen Kirchen-Konsistorium*, a igreja territorial prussiana, que na mesma década enviou um pastor para atuar na comunidade.⁸⁰

Se, a princípio, para os estados alemães, os únicos interesses para com o Brasil eram o de receptor de seus excedentes demográficos e, a partir da instalação destes no país, a criação de um mercado consumidor de sua incipiente indústria,⁸¹ a partir de sua unificação em 1871, o foco passa a ganhar contornos políticos que têm reflexos no discurso teológico da igreja de confissão luterana. Trata-se da ideologia pangermanista.

Esta invade de tal maneira o discurso e a prática do ser evangélico-luterano no Brasil, mediante pregação teológica, que muitos alemães luteranos fixados aqui passaram a se autoproclamar como o povo eleito, e sua pátria-mãe a pátria eleita por Deus.⁸²

Ao final do século XIX, estas "colônias alemãs" formavam uma sociedade diferente da brasileira, onde predominava uma economia camponesa, valores e tradições germânicas.(...) Mas a característica mais evidente destas áreas de colonização alemã – e isto vale também para os descendentes de imigrantes desta origem que se estabeleceram em cidades como Porto Alegre e Curitiba – foi a manutenção de hábitos, costumes e elementos culturais de origem, inclusive o uso cotidiano da língua alemã.⁸³

⁸⁰ P. Böker, que exerceu seu ministério entre 1872 e 1885. NADALIN, S.O. **A origem dos noivos nos registros de casamento da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba**. Curitiba, 1974. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

⁸¹ DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**. São Leopoldo : Sinodal, 1984. Cap. 1 e 2.

⁸² *idem*.

⁸³ SEYFERTH, Giralda. A liga pangermânica e o perigo alemão no Brasil: análise sobre dois discursos étnicos irredutíveis. **História: questões e debates**. Curitiba : v.10, n. 18 - 19, jun. dez. 1989. p.113 –155

Para além da manutenção dos hábitos de origem, a influência de ação da Liga Pangermânica fez-se sentir no cotidiano das comunidades evangélicas, por meio da atuação de seus pastores, enviados pela Alemanha.⁸⁴ Comemoravam-se datas festivas alemãs nos cultos, e ser evangélico passou a ser sinônimo de ser alemão, súdito do *Reich*⁸⁵: isto se consolidou a tal ponto que, no decorrer das Guerras Mundiais, por exemplo, foram arrecadados fundos em prol das tropas alemãs, e muitos alemães e descendentes, no Brasil, alistaram-se em seu exército.⁸⁶

No entanto tal ideologia colidia frontalmente com outra, brasileira, inspirada na mesma matriz de discurso étnico que gerou o pangermanismo: trata-se do nacionalismo brasileiro, que buscava compor o seu “povo” a partir da miscigenação, com vistas ao branqueamento da população, com o objetivo de tornar realidade a utopia da “raça sadia e morigerada”.⁸⁷ A matriz desse discurso étnico relacionava, por conseguinte, a etnia à raça e à nação, sendo que no debate acadêmico discutia-se qual dos elementos sobredeterminava os outros.⁸⁸

⁸⁴ Muitos desses pastores produziram uma vasta gama de material que se propunha a divulgar suas idéias, veiculadas então pela imprensa de língua alemã. Uma boa análise desse discurso pode ser encontrada em MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. **Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil.** São Paulo : UNICAMP/FAPESP, 1998.

⁸⁵ DREHER, *op. cit.*

⁸⁶ *idem.* A comunidade curitibana pertencia ao Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros estados. Segundo o autor, havia um diferencial deste sínodo em relação aos demais: a primazia do caráter teológico-confessional luterano sobre o programa político pangermanista. Isso se devia, ainda segundo Dreher, ao fato de que as comunidades filiadas a esta unidade recebiam assistência da *Lutherische Gotteskasten* (Associação das Caixas de Deus), entidade missionária alemã que tinha como principal objetivo propagar o luteranismo pelo mundo. Contudo, essas comunidades sofreram o mesmo tipo de represália que as demais no período antecedente à Primeira Guerra.

⁸⁷ LOBO, Andréa Maria Carneiro. **O discurso eugênico no Brasil e a utopia da raça sadia e morigerada.** Curitiba, 1997. Monografia (Bacharelado em História). Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

⁸⁸ POUTIGNAT, Philippe. STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade.** São Paulo : Unesp, 1998.

Para os intelectuais brasileiros que produziram esse discurso, constituía-se num obstáculo à sua utopia o estado de isolacionismo dos colonos alemães. Um intelectual paranaense desse tipo foi Romário Martins. Preocupado com o enraizamento do discurso nacionalista, não via com bons olhos a imigração estrangeira no Paraná, o ideal de imigrante seria o europeu latino, mais suscetível à assimilação. Em particular condenava a maciça imigração alemã, embora relevasse as características individuais do alemão em sua relação com o trabalho.⁸⁹ De maneira geral, apontava-se como um erro o fato da constituição de colônias homogêneas no Sul do país pois

(...) discutia-se, neste final de século, o “perigo alemão”, isto é, a possibilidade da anexação do sul do Brasil ao Império Alemão, ou da criação de um estado dentro do estado, por iniciativa de colonos que recusavam a assimilação. O “quisto étnico” alemão no sul do país teria sido resultado de uma colonização etnicamente homogênea (...).⁹⁰

A despeito de toda discussão acerca da presença do alemão no país, tanto nas colônias como em centros urbanos – como Curitiba –, a propaganda política continuava, não apenas por intermédio da igreja e das escolas, mas também por uma atuante imprensa de língua alemã.⁹¹ Todavia, o sentimento de revanchismo provocado pela derrota na Primeira Guerra, somado à vitória do partido nacional-socialista em 1933, acarretou profundas mudanças no discurso e na relação entre os teuto-evangélicos e sua pátria-mãe.

⁸⁹ NADALIN, Sérgio Odilon. Imigração e colonização alemã na obra de Romário Martins. **Boletim do Departamento de História**, Curitiba, n. 21, 1974.

⁹⁰ SEYFERTH, *op. cit.* p.118

⁹¹ BREPOHL DE MAGALHÃES, *op. cit.* Ver também SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis : Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

3.2 Uma igreja a serviço do *Führer*: a influência nazista

A ascensão do nacional-socialismo na Alemanha estreitou ainda mais a relação entre religiosidade e identidade étnica. A ação dos Sínodos – unidades eclesiásticas que nesse momento já se encontravam estruturadas e em constante ligação com a *Igreja-mãe* – foi exemplar disso. A sua filiação à Federação das Igrejas Evangélicas Alemãs foi um primeiro passo.⁹²

Essa filiação implicou a adoção explícita da forma e do conteúdo religioso (e político) que a Igreja Luterana já adotara na Alemanha: o uso do alemão como língua litúrgica oficial é um exemplo. Nesse momento, em muitas comunidades, notadamente aquelas pertencentes ao Sínodo Evangélico-Luterano, era comum o uso do português. Muitos descendentes dos primeiros imigrantes não mais dominavam o idioma de seus pais.⁹³

Em 1933 é criada a *Deutsche Christen Verein* (Associação dos Teuto-Cristãos), uma organização pára-eclesiástica que visava disseminar a teologia de orientação nacional-socialista. Dois terços dos pastores do Sínodo Riograndense filiaram-se ao Partido Nacional-Socialista e os periódicos da época revelavam o entusiasmo pela vitória do partido naquele ano.

⁹² A filiação deu-se na seguinte ordem: Sínodo Rio-Grandense (1928), Sínodo Evangélico-Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros estados e Sínodo Evangélico (1930). Cf. BREPOHL DE MAGALHÃES, *op. cit.* Contudo a filiação do Sínodo ao qual pertencia a Comunidade Evangélica de Curitiba – Evangélico-Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros estados – foi dada mediante um processo bastante conflituoso. Com o fim da Primeira Guerra, a Associação das Caixas de Deus ficou desprovida de recursos para manter as atividades missionárias neste Sínodo. Filiação a qualquer associação eclesiástica significaria rever o seu caráter confessional. Em princípio cogitou-se a possibilidade da filiação a uma associação norte-americana. Sob a pressão principalmente do Sínodo Riograndense, foi aceita a filiação à Federação das Igrejas Evangélicas Alemãs. Este Sínodo passou a ser Igreja Luterana Alemã no Brasil. Cf. DREHER, *op. cit.* cap.8

⁹³ DREHER, *op. cit.*

Espaços privilegiados de disseminação do ideário nazista no interior da igreja foram os grupos de jovens. O principal objetivo era manter a pureza da raça, combatendo a miscigenação advinda de casamentos mistos, e preservar a igreja herdada dos pais. A título de exemplo cito o trabalho feito no Espírito Santo. A “Comunidade Combatente”, desenvolvida pelo pastor Erich Fischer, tinha numa publicação – a revista “O Jovem Combatente” (*Der Junge Kämpfer*) – veículo de propaganda acerca da congruência entre germanidade e confissão luterana. Embora não sob o epíteto de “combatente”, o trabalho com jovens, em toda a área de abrangência dos Sínodos, foi desenvolvido dentro de princípios semelhantes. O jovem autenticamente alemão foi objeto de idealização, incorporando todos os elementos do discurso racial.⁹⁴

Enquanto isso, na Alemanha, os *Deutsche Christen* empunhavam sua bandeira de luta contra o ateísmo marxista, a depuração da raça através da eliminação de elementos exógenos, e pela unificação dos evangélicos em torno de um único líder mediante união da igreja com o Estado. Doutrinariamente negavam o caráter sacrificial de Jesus Cristo e o apostolado de Paulo (segundo o qual o evangelho deveria ser levado para todas as nações). Os afiliados ao Movimento de Fé dos Cristãos Alemães lutavam em nome “*de um cristianismo sem Antigo Testamento, de um Cristo ariano e de um suposto caráter messiânico do povo alemão.*”⁹⁵

Embora apenas dez ou quinze por cento dos alemães fossem membros da *Deutsche Christen*, o silenciamento do clero e das demais pessoas explica-se pela

⁹⁴ DREHER, *op. cit.* p. 208-209

⁹⁵ BREPOHL DE MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 167

simpatia que nutriam pelo programa nacional-socialista. Somente quando seu caráter ditatorial, racista e violento ganhou relevo é que o desencanto aflorou: não foram poucos aqueles que não se enquadravam no estereótipo ariano que exigia pureza religiosa e racial (casamentos exogâmicos, que nesse caso era sinônimo também de casamento com católicos), e domínio da língua (que excluía aqueles que apenas falavam dialetos, que não dominavam o alemão clássico).

Do ponto de vista teológico, a oposição deu-se por meio da Igreja Confessante, que chegou a congregar em certos lugares, 40% dos pastores. Inspirados por Karl Barth e Dietrich Bonhoeffer, entendiam o nazismo como uma nova religião. Sendo que, para esse grupo, *“no momento em que o poder temporal violenta os limites entre as duas ordens, ao cristão se impõe, (...) não apenas a desobediência, mas uma radical intervenção na história.”*⁹⁶

Já no Brasil, o embate entre esses dois grupos foi vencido pelos apoiadores do regime, no que resultou no regresso, muitas vezes compulsório, dos missionários da Igreja Confessante, uma vez que a Federação das Igrejas Evangélicas Alemãs, por intermédio de seu departamento para o exterior, exercia controle sobre o clero mediante sua seleção, e pelo direcionamento das atividades cotidianas das comunidades no Brasil por meio dos Sínodos.

No entanto, a ascensão do varguismo, somada às consecutivas derrotas do *Reich* nas duas Guerras, agudizou a perseguição e o controle dos alemães e seus descendentes no Brasil, por parte do Estado, com a conivência e participação de toda a sociedade. Afinal de contas, eram dois nacionalismos em choque.

⁹⁶ *idem* p. 169

A experiência da guerra determinou profundas alterações na Igreja, que por meio de quatro Sínodos elaborou uma nova orientação teológica, abandonando a perspectiva que relacionava teologia e germanidade. *“Procurava-se agora uma renovação interna da Igreja, uma aproximação de todos os Sínodos, visando o surgimento de uma Igreja no Brasil e uma abertura para a ecúmena. Nessa reorientação seriam superados os últimos resquícios de uma “Igreja alemã no exterior.”*⁹⁷

3.3 A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e a nacionalização

Como disse anteriormente, a disseminação da ideologia que relacionava evangelho à germanidade não foi realizada sem resistências, dentro e fora do país. E muito embora os adeptos da Igreja Confessante no Brasil tivessem retornado compulsoriamente para o Reino, a mando da Federação das Igrejas Evangélicas Alemãs, a partir do entre guerras um novo fato emergiu.

É que não foram poucos os descendentes de alemães, já nascidos no Brasil, que optaram por ir para a Alemanha em busca de formação teológica com o objetivo de assumir ministério pastoral quando do regresso ao Brasil.

Dessa forma, os princípios confessionais que se opunham aos então vigentes encontraram maneira de penetrar nos Sínodos brasileiros. Contudo, os pastores formados por centros teológicos ligados a essa corrente, antes de retornarem ao país, foram levados a uma espécie de abjuração de suas crenças e práticas,

⁹⁷ DREHER, *op. cit.* p. 246

comprometendo-se com a política sinodal, que reproduzia o discurso da igreja-mãe.⁹⁸

Essa permissividade com relação à entrada no país de pastores formados por centros teológicos dissidentes foi fundamental para a redefinição das estratégias de ação do clero luterano no Brasil quando a Segunda Guerra chegou ao fim. Foi o momento, ao que parece, em que os contrários àquilo que até então fora estatuído como dogmático na igreja expuseram sua concepção eclesiológica. Parece-me também que, para aqueles mais conservadores, apoiar essa redefinição teológica foi uma estratégia de sobrevivência: a substituição do binômio igreja-germanidade pela concepção cristocêntrica – em que não haveria espaço para nenhum outro elemento dada a sua efemeridade ante a eternidade da verdade revelada pelo Cristo ressurreto – seria uma alternativa que não desataria os laços com a igreja-mãe ao mesmo tempo que garantiria uma posição de neutralidade junto ao governo brasileiro.⁹⁹

Dentro dessa perspectiva de superação de seu caráter germanista é que foi fundada a Faculdade de Teologia, em São Leopoldo (RS)¹⁰⁰. Seu objetivo era a formação precípua de um corpo pastoral autóctone. Como índice mais claro dessa preocupação de ser Igreja *no Brasil* é que a Federação Sinodal (que congregava quatro Sínodos, um primeiro esforço no sentido de unificação e institucionalização), no ano de 1968 passou a constituir-se na Igreja Evangélica de Confissão Luterana

⁹⁸ Esse é o caso de Ernesto Schlieper, que partiu em 1927 para estudar Teologia na Alemanha. Em Bonn, participou de seminários proferidos por Karl Barth, e tendo prestado exames teológicos junto à Igreja Confessante da Westfália, encontrou dificuldades em retornar para o Brasil e só o conseguiu ao reconhecer o Departamento para o Exterior como instância máxima de fiscalização e de envio e ao se comprometer a não aplicar aqui os princípios do que aprendera na Europa. Cf. DREHER, *op. cit.* p. 241 ss.

⁹⁹ BUTZKE, Paulo Afonso. **A edificação de Comunidade na IECLB do pós-guerra.** [s.l.] : [198-?] mimeo. Há que se levar em conta o fato de que as relações com a Igreja Evangélica Luterana Alemã perduram até hoje.

no Brasil (IECLB). Sua preocupação primordial com a reorientação teológica levou à busca de uma nova identidade confessional, como aponta Weingärtner

(...) o apego da igreja luterana a uma certa etnia representou mais um acidente histórico do que um princípio de teologia ou de fé. Fato é que no passado muitos confundiram evangelho com etnia germânica. Por isso a IECLB ainda é considerada por muitos brasileiros como “igreja dos alemães”. Teologicamente superada, a ligação entre evangelho e cultura germânica ainda existe na prática. Tem sido um muro protetor no passado, mas transformou-se em uma barreira prejudicial à propagação do evangelho. A procura de uma identidade da IECLB deve incluir uma abertura crescente para pessoas de outras etnias, raças e tradições.¹⁰¹

Com os pés fincados na realidade brasileira, que apontava para questões como desemprego e migração, a instituição procurou orientar sua ação teológica em direção a “(...) *trabalhar a herança evangélica dentro do contexto de marginalidade.*”¹⁰² Ou seja, a atuação missionária, principalmente no contexto urbano, deveria visar ao resgate de luteranos dispersos.¹⁰³ Isso revela uma faceta um tanto contraditória desse discurso: ao mesmo tempo em que se prevê uma abertura para a ecúmena (com o abandono do epíteto *teuto-evangélico*), essa ação missionária da instituição abrangeria apenas aqueles que já eram *luteranos* (cuja chance de não ser descendentes de alemães era mínima).

Contudo, grupos de estudantes de teologia, convictos de que a atuação evangélica extrapolava os limites da instituição, passaram a aventar a possibilidade de que a ação missionária fosse estendida ao conjunto da sociedade, com o objetivo de transformá-la. A ação política passa a ser compromisso do cristão, na visão desse grupo, uma vez que o verdadeiro cristão se indigna com a injustiça.

¹⁰⁰ Fundada em 1946, inicialmente como Escola Superior de Teologia.

¹⁰¹ WEINGÄRTNER, Lindolfo. **A identidade luterana frente à situação religiosa brasileira.** Timbó, 1975. (mimeo.)

¹⁰² SCHÜNEMANN, *op. cit.* p.115

Interessante notar que essas idéias foram debatidas em pleno Regime Militar e têm grandes intersecções com o pensamento da Teologia da Libertação da Igreja Católica.¹⁰⁴

É dessa forma que pode ser entendido o registro da necessidade de uma atuação missionária no seio da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, como mostrarei a seguir. A emergência desse discurso, mesmo que contraditório, dentro da instituição, somada à constatação de que a cidade e com ela o perfil dos membros da comunidade muda, levou a reconsideração do significado e das formas de atuação da igreja. Isso explica parcialmente o processo de descentralização da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – CELC e a constituição de uma “união paroquial”.

3.4 A Paróquia Sul de Curitiba e a descentralização da CELC

Em fins de 1966 algumas famílias luteranas, moradoras na Vila Fanny, membros da CELC procuraram a diretoria da CELC e os pastores afim de expor suas dificuldades em participar dos cultos nas Igrejas do Redentor e de Cristo, no centro de Curitiba. Também, expuseram as dificuldades dos filhos em participar do ensino confirmatório, enfim sentiam falta da Igreja em seu bairro. Foram aconselhados a procurarem as famílias do bairro e marcarem uma reunião. Em 5 / março / 1967 realizou-se a primeira reunião na casa da Família do Sr. Henrique Rempel Filho.¹⁰⁵

Os relatos acerca da formação da Paróquia Sul de Curitiba são todos congruentes sob um aspecto: o primeiro passo rumo à formação das comunidades

¹⁰³ Nessa época os pastores constatavam na prática o que Jean Roche apontaria pouco tempo depois acerca da “enxamagem” : o deslocamento de descendentes dos pioneiros para novas áreas de colonização.

¹⁰⁴ SCHÜNEMANN, *op. cit.*

¹⁰⁵ BAADE, Ruth. **Histórico do início dos trabalhos na Vila Fanny e Vila Hauer.** Curitiba, 1988.(mimeo.)

foi dado pelas próprias pessoas que chegavam em Curitiba a partir dos anos sessenta. A ajuda da instituição só passou a ser realidade a partir da sua solicitação.

Via de regra, as primeiras reuniões dos membros das comunidades aconteciam em uma residência: cultos, reuniões de senhoras, trabalho com crianças. A iniciativa local antepunha-se à ação da instituição. O apoio desta, inicialmente, era apenas mediante a assistência pastoral. O custeio das atividades e da infraestrutura ficava por conta dos participantes, que passavam a promover churrascadas e outras atividades para angariar fundos para a instalação de comunidades.

A partir de um fundo de reserva é que foram construídos os centros comunitários da futura Paróquia Sul. Em 1987, quando foi realizado o Censo da IECLB, essa paróquia era constituída por quatro comunidades: Comunidade da Cruz, localizada na Vila Hauer, e Comunidade Melanchton, localizada no bairro do Boqueirão, cujos trabalhos iniciaram em 1967; Comunidade Concórdia, localizada no município metropolitano de São José dos Pinhais (1977-78) e Comunidade São Mateus da Vila São Pedro (1982).¹⁰⁶

Esses espaços foram construídos pelas pessoas para dar atendimento às demandas por celebrações comunitárias em locais mais próximos de suas casas; parece óbvio dizer que este se constituiu num processo de desligamento em relação aos evangélico-luteranos que freqüentavam o templo no centro da cidade. Mas não foi isso que se sucedeu num primeiro momento. Ofícios religiosos de maior pompa, de importância tanto social quanto religiosa (como casamentos e confirmações)

¹⁰⁶ Não possuo dados muito precisos acerca das circunstâncias de criação das comunidades, à exceção da Comunidade da Cruz, cujo centro comunitário foi construído em terreno doado. O mesmo aconteceu em São José dos Pinhais, dois anos após os inícios das atividades.

eram realizados exclusivamente neste templo.¹⁰⁷ Às “capelas”, restavam os cultos, reuniões de grupos de senhoras e jovens, culto infantil. Enfim, as atividades estritamente religiosas. E isso embora esses espaços ainda carecessem de infraestrutura urbana, como revela este trecho da ata de uma assembléia da comunidade:

(...) O Sr. Hulman solicita a formação de uma Comissão para ir a Prefeitura Municipal, para que a mesma abra acesso a Capela da Cruz (*Vila Hauer*). Este assunto deverá ser levado ao Presbitério para que seja formada esta comissão, inclusive com a participação da Diretoria do Setor Sul.¹⁰⁸

No entanto, pelo que as atas da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba registram, a partir de 1976 iniciou-se um processo de discussão para que se estudasse a viabilidade ou não da descentralização da comunidade. Cabe assinalar que não havia então apenas centros comunitários localizados no então chamado setor sul. Bairros como Portão e Boa Vista também possuíam seus centros. Esses registros são bastante lacônicos acerca das motivações que desencadearam esse processo. Entretanto, um deles nos fornece pistas na busca por essas motivações que, coincidentemente ou não, são congruentes com a emergência de um novo discurso elaborado no seio da IECLB.

(...) O Dr. Paulo Sommer, teceu considerações sobre a vida geral da Comunidade, baseado nos dados estatísticos apresentados, mencionando haver necessidade de atividade missionária, a fim de obter não somente o aumento no número de membros, como também a maior participação de todos. Em particular, referiu-se à situação na zona rural, que é de desemprego de milhares de pessoas, sugerindo uma ação de nossa igreja naquele meio com a finalidade de minorar a sua situação de miséria.(...)¹⁰⁹

¹⁰⁷ Embora a comunidade do Boqueirão tenha sido fundada em 1967, o primeiro casamento ocorreu apenas em 1973. ERN, Nivaldo. ERN, Inês. **Entrevista.** Curitiba, 11 set. 1999.

¹⁰⁸ COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DE CURITIBA. **Ata da assembléia geral ordinária realizada em 14 mar. 1978.**

¹⁰⁹ *Idem.*

Ao mesmo tempo em que foi reunida uma comissão para elaborar o estatuto de uma União Paroquial formada por Paróquias autônomas, em maio de 1979, estas já foram autorizadas a receber as contribuições dos membros por intermédio de seus respectivos tesoureiros e pastores.¹¹⁰ No decorrer desse processo, a Paróquia Sul parece ter merecido destaque, pois

A descentralização foi visada mais [para] a Igreja atingir mais membros. Já que o Boqueirão era porta de entrada de quem vem de Santa Catarina, nós estávamos levando essa paróquia como a Paróquia da Diáspora. E como no serviço missionário de diáspora, nós tínhamos de se abrir, atingir mais coisas.¹¹¹

Em Assembléia Geral Extraordinária realizada em outubro de 1982, uma versão final do novo Regimento Interno foi apreciada e homologada, sendo que em seu preâmbulo, verifica-se a alteração mais significativa:

A Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba (C.E.L.C.) é qualificada pelos seus Estatutos como "Paróquia" (art. 9º). Por resolução do seu Conselho e posterior homologação da Assembléia Geral, a C.E.L.C. foi subdividida em várias paróquias, passando a funcionar como "União Paroquial" (Cf. art. 8º da Constituição da IECLB), sem prejuízo do seu nome e de sua condição de pessoa jurídica, conforme estabelecido no art. 6º de seus Estatutos (ver também Regimento Interno da IECLB, art. 43, parágrafo 1º).¹¹²

A partir de então, cada uma das cinco paróquias da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – União Paroquial (CELC–UP) tinha autonomia litúrgica e administrativa.¹¹³ À União Paroquial caberia concentrar atividades comuns e a

¹¹⁰ COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DE CURITIBA. **Ata da Reunião do presbitério e conselho paroquial realizada em 08 maio. 1979.** Esta é a primeira referência que se faz a "paróquias".

¹¹¹ SCHÖLK, Edgar. **Entrevista.** Curitiba, 1 jun. 1999. Quando, em 1982 foi instituída a União Paroquial, as obras da Av. Mal. Floriano já estavam concluídas e, de fato, o Bairro Boqueirão era essa "porta de entrada", uma vez que a referida avenida em seu prolongamento em São José dos Pinhais acessava diretamente a BR 376, ligação com o Estado de Santa Catarina.

¹¹² COMUNIDADE EVANGÉLICA LUTERANA DE CURITIBA. **Regimento Interno homologado em Assembléia Geral Extraordinária em 19 out. 1982.** p. 14 (verso)

¹¹³ As cinco paróquias eram: Paróquia Norte, Paróquia Sul, Paróquia Nordeste, Paróquia Cristo Redentor (que aglutinava os templos do centro da cidade). Paróquia Sudoeste. Cada paróquia

administração e manutenção do Colégio Martinus e da Fundação Luterana de Assistência Social (FLAS), mantenedora do Ancionato Ebenezer e da Creche Bom Samaritano.¹¹⁴

O último passo da descentralização foi a distribuição da documentação. Cada paróquia passou a ter seus próprios livros de registros de batismos, confirmações, casamentos e óbitos. Contudo, ao que parece, alguns membros precisaram ser convencidos quanto à conveniência de participar da comunidade próxima à sua casa, como podemos ver nessa circular de dezembro de 1983:

Prezado membro

A Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba, já a algum tempo, escolheu o caminho da descentralização como meio de proporcionar um melhor atendimento a seus membros. O território de nossa cidade foi dividido em cinco áreas que correspondem às paróquias: CENTRO - CRISTO REDENTOR, NORTE, SUL, NORDESTE E BOM PASTOR.¹¹⁵ Cada paróquia conta com um presbitério e é atendida por um pastor.

A partir de janeiro de 1984 seu nome estará inscrito na paróquia que corresponde à localização de sua residência. Neste local lhe será prestado todo atendimento espiritual e administrativo. Sua participação na vida comunitária nos é sempre importante pois sabemos-nos unidos pela mesma fé.

(a) Gerhard Léo Linzmeyer
Presidente da União Paroquial

(a) Inger Oybekk
Coordenadora do Colégio Pastoral

Foi nesse contexto que foram instituídas as quatro comunidades da Paróquia Sul de Curitiba: sofrendo, de um lado, influências de uma instituição que ainda redefinia seus objetivos, e, de outro lado, sendo edificada por pessoas que, em sua maioria, haviam recentemente chegado à cidade.

se dividira em comunidades, sendo que a paróquia Sul, em 1987 (ano do censo) era composta por quatro comunidades, como veremos a seguir.

¹¹⁴ A Creche Bom Samaritano localiza-se em Pinhais (região metropolitana de Curitiba) e foi inaugurada em junho de 1980, já o Lar Ebenezer é um ancionato que se localiza no bairro Campo Comprido em Curitiba e foi inaugurado em 04/03/1979.

Perceber a importância e a abrangência desses impactos de ordem institucional sobre a constituição da forma de ser dessas pessoas, passa a ser uma etapa necessária da pesquisa. É disso que trata o próximo capítulo.

¹¹⁵ Para verificar como o território do município foi dividido, ver mapa entre os anexos p. 149.



CAPÍTULO IV

MIGRANTES A MARGEM, CONSTRUINDO SUA IDENTIDADE

(Foto: CRIANÇAS do Culto Infantil na Comunidade da Vila Hauer. Cerca de 1970.

1 fot. : p&b ; 9 x 13 cm.)

A problemática toda surge, evidentemente, da circunstância de ser a nossa Igreja, e por extensão suas comunidades, de origem imigratória e não missionária. Sendo assim, o luteranismo faz parte do complexo cultural que os alemães transferiram consigo ao virem para o Novo Mundo.(...)Assim, coexistem lado a lado as duas concepções de igreja – a do que a ela pertencem por razões de nascimento, ou seja, por tradição, e a dos que são “praticantes”, engajando-se em seus vários setores de trabalho.

Rodolfo S. Doerzapff – 1974

A região sul de Curitiba sempre teve inúmeros problemas quanto à sua ocupação, advindos sobretudo do relevo e da hidrografia da cidade. Seu perfil topográfico é de acentuado declive, iniciado ao norte do município, fazendo com que o curso dos rios siga no sentido norte-sul, desembocando em sua maioria no rio Iguaçu, que é o marco de divisa com o município de São José dos Pinhais. Isso fez com que a região sul fosse excluída, no decorrer do século XX, dos planos de urbanização pelo fato de ser uma área sujeita à inundações, que conferiu aos seus bairros uma singularidade quanto ao seu processo de povoamento e urbanização.

A partir da segunda metade do século, fez-se sentir de maneira extremamente expressiva a participação no conjunto dos habitantes da cidade do

migrante interno. Numa tendência que parece apenas arrefecer na última década, sua população dobrou a cada decênio, tendendo à uma periferação,⁴¹ em especial no sul.

No entanto, se o crescimento demográfico direcionava-se para a periferia, particularmente do lado meridional, desde os anos quarenta o planejamento urbano seguia em direção oposta. No plano tutelado pelo urbanista francês Alfredo Agache, entregue em 1943, o controle e o ordenamento do crescimento da cidade eram desejados. Em função disso, as áreas ao sul foram denominadas como “zona inundável do Baixo Belém” e desestimuladas em sua ocupação, pois as soluções para o problema das cheias implicariam a execução de grandes obras. A área deveria ser estimulada em sua “vocação agrícola”.

Vinte e três anos depois, os técnicos responsáveis pelo plano Serete (1965) alertaram para o problema criado pela ocupação dos solos de difícil drenagem e compactação, além da BR 116.   queles que já habitavam a região, deveriam ser oferecidos inicialmente acesso e infra-estrutura urbana, sem estímulo    criação de novos loteamentos.⁴²

É justamente nesse período em que várias áreas deixam de ser privilegiadas pela ação urbanizadora que elas passam a ganhar um maior incremento demográfico. O que explica esse aparente paradoxo? Como exemplo, citarei o processo de ocupação do atual bairro Boqueirão.

⁴¹ Em 1950 a população era de 180.575 habitantes. Uma década depois, 361.309 hab. No início dos anos setenta é contabilizada uma população de 609.026 habitantes. Cf. INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Curitiba em dados**. Curitiba: 1996.

⁴² SUTIL, Marcelo. Boqueirão: o bairro na história da cidade. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. Curitiba, v.22, n.106, ago 1995.

Este bairro era uma fazenda até 1933,⁴⁴ quando, legada como herança, foi loteada. No entanto, embora uma Companhia tenha sido criada para promover a venda dos lotes, estes demoraram muito para serem totalmente vendidos. Durante muito tempo ainda, o bairro conservou sua característica de “bairro rural”, fornecedor de gêneros alimentícios, sobretudo laticínios.

Por contraditório que pareça à primeira vista, o que freou o desenvolvimento urbano do Boqueirão, num primeiro momento, foi também o que atraiu mais tarde pessoas para a região. Pode-se dizer que a densa ocupação do bairro, iniciada na década de 1960 seja um subproduto não planejado do Plano Serete. Ao excluir o bairro de qualquer projeto de benfeitoria, com o objetivo de mantê-lo “rural”, criou-se um lugar desvalorizado sob o ponto de vista do mercado imobiliário. Com preços muito aquém da média, os lotes da região constituíram-se na oportunidade que muitas famílias de baixa renda tiveram para adquirir seu imóvel, pouco se importando com a falta de infra-estrutura.

Essa aparente indiferença relativa ao local de morada, expressa o prevalecimento do aspecto positivo da ruptura entre a vida no interior e a vida na cidade grande sobre o fato de que se habita a periferia desse centro urbano. O ato da migração *per se* significa um ato de ruptura e o implícito desejo de ascensão social. *“[Meus pais saíram de lá] pelo mesmo motivo que todo mundo muda de lugar: buscando sempre o melhor. Porque Santa Catarina, pelo menos na região onde a*

⁴⁴ A Fazenda Boqueirão, originalmente pertencente a Theolindo Ferreira Ribas, era descrita por antigos moradores como um grande banhado, com aproximadamente mil alqueires de extensão, abrangendo parte dos atuais bairros do Xaxim e Tatuquara. Como a maioria das propriedades rurais em Curitiba, plantavam-se milho e feijão. Além disso criava-se gado bovino. Com o loteamento, foram criados doze mil lotes urbanos de 15 m por 50 m e algumas dezenas de chácaras com dois alqueires. Iniciadas em 1934, as vendas só terminaram em 1982. SUTIL, *op. cit.*

*gente morava, era de terra muito fraca. A gente trabalhava na lavoura, então chegou naquele ponto que não dá mais.”*⁴⁵

Via de regra, ao chegar em Curitiba, a família migrante teve uma relação de encantamento com a cidade, destacando-se inclusive nos relatos a facilidade de inserção (dos homens) no mercado de trabalho.⁴⁶

Na época foi muito fácil. (...) Com três dias aqui eu fui trabalhar; hoje é papel Iguazu, na época era papel Santa Mônica. Trabalhei três meses, não gostei porque era três horários diferentes de trabalho. A intenção da gente era trabalhar com móvel. Trabalhava na lavoura [antes de migrar] mas tinha vocação pra aquilo. E quando abriu vaga na firma que a gente trabalhou onze anos. (...) Daí a gente saiu daquela empresa, mas eu fiquei oito dias parado porque eu quis ficar parado.⁴⁷

Essa facilidade pode ser explicada pela alta qualificação dessas pessoas que chegavam de Santa Catarina. Como desenvolvi em capítulo anterior, esta foi fruto de um processo de substituição da mão-de-obra estrangeira por nacional no período entre-guerras. Ao migrante, contudo, a justificativa encontra-se atrelada a sua origem.

E no terceiro dia que estávamos aqui procurei emprego, e a facilidade foi muito grande, muito, muito grande a facilidade em se conseguir um emprego. Muito fácil porque no quarto dia eu já estava trabalhando. Foi muito bom naquela época, existia muitas e muitas vagas. E um estandarte, que quem procurava emprego naquela época, era um estandarte muito grande, era o elemento, dizer que era catarinense. Ela levava vantagem. (...) Era muito bem reconhecido a capacidade.⁴⁸

Esse processo de capacitação dos nacionais, como estratégia implementada diante da impossibilidade da importação de mão-de-obra para a indústria regional, criou um excedente altamente qualificado para a indústria, que diante da falta de

⁴⁵ ERN, Inês **Entrevista**. Curitiba, 11 set. 1999.

⁴⁶ Creio que o destaque dado à absorção pelo mercado de trabalho tenha relação direta com o fato de que atualmente não só o nosso país mas o mundo todo passa por uma crise de emprego, onde a oferta não supre a demanda. Sobre a relação entre memória e história ver THOMPSON, Paul. **A voz o passado: História oral**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1998. CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade: texto e História**. São Paulo : Loyola, 1999.

⁴⁷ ERN, Nivaldo. **Entrevista**. Curitiba, 11 set. 1999.

oportunidade, viu-se obrigado a migrar. Paradigmático nesse momento foi o processo de instalação da Cidade Industrial de Curitiba – CIC – iniciado em 1974 e encerrado em 1979. O parque industrial que se instalava na cidade constituiu-se num grande chamariz que atraiu para a cidade migrantes oriundos de várias regiões do estado, bem como de outras unidades da Federação.⁵⁰

A riqueza em perspectivas despertava nos novos moradores o desejo de conquistas materiais, sendo que a prioritária era de um lugar para morar. Nesse momento, o critério que mais pesou sobre a escolha do local foi, com certeza, o preço do imóvel. Mas interessantes são os mecanismos da memória: para muitos, esse critério não aparece de maneira explícita. Antes, é camuflado; quase um motivo de vergonha. A ênfase é dada, em muitos casos, aos aspectos quase rurais da região “escolhida” para morar.

Inês: Acho que era o lugar mais em conta que tinha pra comprar...

Nivaldo: Não, aqui propriamente sempre foi mais caro porque na época as enchentes lá pra baixo [*da Av. Mal. Floriano*], um pouco também foi isso. A gente tinha um irmão que hoje mora em Blumenau que vendeu ali por causa das enchentes. E meus cunhados compraram aqui. E quando a gente casou, a gente não tinha terreno. Pagava aluguel pra eles.⁵¹

Ficamos um ano morando de aluguel, daí compramos essa casa aqui. Mas olha, mato... Mato não, campo né... Aqueles caminho de vaca assim estreito, dessa altura assim... Então de manhã, pra gente não molha o pé em cima do capim, a gente andava pelo caminho das vaca. Ai, que barato! (...) Lá em cima tinha leiteira, era tudo campo. Rua não tinha nenhuma aberta, era tudo por cima de campo. Não tinha nenhuma rua aberta... E depois veio tudo as casa aqui.⁵²

⁴⁸ SCHÖLK, Edgar. **Entrevista**. Curitiba, 1 jun. 1999.

⁵⁰ Em trabalho anterior procurei descrever a trajetória migrante daqueles que vieram do norte do Paraná, motivados pelo declínio da cafeicultura. Cf. SILVEIRA, Claudia Regina Baukat. **Ocupando a Vila Osternack**: um estudo sobre a migração em Curitiba. Curitiba, 1997. Monografia (Bacharelado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná. Sobre a formação da mão-de-obra em Santa Catarina ver BLASCHKE, *op. cit.*

⁵¹ ERN & ERN. **Entrevista**.

⁵² KRAUS, Maria. **Entrevista**. Curitiba, 9 ago. 1999.

Contudo, entre as memórias do primeiro pastor efetivo da Paróquia Sul de Curitiba, não se encontram apenas os êxitos.⁵² O relevo maior é dado à dificuldade que um migrante, oriundo de regiões coloniais de Santa Catarina, enfrentou para adaptar-se à lógica da metrópole.

E como Boqueirão, (...) era chamado o trampolim para Curitiba, nós recebemos muitos catarinenses que se quebraram nas primeiras quatro, cinco, seis semanas. Que não sabiam como viver e se comportar na cidade. Trouxeram o dinheiro pensando que todo mundo é tão honesto quanto lá no interior de Santa Catarina, e eles foram enganados de todo jeito e perderam tudo. Voltaram para sua terra de origem, como a gente diz na gíria “pelados”, sem um tostão no bolso. Alguns tentavam voltar de novo, e como aprenderam, na segunda ou na terceira vez deu certo. Então este também foi algo que caracterizava nossa comunidade: a gente lidava com muitos problemas que a maioria da comunidade nem queria saber, mas as pessoas estavam nesse sufoco: “Vai ou não vai dar certo de eu colocar os pés no chão em Curitiba?”⁵³

Como afirmei anteriormente, se a região toda não fora planejada para ser densamente povoada, no reboque do planejamento urbano sua metamorfose lhe deu contornos de área residencial, integrante da malha da cidade. A memória de seus moradores, membros do grupo que é objeto dessa pesquisa, foi seletiva acerca das mudanças verificadas no decorrer de pouco mais de vinte anos. Tal seletividade se constata pela incorporação do discurso atualmente vigente da “capital ecológica” ou de “cidade de primeiro mundo”, só que vislumbrada desde sua chegada, a partir do universo de possibilidades colocadas ao seu alcance: emprego e casa própria, principalmente.

⁵² Johann Friedrich Genthner veio para o Brasil em 1964, como pastor missionário enviado pela *Lutherische Gotteskasten* (Associação das Caixas de Deus), entidade missionária alemã, que atualmente chama-se *Martin Luther Verein*. Designado pela IECLB para estabelecer-se na Paróquia Dona Francisca (Pirabeiraba – Joinville –SC) trabalhou lá até 1977. Neste ano, a convite de pastores de Curitiba, iniciou um trabalho de missão no então chamado Setor Sul de Curitiba, trabalhando na Paróquia Sul até a sua aposentadoria em 1999.

[Saímos de Panambi por causa] do ramo, porque Curitiba era mais centralizado. Era mais centro de transporte, então lá a gente parava pouco. Pouco em casa, e só passagem, que não era terminal de carga, era só caminho. A gente ficava pouco em casa. E que pra cá era melhor, né?! Mais regionalizado, mais centro. Pros filhos, lá na cidade pequena, mandar estudar, tudo era longe daí. Teria os custos de hospedagem... Internato, o quê... Daí a gente optou por Curitiba [porque] fica melhor de serviço, melhor de estudo, e pra mim era melhor também pro transporte.⁵⁴

A visão de que desde sua chegada o processo foi de ascensão também encontra-se presente em suas memórias. Nessa “linha evolutiva” localiza-se também a cidade que só melhorou, como podemos ver no relato de uma moradora do Alto Boqueirão (região que cresceu entre os anos setenta e oitenta devido à instalação de conjuntos residenciais pela COHAB).

[Quando viemos morar aqui] era só casas de quatro peças, sem muro, sem nada, só uns palanque com umas ripas pregada. Não é bonito que nem hoje. Era simples, simples, sem uma árvore. Essas árvores plantaram há pouco tempo. Agora que as folhas tão caindo, o pessoal diz “ai que porcaria” e quando não tinha árvores, era muito vazio. Mas agora tá bonito, tá bom de morar aqui. Ônibus sempre foi fácil. Até aqui, esse ônibus sempre foi fácil. [Mas com comércio] Ah, não tinha nada... Não tinha nada aqui. Nem panificadora, nada tinha... Tinha tudo de ir pro centro, Vila Hauer. Isso foi feito tudo depois...⁵⁵

Aqui não se encontra apenas o registro de uma memória, eleita por essas pessoas entre tantas possíveis. É o registro de algumas transformações que julgo significativas no cenário urbano dessa região da cidade nos últimos trinta anos. Ruas e avenidas que foram planejadas para serem portões de entrada, deixaram de sê-lo; locais que não deveriam ser ocupados, de acordo com o planejamento urbano, o foram. Enfim, a urbanização teve de ser levada para onde não se desejava. Aconteceu descontroladamente, apesar de todas as tentativas de prevê-la. Um exemplo interessante encontra-se no relato de um morador do bairro Uberaba:

⁵³ GENTHNER, Johann Friedrich. **Entrevista.** Curitiba, 24 set. 1999.

⁵⁴ WENDLAND, Ernani. **Entrevista.** Curitiba, 26 ago. 1999.

⁵⁵ ADAM, Herta Schárbele. **Entrevista.** Curitiba, 5 ago. 1999.

Naquela ocasião representava mais futuro há trinta e poucos anos atrás. Porque vindo de Joinville, entrava tudo pela Salgado Filho. Não existia a [Avenida das Torres]. E a Marechal [Florianópolis] tava praticamente parada. Então apresentava uma melhora muito, muito grande. No fim o negócio inverteu. A Marechal cresceu bastante, a Marechal cresceu muito, e aqui estabilizou.⁵⁶

As vias de acesso também constituem-se num indicativo muito interessante dessas transformações, uma vez que justamente esses três eixos são responsáveis pela absorção do tráfego oriundo de Santa Catarina (em particular do Vale do Itajaí): o mais antigo, a Avenida Senador Salgado Filho, perdeu importância com a extensão da Avenida Marechal Floriano Peixoto do centro de Curitiba até São José dos Pinhais.⁵⁷ Por fim, já a partir da segunda metade da década de 1970, foi aberta a Avenida Comendador Franco (a Avenida das Torres), cujo principal objetivo era ligar o Aeroporto Afonso Pena com o centro de Curitiba, mas também serviu como extensão da BR 376, fazendo a ligação entre o Vale do Itajaí com o acesso para São Paulo. A partir dessas vias há a possibilidade de se lançar o olhar sobre a ocupação dessas regiões da metrópole. No que se refere à Avenida Marechal Floriano, que atualmente se constitui num importante eixo de ligação do centro com o sul, por muitos anos foi considerada uma via secundária. A título de exemplo, o plano Serete privilegiava a criação de um eixo estrutural norte-sul que realizasse a ligação do centro com o bairro Pinheirinho.

⁵⁶ SCHÖLK, *op. cit.*

⁵⁷ Até meados da década de 1950, a principal via de acesso inclusive para o bairro Boqueirão era a Av. Salgado Filho. Nessa época a Av. Marechal Floriano foi estendida até São José dos Pinhais, estimulando a venda dos lotes na região pela facilidade de acesso. SUTIL, *op. cit.* p.52ss

4.1 As estratégias de estruturação do Setor Sul de Curitiba ou “como construir uma paróquia”

Quando, no decorrer dos anos setenta tentou-se organizar um trabalho efetivo da igreja em Curitiba, no que se convencionou chamar de Setor Sul, a idéia inicial, ao que tudo indica, era atender à demanda de pessoas que se queixavam das dificuldades que existiam para participar de cultos e outras atividades na comunidade do centro. Em geral, a grande reclamação era relativa à falta de acesso que muitos tinham para o centro: desde o arruamento inadequado, até a falta de linhas de ônibus, ou mesmo a falta de horários.

Dessa forma, inicialmente por ação de migrantes que passavam a integrar a região, foram construídos os centros comunitários nos bairros da Vila Hauer e do Boqueirão ainda em 1968, como já descrevi anteriormente. Mas havia queixas: uma era relativa à falta de um pastor efetivo; os cultos eram realizados mensalmente e mais tarde quinzenalmente, por pastores que se revezavam na função. Não havia como estruturar um trabalho permanente; exceção feita ao grupo de senhoras e ao culto infantil, que dependiam quase que exclusivamente de iniciativa dos próprios membros.

Assim, quando em 1979 o pastor Genthner assumiu o pastorado criado para atender ao Setor Sul, encontrou muito trabalho para ser feito. Primeiramente, localizando membros que eram inscritos junto à CELC, mas que há tempos não contribuía. Depois, tentando aglutinar essas famílias em torno do que mais tarde seria uma paróquia.

Então quando me apresentei, na época o Otto Bremer era o presidente, perguntei o que ele pretende fazer comigo. Não, diz ele, você vai trabalhar neste Setor Sul. Tá bom, e quando vim, ele disse : “você tem que ir para o Colégio Martinus”. Eu disse

não. Seu chamado era para trabalhar na área então, duas coisas não vou poder fazer. “O que você quer fazer o dia todo?” Eu disse: Olha, não tem trabalho? Então eu vou procurar. E assim foi. Ele entregou uma lista de em torno de noventa famílias e então eu pensei “vou comprar o mapa de Curitiba para ver onde se localiza essas famílias”. Como vi que era muito espalhado, amarrei a bicicleta atrás do fusca e fui para um ponto estratégico de lá procurar com a bicicleta. A maioria das ruas não tinha continuidade, com valetas e tudo, então não tinha jeito de usar o carro. Então fui com a bicicleta e carreguei ou empurrei para continuar do outro lado para saber onde a pessoa morava. Então eu fiz o mapa da paróquia e localizei essas famílias e verifiquei que dessas noventa, nem quarenta eram membros efetivos. E por quê? A União Paroquial, para arrecadar dinheiro, contratou algumas pessoas para fazer a cobrança. Mas essas pessoas ganhavam 10% ou 15% do dinheiro arrecadado. Então é claro: se eles vão a uma casa para cobrar R\$3,00 não compensa pagar ônibus, perder o tempo. E deixaram as pessoas de lado que não contribuiriam muito. Sobrou um grupo dos financeiramente bem de vida. Isso a gente verificou. Então as pessoas diziam: nós não queremos mais saber da igreja, ou nos ligamos à Igreja Católica, ou Igreja Batista... E assim foi. Com este início que a gente não sabia onde os membros moravam, comecei falar com cada família, ver quem se dispunha para distribuir um boletim para que os membros soubessem o que na comunidade ou na paróquia está acontecendo. Este foi muito complicado porque as pessoas não queriam assumir isso. Então aquela área da paróquia começava na estrada de ferro Cajuru, o que hoje chama-se Trindade, até a CEASA, e São José dos Pinhais até a Vila Parolim. Tudo isso era a Paróquia Sul. Então como foi possível achar colaboradores, então a gente tentava reunir essas pessoas, convidar para o culto na Vila Hauer, naquele ano que nós começamos – 79 – a frequência era na média 5 ou 6 pessoas na Vila Hauer e aqui (*Boqueirão*) tinha 10 ou 12. Mas muito instável. Isso durou um bom tempo até os membros se convenceram vir para o culto.¹¹⁷

Foi justamente devido a esse primeiro passo dado por ele, que muitas famílias passaram a ficar sabendo que havia um trabalho desenvolvido pela igreja próximo à sua residência. Contudo, quando foi aprovada a descentralização e, por conseguinte, foi dada uma autonomia relativa às paróquias, a estrutura adotada foi territorial. Isso significa que, morando na região de abrangência de uma determinada paróquia, o luterano *deve* estar ligado a ela. Para os mais antigos, isso foi um choque. “(...) Primeiro nós colaboramos pra reformar a igreja do centro e daí logo depois veio o aviso que a gente ia se desmembrar. Aí meu marido disse “primeiro nós ajudamos e agora nós somos os caipiras”. Ele não gostou. Mas ele quem indicou esse terreno aqui.”¹¹⁸

¹¹⁷ GENTHNER, *op. cit.*

¹¹⁸ FROESE, Dorli. **Entrevista.** Curitiba, 26 abr. 2000.

Embora esse processo tenha sido desencadeado à revelia de muitos, ele significou uma cisão no grande grupo de Curitiba. Os grupos menores – as paróquias – passaram a ser identificados sobretudo pela natureza de suas possibilidades econômicas, e talvez por isso a memória dos luteranos entrevistados na Paróquia Sul tenha ocultado essa faceta de sua instalação na cidade.

É, [houve preconceito] por causa da periferia. Como falei: o Boqueirão era, assim foi chamado “trampolim para Curitiba”. As pessoas experimentavam: vai ou não vai. Naquele tempo, Vila Guaira já era mais estabelecida, as pessoas tinham mais recursos do que aqui e como falei: os pastores que até uma altura vieram de fora, não queriam ficar na periferia, ou nesse trabalho. Queriam ir para o centro e trabalhar no colégio. E as pessoas aqui se sentiam também assim. Quando a gente veio de Santa Catarina, de São José até a BR101, só olhar num livro da História de Curitiba para ver como a Mal. Floriano era. Era uma estrada de macadame e a poeira que lá deu foi horrível como os buracos. Então quem morava da BR116 pra cá, era algo abandonado. Quando nós viemos, a gente ainda tinha pedir às vacas “por favor, saia da rua, pra que eu posso passar.” E toda essa região onde nós estamos agora, era em grande parte dos menonitas, que trabalhavam com gado leiteiro.¹¹⁹

Percebe-se então que, com a condição de migrante, para as pessoas desse grupo, agregou-se o fator pobreza. Isso me leva a crer que, na formação da identidade dessas pessoas, quando faço referência à migração como um de seus constituintes, há uma redefinição de papéis e valores em função de um novo lugar no *campo*, no dizer de Bourdieu.¹²⁰

Dessa forma, os membros da Paróquia Sul de Curitiba (que no presente estudo encontram-se na condição de agentes sociais) são distribuídos no espaço social de acordo com dois princípios de diferenciação (em relação ao conjunto da sociedade curitibana, ao conjunto dos luteranos em Curitiba, e às pessoas/familiares que permaneceram no lugar de origem – e com as quais ainda mantêm contato –, e em relação a uma “ancestralidade teuto-brasileira”: o capital econômico e o capital

¹¹⁹ GENTHNER, *op. cit.*

¹²⁰ BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In : _____. **Razões práticas : sobre a teoria da ação.** Campinas : Papirus, 1996. p.13-33.

cultural. A proximidade ou o distanciamento desses princípios define as relações no espaço. Assim sendo, do ponto de vista cultural, todos os luteranos da capital encontram-se próximos. O que os distingue, é o capital econômico, da forma como já expus. No conjunto da sociedade curitibana, distinguem-se de alguns pelo capital cultural (que se pauta numa identificação de origem, na religiosidade, na escolaridade acima da média) e se aproximam de outros pela mesma razão, só para ficarmos em dois exemplos.

Dessa maneira, Bourdieu considera que a posição que pessoas ou grupos ocupam no campo se retraduz em tomadas de decisão intermediadas pelo *habitus*, que são gostos produzidos pelos condicionamentos articulados às suas possibilidades. A noção de *habitus* tem como função dar conta da unidade e diversidade de estilos de um agente ou de uma classe destes. O *habitus* marca o que é diferente e serve de parâmetro para classificação.¹²¹

Em relação ao grupo que está em causa no presente trabalho, o *habitus* foi construído sobre a base comum de serem essas pessoas confessantes da mesma denominação, serem migrantes residindo num espaço marginal da cidade e terem uma ancestralidade comum. Dessa forma, embora sintam-se tão luteranas quanto qualquer luterano residente em Curitiba, segregam-se e são segregados, dadas as suas limitações econômicas (mesmo que estas encontrem-se restritas ao momento de instalação na cidade), o que condicionou comportamentos e definiu papéis. Contudo, como veremos, essas atribuições não se constituem de forma homogênea para todas as pessoas.

¹²¹ BOURDIEU, *op. cit.*

4.1.1 Diversidade sob aparente unidade: definindo tipologias

Ao lidar com categorias distintas formadoras da identidade, parece muito tentador supor que o peso destas teve igual valor para todas essas pessoas. Contudo, havia o risco do reducionismo. Então, ao relacionar ancestralidade teuto-brasileira, confissão evangélico-luterana e um histórico recente de migração, foi necessário antes de mais nada dimensionar como esses elementos se ligam aos indivíduos de acordo com a sua inserção nesse processo. Assim, ganharam relevo a idade do migrante e seu local de nascimento, o que me levou a construir três tipologias (para ser mais precisa, a segunda tipologia desdobra-se em duas).

4.1.1.1 O estrangeiro

Dentre os membros do grupo, os indivíduos originários de outros países, ou “imigrantes”, concentram-se na faixa etária mais velha. Provavelmente em função disso, constituam-se, em termos proporcionais, em pouco menos que oito por cento do grupo recenseado em 1987, identificados como membro titular ou cônjuge deste. Chegaram ao país sobretudo no período correspondente ao entre guerras e o pós-Segunda Guerra Mundial, sendo que alguns instalaram-se em colônias para posterior migração para Curitiba. Via de regra, são também os que há mais tempo habitam a região.

No momento de sua instalação, era muito expressiva a presença dos menonitas na região, principalmente no Boqueirão. Devido ao fato de falarem todos o mesmo idioma (embora com inúmeras variações dialetais), o seu convívio foi

facilitado. Essa facilidade de comunicação possibilitou a criação de uma rede de sociabilidades, que tinha nos cultos da comunidade menonita espaço para sua vivência, uma vez que participar da comunidade luterana, localizada no centro da cidade, era difícil.

Com a igreja, ia na igreja dos menonitas, aí em cima. Porque a nossa só tinha no centro : a pequena, na Inácio Lustosa, e na Trajano Reis. E na igreja, nós ia nos menonita porque a mãe não conhecia o centro. Então ela não podia levar nós porque ela não sabia como é que pegava o ônibus pra lá, não sabia falar o brasileiro, então ela disse assim "como é que eu vou levar lá se eu não sei o caminho?"¹²²

A presença menonita na região fazia-se sentir também através de um incipiente comércio local. Além dos laticínios produzidos pela Cooperativa Mista Boqueirão, estes dominavam o comércio de secos e molhados e de confecções. Os imigrantes luteranos que chegavam, passaram a constituir seu mercado consumidor, pois a comunicação facilitava as vendas.

Compra nós tinha aqui nessa rua, umas duas quadra pra lá, um armazém que era o Juca, casa Junke lá embaixo na praça do Carmo[hoje em dia]. Ele tinha um armazém e daí a Blumenau, e a Cooperativa, que tinha por aqui. Daí tinha lá pra baixo umas pequenas que a gente não conhecia. E o pai do seu Juca, ele sabia falar alemão, então a mãe falou com ele e daí ele disse assim: se nós não sabia falar o brasileiro, era pra gente daí... Se comprasse Royal, é pra nós trazer uma latinha. Ou se nós pegava sal, era pra nós trazer (vinha em saquinho de pano o sal naquele tempo). "Traga o saquinho de sal junto vazio, e mostra que daí eu falo pra minha nora, pra minha filha que trabalha vendendo aqui e pro meu filho. Vocês trazem um junto pra eles vê, e eles dão pra vocês o que vocês precisam". Daí quando a caixa de – naquele tempo tinha o Pox, Omo não tinha, – daí nós levava um vazio junto e mostrava daí eles davam o produto pra nós. E daí a mãe mandava eu com a minha irmã e nós gostava. Mostrava e daí pagava, ele marcava no papel quanto que era. E assim a gente comprava. A mãe pegava bastante na Blumenau. E na Cooperativa era só sócio que podia comprar. E daí a mãe trabalhava no seu Kopf, os dois que são falecido, eles tinham um número. E daí nós dava aquele número, e daí nós podia fazer compra na Cooperativa [*Mista Boqueirão, dos menonitas*], senão eles não dava a compra. Tinha que cada membro tinha um número. A gente comprava, dava o número pra ele, e pagava a vista, né?"¹²³

¹²² KRAUS, Maria. **Entrevista**. Curitiba, 9 ago. 1999.

¹²³ *Idem*.

O campo dessas pessoas – voltando às idéias de Bourdieu – é limitado por um capital cultural pautado na identificação de origem. Vejamos: embora se denominem luteranos, confessem essa maneira de religiosidade, o que mais pesa sobre a identidade delas é sua relação com pessoas que têm a mesma origem, ou que pelo menos falem a mesma língua. Seu contato com a igreja é apenas *uma* possibilidade de manutenção de sua identidade.

Eu não tenho muito amizade assim na igreja. Com ninguém assim... Bem eu conheço: só bom dia, boa tarde... Eu não tenho muita amizade com as pessoas... Mais amizade assim com a minha irmã, que é da família e quando encontro, são poucas as pessoas que eu converso.(...) Nós temos muita amizade – perto do Michelle tem duas família dos nosso Schwaben, que sono dos alemão de Entre Rios. Mora bastante gente por aqui. Daí temo bastante amizade. Mas só que a maior parte é católica. São poucos os evangélicos. Então como a gente tem amizade com eles, porque é do mesmo país onde a mãe nasceu, então a gente vai na casa deles, eles venham aqui e a gente vai trocando [*mudas de flores*] com a uma, com a outra e vai pra frente.¹²⁴

Dessa maneira, o que prevalece para essas pessoas é o distintivo étnico que elabora e reelabora suas fronteiras que lhe conferem uma identidade singular *em relação a* outras pessoas dentro do mesmo grupo da comunidade evangélica e em relação a outros grupos dentro do bairro/cidade.¹²⁵ *“Como outras identidades de mesmo tipo, esta surgiu no âmbito do contato com a sociedade brasileira e, como expressão de consciência coletiva, só pode ser compreendida por referência a um processo histórico de colonização a partir do qual foi elaborada e ajudou a preservar.”*¹²⁶

Contudo há uma geração que foi levada a romper com essa forma de relacionar-se com sua ancestralidade alemã etnicamente construída. Não foi por sua

¹²⁴ KRAUS, *op. cit.*

¹²⁵ BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras.** In: POUTIGNAT & STREIFF-FENART. *op. cit.*

iniciativa que deu-se essa ruptura, mas aconteceu cedendo a múltiplas pressões. De um lado, o mito da homogeneidade étnica esfacela-se diante da derrota na Segunda Guerra. Dessa forma, todas as influências exógenas perderam valor (o mito do *III Reich*, a pátria-mãe idealizada, a “Grande Alemanha” sem fronteiras). Por outro lado, a campanha de nacionalização empreendida pelo Estado Novo confinou os hábitos mais elementares de imigrantes e descendentes à esfera privada. A educação escolar, que anteriormente constituía-se numa forma de garantir a manutenção da identidade étnica, passou forçosamente por um processo de incorporação dos elementos do nacionalismo brasileiro.

Agregado a esses aspectos conjunturais, do ponto de vista da estrutura etária, é justamente a nova geração que, tendo a história à sua frente e, portanto, mais flexível às mudanças, poderia libertar-se mais facilmente das “determinações” do passado.¹²⁷

Assim, sobre os escombros dos valores antigos, é construída uma nova identidade. Mas repito: é sobre os seus escombros, tendo-os, portanto, como base que a ruptura impôs-se, triunfante, sobre a primeira geração do pós-guerra. Geração que concentra justamente a maioria dos nascimentos dos adultos arrolados pelo Censo de 1987, que mais tarde, já na fase adulta, migraram e constituíram família já na capital do Paraná

¹²⁶ SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira.(Org.) **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas : ULBRA, 1994.

¹²⁷ NADALIN denomina essas questões conjunturais de *acontecimentos catalizadores* que levaram à *mudança* da cultura imigrante. Cf. NADALIN, *Construção de uma cultura...* p.11

4.1.1.2 Um capital cultural e duas maneiras de relacionar-se com ele : a geração pós-guerra

Devido aos traumas impostos aos alemães e seus descendentes durante e após a Segunda Guerra Mundial, muitos são aqueles que defendem a idéia de que essa é a geração que se constitui num divisor de águas, uma geração que traz, de berço, os elementos que levaram a uma maior integração a cultura nacional.¹²⁸

Como resultado do processo de nacionalização, as expressões públicas de germanidade foram abafadas. Deixou-se de falar a língua alemã em público; diminuíram as atividades das sociedades e clubes recreativos; a educação passou a ser feita na língua portuguesa; em certos meios, passou a ser uma "vergonha" ser de origem alemã. Pelo menos por uma geração, a memória dos antepassados, ou seja, os fios que teciam a germanidade foram silenciados.¹²⁹

Do ponto de vista do cotidiano, todo um reordenamento teve de ser engendrado. Primeiramente porque as esferas públicas de transmissão e vivenciamento da tradição encontravam-se impedidas de realizá-las. Em função das restrições impostas durante o contexto da nacionalização, o Estado Novo e o pós-guerra foram anos particularmente traumáticos para a identidade desses indivíduos. Ao lado disso, a instituição também redefiniu seu papel e seus objetivos. A esse respeito, seria interessante realizar uma pesquisa, focalizando os hinários, que a partir desse momento ganham sua versão em português, investigando as mudanças litúrgicas realizadas no período, inclusive na tentativa de estabelecer uma relação entre essas alterações e as estrutura etária. Enfim, articular o impacto sobre a

¹²⁸ Ver: NADALIN, *Une paroise...* *op. cit.*, WOLFF, Cristina Scheibe; FLORES, Maria B. R. A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. In: MAUCH & VASCONCELLOS. *op. cit.* e SEYFERTH, G. *Nacionalismo...* *op. cit.*

¹²⁹ WOLFF & FLORES, *op. cit.* p.218

identidade ao fato de que a germanidade, para essas pessoas, desde a infância foi algo exercido contidamente.

Como exemplo cito a edição do hinário “Louvai cantando”.¹³⁰ Este fora editado visando o trabalho com jovens, tanto nos grupos comunitários, como nas escolas evangélicas. A organização de seus hinos é um interessante indicativo dessas transformações. Numa primeira parte, encontram-se hinos à pátria. Em seguida, constam hinos sacros tradicionais do luteranismo, sendo que sua primeira estrofe contém também sua versão original, em alemão. A terceira parte é constituída por canções folclóricas – brasileiras!

Confinados à esfera privada, os últimos ecos de uma germanidade agonizante foram transmitidos aos descendentes com uma roupagem folclorística, ingênua.¹³¹ Nesse “pacote” incluí-se uma religiosidade luterana.

A restrição dos valores herdados dos pais ao domínio privado, lançou essa geração, durante sua juventude, para a esfera pública e para o contato com a cultura da *sociedade receptora*.¹³² O estreitamento desse contato levou-os a uma completa integração à cultura brasileira, que nesse momento passava por profundas transformações.

Refiro-me ao fato de que essas pessoas foram jovens durante a década de 1960, momento caracterizado pela emergência de uma subcultura adolescente que, pela primeira vez passou a se distinguir da dos pais. A família, como esfera de reprodução e recriação dos valores, passava progressivamente a perder o valor.¹³³ É

¹³⁰ FRIEDBURG, Bárbara (Ed.). **Louvai cantando**. São Leopoldo : Sinodal, 1968.

¹³¹ *idem*.

¹³² Cf. NADALIN, *A construção de uma cultura...* *op.cit.*

no convívio com os pares que passou a ser construída a identidade, que se pauta em valores construídos pelo grupo, uma vez que as esferas tradicionais de formação humana (a família, a escola, a igreja) gradativamente deixavam de cumprir essa função.¹³⁴

No entanto, Shorter¹³⁵ atenta para o fato de que a primazia do processo dá-se nos Estados Unidos e Europa. Pessoalmente acredito que os ecos dessas transformações foram ouvidos também no Brasil, sendo que encontraram expressão sobretudo em movimentos como a Jovem Guarda e o Tropicalismo, sem falar no fato de que fora nesse momento que explosões musicais mundiais tais como *The Beatles* e *Elvis Presley* encontravam-se entre as preferências dos jovens também por aqui. Embora não tivessem acesso ainda à televisão, o rádio constituía-se num importante veículo de comunicação de massa, que ao lado das revistas fazia a divulgação do que era a moda. Obviamente, no caso brasileiro, o processo de uniformização dos costumes foi distinto daquele que o autor verificou em outros locais no período. Talvez essa passagem, no Brasil, tenha sido de fato iniciada por essa geração, mas apenas completada quando esses passaram a ter seus filhos.

Então, quando essas pessoas necessitaram mais tarde migrar para uma metrópole como Curitiba, esses elementos que lhe conferiam identidade precisaram ser reorganizados, o que os levou a expressar essa identidade de maneira diversa daquela que haviam vivenciado antes da migração.

¹³³ SHORTER, *op.cit.*

¹³⁴ GREEN, Bill; BIGUN, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** Petrópolis : Vozes, 1995. p.208 – 240.

¹³⁵ SHORTER, *op. cit.*

Contudo, apesar do fato de terem sido expostos as mesmas condições de formação da sua identidade, de terem uma caminhada particular comum, seu envolvimento com esse legado teve variações. Voltando a Bourdieu: embora tenham, em tese, um mesmo capital cultural e econômico, seu *habitus* varia de duas formas, como apresento a seguir.

Para alguns, sua relação com a religiosidade deu-se da mesma forma como haviam aprendido: uma relação de formalidade, distante; o elemento primordial é de uma relação com uma herança recebida dos antepassados; um folclore que deve ser tirado do armário nas ocasiões que marcam as etapas da vida: batismo, confirmação, casamento, morte. Praticamente não houve quem se dispusesse a ser entrevistado e que se enquadrasse nesse tipo, muito provavelmente porque quando eu apresentava resumidamente o objeto da pesquisa essa pessoa não se identificava como objeto dela.¹³⁶

Por outro lado, há aqueles que reorganizaram os elementos dessa herança e, principalmente pelo fato da migração, deram novo sentido e expressão à sua religiosidade. Embora os elementos sejam os mesmos – religiosidade, ancestralidade e migração – o valor dado a cada um deles fez com que essas pessoas construíssem no seio de sua comunidade religiosa novas formas de sociabilidades, substitutas da família que manteve-se no local de origem.

É como a nossa família. Eu diria que é como nossa família. Não é do sangue mas a nossa família foi feita aqui dentro. Eu diria que tenho três amigos que consegui nesses dezenove anos de trabalho, que são amigos autênticos, mas a família mesmo de convivência, de confiança, essa família é a família da igreja.¹³⁷

¹³⁶ Isso dificultou bastante o trabalho, uma vez que não posso ir muito além do apontamento da tipologia, sem investigar adequadamente suas razões.

¹³⁷ LOESCH, Irineu. **Entrevista**. Curitiba, 29 ago. 1999.

O meu caminho é a igreja. Que nem se fosse a minha casa. Eu gosto de ir. O dia que eu não vou, parece que falta uma coisa. Eu gosto de escutar a palavra, como o pastor prega, essas coisas me fazem um bem... A OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas) mesma coisa: férias na OASE, parece que aquele mês não passa, parece que é um grude que a gente gosta de tá junto.¹³⁸

Sem, hoje em dia, sem a comunidade fica difícil a gente sobreviver. Porque é assim, Claudia, naqueles momentos doloridos, naqueles momento alegres, poxa, qualquer problema a gente lembra: "Poxa, tem tanta pessoa amiga". A gente se reúne. Um faz oração pro outro... Então ela faz parte da vida mas em todos os sentidos. Eu acho que sem a comunidade, olha, não tem mais...¹³⁹

Daí a gente veio pra cá. E o pastor já convidou pro culto, no próximo domingo culto, a gente veio. E olha, fomos muito bem recebido aqui, nossa! As mulher logo me convidaram, as senhoras pra OASE. Foi assim uma recepção diferente do que nós tinha lá em Panambi, bem diferente. Porque lá eu ia também, mas só quando tinha programas especiais. Senão eu não ia. Então foi uma coisa assim, pra mim foi muito bom. Que a gente veio praticamente sozinho pra cá, então isso foi a minha família aqui. E com isso eu também eu me acostumei bem logo. Entrosei com o pessoal assim todo. Mas eu achei bem diferente a maneira de recepcionar as pessoas, como nós que viemos de fora do que como era lá. Talvez foi porque, gente nova, mas achei isso muito bacana.¹⁴⁰

Elas vieram fazer uma visita e fui uma vez ou outra, não sempre, na OASE. Daí depois, então que ...Hoje eu digo que graças a Deus eu tenho uma segunda família aqui. Eu tenho uma família, porque os amigos aqui da igreja são uma família pra gente. Graças a Deus, mas foi uma longa caminhada.¹⁴¹

Uma "família" que substitui aquela de sangue, na sua ausência. Por que esse tipo de comparação? Parece-me uma maneira velada de manter os elos da ancestralidade unidos. É um novo rearranjo dos mesmos elementos, mas com a incorporação de novos, partilhados por todos: a condição de migrante, o fato de morar em áreas periféricas de Curitiba, a ausência da família.

Creio ser o momento adequado de fazer um parêntese: "família" dentro das Ciências Sociais em geral, e da História em particular, sempre foi um conceito polissêmico, contudo, sempre referido a um contexto histórico específico. Dessa

¹³⁸ ADAM, Herta S. *op. cit.*

¹³⁹ ERN, Inês. *Op. cit.*

¹⁴⁰ WENDLAND, Neulíria. **Entrevista.** Curitiba, 26 ago. 1999.

¹⁴¹ APPEL, Dorli H. *op. cit.*

forma, ao lado do estereótipo da família nuclear moderna, existem formas “tradicionais” que estendem-na para a comunidade e outros parentes que não compartilham o mesmo domicílio.

Mas o problema apresenta-se ainda mais complexo quando a discussão relaciona-se à família no Brasil: os modelos – a despeito de todos os problemas decorrentes de seu uso – foram pensados, via de regra, para o ocidente (Europa). Portanto, encontrar as similitudes e os diferenciais passa a ser o primeiro passo para o estudo da família brasileira.¹⁴²

Para grande parte dessas pessoas, ser luterano significa ser portador de uma herança que foi aceita com convicção. Ou seja, ao lado da tradição, que os obrigaria a aceitar tacitamente a igreja dos pais, encontra-se o momento da escolha pessoal por manter-se ligado à igreja e assumi-la como sua. Diferentes pessoas responderam que se identificam com a “identidade luterana” (*um elemento discursivo institucional*), ou então passaram a ser luteranos convictamente a partir do rito da confirmação ou em momentos de evangelização, embora já o fossem desde o batismo. Nesses casos, os argumentos são de cunho estritamente religioso, teológico.¹⁴³

Mas não é apenas de descendentes de alemães que vêm as memórias. Há o caso de pessoas que se casaram com luteranos e tomaram para si essa mesma postura em sua vivência com uma nova religiosidade.

Eu passei a ser luterana depois que a gente casou. Eu era católica. Eu fiz o que a gente chamava de primeira comunhão, crisma, todos aqueles rituais que tem na

¹⁴² Indispensáveis para a compreensão da família como objeto de estudo e como fenômeno histórico são os trabalhos de ANDERSON, Michael. **Elementos para a História da família ocidental: 1500-1914**. Lisboa : Quercus, 1984. SHORTER, Edward. **A formação da família moderna**. Lisboa : Terramar, s.d.

¹⁴³ Cf. entrevistas em anexo.

Igreja Católica. Depois, quando a gente casou, passei a ser luterana e hoje em dia, se tiver que trocar, jamais trocaria. Pode mudar tudo, menos mudar pra outra religião. É uma coisa assim, que eu me encontrei. Foi uma coisa que preencheu todos os vazios. Mesmo naquela época que era cada um pra si, não é falar mal, mas era verdade. Era uma época assim: terminava o culto, a gente não tinha com quem conversar, talvez o culpado fosse a gente também, lógico. Mas mesmo ali, naquela época, eu já me sentia muito bem. Então, por isso que eu digo: a comunidade pra nós é importante. Eu tenho muito orgulho disso. Quem me pergunta, mesmo da minha família – porque é só eu da minha família – mas eu falo com muito orgulho, com muito prazer de ser uma luterana. Eu me sinto tão luterana quanto ele que nasceu luterano. Pra mim é muito importante.¹⁴⁴

Margareth: A gente cansava de ir no culto, e o pastor dizer bom dia quando você chegava, e as outras pessoas nem te diziam um bom dia. A gente sentiu isso bastante quando viemos pra cá. Eu evitava inclusive ir ao culto por causa dessas dificuldades. Eu não falo alemão, e nunca fiz muita questão porque eu sou do Brasil e minha língua é essa, eu tenho que me adaptar aqui. (...) Meu pai é bem brasileiro mesmo. Eu também nasci no Rio Grande. A gente morou em Santa Catarina, estudei lá. Daí quando a gente casou, vim morar pra cá.

Irineu: Mas ela teve uma facilidade de adaptação muito grande.

Margareth: Não era [luterana]. Fiquei luterana a partir do casamento. Eu pensei assim: se eu continuo católica, eu era católica participativa, a gente realmente participava de tudo. Na cidade pequena a igreja é a única opção que você tem. As amizades são em torno da escola, igreja e cinema no interior. Então a gente tinha bastante envolvimento. Mas eu pensei: eu católica, ele luterano, os filhos não vão ser nenhum. Pelo menos eu acho isso. Ah, porque pai de um lado, mãe do outro, os filhos não vão pra nenhum dos dois. E ele sempre levou muito a sério e eu trabalhei um período com um pessoal luterano. Eles me trataram muito bem, eu morei muitos anos com eles...¹⁴⁵

Eu me dei bem. Nos primeiros anos foi difícil, nos estudos tinha muitas palavras em alemão e as pessoas falavam muito alemão e eu me sentia um peixe fora d'água mas depois de uns dois anos de adaptação em Ponta Grossa, e daí aqui foi tudo bem. Eu me identifico, sabe, com a igreja luterana até porque me parece que as coisas são bem claras, você consegue testemunhar a fé que a gente professa. No ambiente de trabalho todo mundo sabe. Até a gente sente assim um peso de responsabilidade porque você é tomado como referência. Praticamente você não pode errar.¹⁴⁶

Interessante notar que o que se espera desses *neoluteranos* é a adaptabilidade diante do fato de pertencerem a uma nova denominação.

¹⁴⁴ ERN, Inês. *op.cit.*

¹⁴⁵ LOESCH, Margareth. *op.cit.*

¹⁴⁶ ALVES FILHO, Francisco. **Entrevista.** São José dos Pinhais, 26 abr. 2000.

Uma geração que foi levada a “romper para manter”¹⁴⁷ sua religiosidade, sua identidade: essa parece ser uma primeira impressão ao relacionarmos os elementos presentes até agora. É uma geração que à vista pública optou por gostos e hábitos comuns a qualquer pessoa, integrando-se no conjunto da sociedade. Seu distintivo encontra-se em atitudes mantidas em nível privado, sendo que o grupo religioso constitui-se, mesmo que parcialmente, num espaço de reivindicação dessa herança. Herança essa que foi aceita muito mais como um legado folclorístico do que como um vetor de sua identidade.

No momento de concluir, a opção foi dar relevo a novos elementos para o debate sobre os vetores da identidade de pessoas com uma história de vida tão fortemente atrelada a um passado tão longínquo não vivido.

¹⁴⁷ A expressão usada por Daniel Farbe para referir-se aos charivaris promovidos pelos jovens da França no século XVIII, parece-me extremamente oportuna para entender essa relação com as suas heranças tradicionais. FARBE, Daniel. Famílias. O privado contra o costume. In: ARIÉS, Philippe; CHARTIER, Roger(Org.) **História da vida privada 3: da Renascença ao século das luzes.** São Paulo : Cia. das Letras. 1991.



CONCLUSÃO

(Foto: GRUPO de casais da Paróquia Sul. Cerca de 1985. 1 fot. : p&b ; 9 x 13 cm.)

*Não me iludo
 Tudo permanecerá do jeito
 Que tem sido
 Transcorrendo, transformando
 Tempo e espaço navegando em
 todos os sentidos.
 (...)Não se iludam, não me iludo
 Tudo agora mesmo pode estar
 por um segundo
 Tempo rei, ó tempo rei, ó tempo
 rei...
 Transformai as velhas formas do
 viver...
 Gilberto Gil*

Tradicionalmente, a historiografia que trata sobre a imigração estrangeira no Brasil, quando relacionada aos meandros da intimidade de grupos, refere-se a unidades étnicas, emprestando assim da antropologia todo um cabedal conceitual. No entanto, não considero pertinente o uso dessa epistemologia quando se extrapolam os limites do pós-guerra – e, portanto, atingindo em cheio essa geração de migrantes, membros da Paróquia Sul de Curitiba, e isso por duas razões.

A primeira delas dá conta do fato de que a identidade étnica teve um “ciclo vital” que se esgotou com o fim da Segunda Guerra e com o nascimento dessa geração. Se tomarmos a terminologia utilizada por Nadalin, diríamos que foi uma

cultura imigrante que, dado o intenso contato com uma sociedade receptora, ou seja, dadas as condições diferenciadas da inserção do grupo na sociedade receptora e dados os traumas impostos pela conjuntura de nacionalização, passou por um processo de mutação.¹⁴⁸

Contudo, acredito ser possível ir um pouco além dessa constatação. Para tanto, foi necessário o resgate da história da imigração germânica no Brasil no plano pessoal, econômico e institucional (religioso). De um lado, temos a experiência pessoal e social do imigrante, que transferiu para o sul do Brasil todos os seus valores, costumes, tendo intenso contato com a cultura “nativa”. Do ponto de vista da *episteme* da antropologia barthiana, ao estabelecerem-se no Novo Mundo, no contato com os nacionais, as fronteiras étnicas foram definidas pelos membros do grupo e atribuídas pelos de fora.¹⁴⁹

Ao lado disso, a ação institucional da Igreja Luterana alemã no Brasil deu contornos políticos à essa forma de identidade. Assim, acredito, que sob a intervenção da igreja-mãe, um elemento que já fazia parte da experiência do imigrante no Brasil foi integrado a um projeto político, de caráter exógeno, transformando essa forma de identidade. Esse projeto trouxe a consciência da germanidade e possibilitou que fossem tomadas atitudes em busca de sua preservação, fato que em momentos anteriores à ação da Liga Pangermânica não havia acontecido.¹⁵⁰

¹⁴⁸ NADALIN, *Construção de uma cultura...* *op. cit.*

¹⁴⁹ BARTH, Fredrik. *op. cit.*

¹⁵⁰ Embora não relacionando a esfera institucional à experiência cotidiana, WIRTH apresenta alguns elementos importantes acerca do protestantismo de imigração. WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. *Fronteiras: revista de História*. Florianópolis, v.3, n.6, 1998. P.23-24

Sendo assim, a perseguição empreendida pelo Estado Novo em virtude da campanha de nacionalização foi particularmente traumática. Traumática porque um discurso incorporado no decorrer de algumas gerações, que deu corpo a uma vivência que se expressava publicamente, teve de ser restringido à esfera familiar. As proibições quanto à expressão pública em alemão (tanto falada como escrita), ao ensino da língua nas escolas, ao associativismo significou o abandono dessas práticas, que encontravam, no recolhimento do lar, espaço para expressão, mesmo que bastante limitada. Obviamente isso modificou também a maneira de relacionar-se com a herança religiosa, que igualmente passou por profundas alterações no plano institucional, porque os cultos e outras reuniões religiosas foram proibidos de serem realizadas na língua-mãe; mais tarde também, a própria instituição encarregou-se, como estratégia de sobrevivência, de incorporar o discurso nacionalista de maneira branda (como desenvolvi anteriormente) de modo que, criando uma instituição brasileira, ainda mantivesse o vínculo com a Igreja-mãe.

A Segunda Guerra Mundial é, nesse sentido, um divisor de águas. Segrega, de um lado, aqueles que introjetaram esse discurso étnico e, de outro, pessoas que tiveram de assumir publicamente sua brasilidade, restringindo seu sentimento de germanidade para a esfera privada. Se anteriormente, essa identificação ganhava expressão pública, fosse nas associações, clubes, escolas, igrejas, extrapolando os limites da comunidade étnica, agora recolhe-se na sua privacidade, como forma de continuar a cultivar sua “germanidade”, ou pelo menos para evocar o fato de que são descendentes de alemães. Assim, cultivam aspectos recriados dessa cultura germânica, com características folclorísticas tais como o Natal, Páscoa e Pentecostes, levados que foram a romper com o passado. Essa foi a geração na

qual se formaram os migrantes da Paróquia Sul de Curitiba, à exceção dos estrangeiros.

Isto me conduz à segunda razão pela qual rejeito o viés étnico para entender a constituição da identidade dessas pessoas. Refiro-me especificamente aos anos sessenta – década emblemática para todo o século XX – momento a partir do qual tem início todo um engendramento nos níveis público e privado que conduziu de forma mais ou menos imediata o conjunto do que se chama de mundo ocidental rumo a uma uniformização dos costumes, principalmente em relação aos jovens; categoria que aliás passa a ganhar relevo a partir de então, vista como mercado consumidor em potencial, por exemplo.

Há que se levar em conta que a *zona da imigração alemã* já nesse período apresentava características urbanas, sendo que boa parte desses migrantes tinham um perfil profissional urbano: o trabalho na indústria. A emergência de uma subcultura adolescente, que se diferencia da geração anterior, nas palavras de Shorter,¹⁵¹ é pois vivenciada mesmo que parcialmente pelas pessoas da Paróquia Sul de Curitiba ainda em sua terra natal. Foi a experiência dessa geração que cresceu vivendo uma dualidade entre cultura pública e privada que possibilitou a abertura de caminhos para profundas transformações no seio da família.

Dessa forma, a família foi a instância privilegiada de mutação. De um lado, esta progressivamente perdia seu caráter funcional (de esfera de formação humana, relativa à educação) e passava a adquirir um caráter eudemonista (visando ao bem e à felicidade de seus membros) e isto teria sido posto em prática a partir do momento em que esses migrantes constituíram suas famílias. Rompido o círculo

¹⁵¹ SHORTER, Edward. **A formação da família moderna**. Lisboa : Terramar, s.d.

família-igreja, o que ganha relevo é o convívio com os pares, o que talvez explique esse fator de identificação no seio da comunidade em Curitiba. Os amigos da igreja substituem a família, mas mais que isso, é uma nova família intrageracional, na qual conflitos de geração, tão comuns nas famílias de sangue, não se justificam.

Mas esse tipo de sociabilidade específica não emerge do vazio. Ela responde primeiramente à necessidade que esse migrante tem em manter de certa maneira um elo com sua ancestralidade porque essa geração (dos nascidos nos anos cinquenta) inicia uma ruptura em relação aos seus pais. Na sua condição de migrantes, em que se mostra ausente qualquer tipo de outro referencial, a comunidade é ainda algo conhecido, terra fértil onde podem brotar mudanças para a geração que já nasceu na capital. Como expressou uma migrante em relação à criação dos filhos e a sua relação com a comunidade *“Nós estamos vivendo uma geração que vai ser luterano não por tradição, por herança; é luterano por opção.”*¹⁵²

¹⁵² LOESCH, Margareth. *op. cit.*



ANEXOS

(Foto. TEMPLO da Comunidade da Cruz. Cerca de 1985. 1 fot.: p&b ; 18 X 24cm.)

HISTÓRICO DO INÍCIO DOS TRABALHOS NA VILA FANNY E VILA HAUER

Em fins de 1966 algumas famílias luteranas, moradoras na Vila Fanny, membros da CELC procuraram a diretoria da CELC e os pastores afim de expor suas dificuldades em participar dos cultos nas Igrejas do Redentor e de Cristo, no centro de Curitiba. Também, expuseram as dificuldades dos filhos em participar do ensino confirmatório, enfim sentiam falta da Igreja em seu bairro.

Foram aconselhados a procurarem as famílias luteranas do bairro e a marcarem uma reunião.

Em 5/março/1967 realizou-se a primeira reunião na casa da Família do Sr. Henrique Rempel Filho. Na ocasião foi celebrado o primeiro ofício religioso na Vila Fanny, sendo batizada Simone Iara Wall, filha de casal morador no bairro.

Estiveram presentes as seguintes pessoas: sr. Arno Schubert, Bóris Hauer, Bertholdo Schroeder, Sr. Otto Reif e sra., sra. Vali Knoblauch, sra. Emma Modrock Batista, sra. Sibila Roerich, sr. Wilson Baade e sra., família do sr. Henrique Rempel, a família do sr. Wall e os padrinhos de Simone. Como representantes da CELC, o sr. Paulo Bartz e o P. Martin J. Blümel.

Foi realizado culto, batismo e, em seguida foram levantados e discutidos os assuntos de interesse dos presentes. Ficou decidido que a partir daquela data, seriam realizados estudos bíblicos quinzenalmente, na casa da Família Rempel.

Os pastores Ehlert e Blümel se revezaram no atendimento. O grupo cresceu em amizade e o convívio tornou-se bastante agradável sempre com a participação de mais membros.

Em março do mesmo ano realizou-se eleições na CELC e dois membros do grupo foram eleitos conselheiros, os srs. Wilson Baade e Bertholdo Schroeder, na chapa sob presidência do sr. Paulo Bartz.

O grupo decidiu formar um fundo de reserva para futuramente ter a possibilidade de comprar terreno e construir uma capela. Nesta direção realizou-se a primeira churrascada nas dependências do Centro Luterano, no dia 30/julho/1967, tendo o grupo organizado sob a orientação do sr. Fritz Blankenstein e esposa.

No mês de agosto a família Rempel sofreu acidente de automóvel e ficou combinado de continuar os estudos bíblicos em casas de membros do grupo. Como os membros foram aumentando o grupo decidiu alugar uma casa na rua Antonio Ricardo dos Santos. Na tarde do dia 25/dezembro/1967 realizou-se o primeiro culto. Tendo o local definido passou-se a ter cultos dominicalmente a noite, com os pastores Ehlert, Blümel, o P. aposentado J. Müller e o leigo sr. Arno Knoer e esporadicamente o sr. Wilson Baade.

Aos domingos pela manhã realizava-se a escola dominical, sob a orientação de Ruth Baade, Renate Rempel e Elvira Behling. A freqüência era de aproximadamente 50 crianças. A juventude também tinha reuniões nos sábados a noite orientados pelo P. R. Wangen (pastor dos estudantes). As senhoras também iniciaram as reuniões quinzenalmente a partir do mês de março de 1968, sob a orientação de Anna Lange e Doroty Wangen.

Durante o ano foram realizados vários churrascos para pagar o aluguel e visando a compra futura de terreno para a construção de capela. Uma filha da sra. Fanny Hauer que ouviu no culto na Igreja do Redentor que haveria uma churrascada na Vila Fanny para compra de um terreno procurou o pastor e disse que sua mãe

havia doado um terreno para a Igreja. Verificou-se que a doação havia sido feita muitos anos atrás, mas como não foi formalizada a escrituração no nome da CELC ficou sem efeito. Mas o interesse da filha de D. Fanny de ir ao encontro da Igreja foi muito positivo, e como ela tinha um terreno na rua Isaías Regis de Miranda ela venderia e o pagamento foi parcelado em prestações mensais. Foi feita campanha entre membros e cada um ajudou como podia. Foi construída uma casa de madeira com uma cozinha e um salão e a Missão Americana doou uma capela que estava em Santa Isabel do Ivaí. O membro sr. Arno Reif com seu caminhão foi buscar e montamos a capela.

Por um longo tempo continuamos neste local e depois com a compra do terreno onde se encontra hoje a capela foi mudado.

Ctba, 10 de maio de 1988.

(a) Ruth Baade

(A original desta carta, datilografada, encontra-se nos arquivos da secretaria da Paróquia Sul de Curitiba)

ADAM, Herta Schárbele. **Entrevista.** Curitiba, 5 ago. 1999.

Nasci em Rio das Antas, Santa Catarina. E [sou] Herta Schárbele Adam. Tenho 66, não, 67. Vou fazer 68 no mês de outubro.

Faz quanto tempo que a senhora mora em Curitiba? Quanto tempo faz que a senhora mora nessa casa?

Uhhh, dezenove anos, parece.

E quando a senhora veio pra Curitiba, a senhora veio direto pra cá ou morou em outros bairro antes?

Ah, eu vim, eu morei na Vila dos Ferroviários (*Vila Oficinas*), freqüentei o Centro (*o templo sito a rua Trajano Reis*), depois, lá do centro eu fui pra Vila Guaíra. Gostei muito da Vila Guaíra porque a minha filha começou a tocar o instrumento, o piano, sabe?! E daí nós compramos essa casa aqui. Daí nós mudamos, mas nós queria continuar freqüentando Vila Guaíra porque a minha filha se deu muito bem com as filhas do pastor Mercklein(?). Aí um belo dia veio uma carta convidando pra nós vir nessa Paróquia, que eu não pertencço mais pra lá e veio também a Irma Ferreira que era secretária ali na nossa Paróquia. Veio visitar nós quando nós tava reformando essa casa aqui. E o menino dela foi direto lá nos pedreiros, aí eu fui e chamei meu marido e disse "Óia, tem visita da nossa paróquia, convidando pra nós vim nessa Igreja." Já no momento eu não queria ir, mas quando vi aquele convite, não me arrependi... Tão bom... Foi maravilhoso, receberam nós de braços abertos. Aquela carta que foi escrita, que mandaram pelo pastor, acho que o pastor Mercklein já se comunicou: "Tal lugar mora um membro, pode recolher." Daí nós fomos, fiquei feliz... Daí eu achei uma escola aqui que eu paguei particular pelo piano que a Margarete tá tocando, depois quando ele faleceu, o Pastor Genthner continuou de dar o restante. Isso valeu, e ela toca bem. Agora ela já é casada, já tem dois filhos...

Eu queria que a senhora me contasse então como foi a sua infância lá em Rio das Antas...

Nós morava na roça. Depois quando eu tinha doze anos, eu fui trabalhar numa leitaria. Fiquei até 25 anos trabalhando lá. Numa leitaria, né... E não era leite pasteurizado. Era tudo entregue assim nas casas. Mais ou menos duzentos litros engarrafados e o resto nos bares ia em galão.

E os pais da senhora cultivavam a terra...

Sim, o pai era. Depois ele foi pra Alemanha, e ficou em Alemanha. A mãe ficou aqui. Quer dizer ele foi pra Alemanha mais ou menos de ressentimento com a mãe. Não se entenderam mais. Ele não voltou e faleceu lá.

Daí a senhora foi trabalhar nessa leiteria, e então nunca mais trabalhou com a terra...

Não, com terra não. Daí quando eu vim aqui pra Caçador, eu casei e fiquei morando aqui e fui trabalhar de diarista.

Então, antes de vir pra Curitiba, a senhora saiu de Rio das Antas e foi pra Caçador.

Em Caçador eu trabalhei naquela leitaria, e depois lá da leitaria eu casei e vim morar em Curitiba.

A senhora então veio morar em Curitiba quando casou... E o seu marido também era de Caçador...

Não, ele era de Porto União... Mas pouco tempo ele morava em Porto União, daí trabalhou mais tempo aqui em Curitiba, na Vila do Ferroviários. Eu morei na Vila do Ferroviários.

Por que a senhora e seu marido pensaram em se mudar de lá pra cá?

Não, eu casei, vim direto pra Curitiba. Ele era viúvo. Ele morou em Porto União uma temporada daí ele veio pra cá, aí ele se separou, fez divórcio, desquite, né... Ficou seis anos sozinho, daí eu casei com ele.

Mas onde a senhora conheceu ele?

Em Caçador. Ele tinha primas que moravam lá. Nas férias ele sempre ia pra Caçador.

E como foi pra senhora sair de lá e vir pra cá?

Medo?! Eu nunca tive medo na minha vida. Até hoje: eu moro sozinha, com Deus, mas eu não tenho medo. Enfrento tudo. Eu ajudo na cozinha por tudo, só que o meu problema é que os meus braços não ajudam mais muito. Por causa da doença... Mas graças a Deus estou bem agora. Ah, quando nós saímos da Vila dos Ferroviários, ele recolheu uma filha dele. E ela não podia mais pagar aluguel. E nós não se entendemos muito bem. Mais porque ela recolheu também mais cunhada dela, pequena, de cinco seis anos. Daí elas judiaram da Margarete. Daí eu fui morar em aluguel, casa alugada, né?! Daí eu sempre dizia pro meu marido: puxa, morar numa casa alugada é jogar dinheiro fora. Quando fui pra Vila Guaira, daí eu mudei junto com uma senhora de idade, e dali daí veio um vendedor, vendeu essa casa pra nós, de segunda mão. E daí nós se mudemos pra cá ...

Então, todas as casas nas quais a senhora morou antes de vir pra cá, eram casas de aluguel...

A primeira da Ferroviário, não. Depois era. E depois eu fui morar com uma senhora de idade, que ela pagava água e luz pra mim zelar por ela, mas eu trabalhava de diarista já. Fiz bastante economia pra comprar essa casa. Consegui comprar, tranqüilo. Reformar...

Como era a região quando a senhora veio morar aqui?

Era só casas de quatro peças, sem muro, sem nada, só uns palanque com umas ripas pregada. Não é bonito que nem hoje. Era simples, simples, sem uma árvore. Essas árvores plantaram há pouco tempo. Agora que as folhas tão caindo, o pessoal diz "ai que porcaria" e quando não tinha árvores, era muito vazio. Mas agora tá bonito, tá bom de morar aqui. Ônibus sempre foi fácil. Até aqui, esse ônibus sempre foi fácil.

Essa linha do Érico Veríssimo sempre teve, então...

Nunca foi mudada. Daí Jardim Paranaense, colocaram Santa Inês porque daí começou ir mais pra frente o Osternack...

E comércio, como era?

Ah, não tinha nada... Não tinha nada aqui. Nem panificadora, nada tinha...Tinha tudo de ir pro centro, Vila Hauer, Isso foi feito tudo depois...

E como se fazia com mercado...

Nós ia no supermercado, como é, ali na cooperativa, nós tinha direito, porque ele pagava cooperativa. Já vinha descontado na folha, né? Ali era lugar que nós ia comprar. Porque o carro nós tinha comprado antes de sair da Vila dos Ferroviários. Esse carro é meu relíquia. Esse eu não entrego, tenho um ciúme... Desde a Vila dos Ferroviários, aonde eu ia, não tinha garagem, a gente fazia a tolda.

A senhora disse que foi bem recebida pela comunidade, como foi?

Fui, nesse dia o pastor não tava, mas o seu Ernesto e a dona Ana estavam aí na frente da escada, eles que receberam nós. Daí no outro domingo fomos novamente e daí nós estamos indo sempre. O meu caminho é a igreja. Que nem se fosse a minha casa. Eu gosto de ir.

Por que a igreja é como a casa?

O dia que eu não vou, parece que falta uma coisa. Eu gosto de escutar a palavra, como o pastor prega, essas coisas me fazem um bem... A OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas)

mesma coisa: férias na OASE, parece que aquele mês não passa, parece que é um grude que a gente gosta de tá junto.

E o que a senhora faz na comunidade que a senhora se sente bem fazendo...

Ah, a maioria eu fico escutando, eu faço o café, uns me chamam de cafeteira. Porque o café sempre sou eu qualquer coisa eu tenho que fazer o café. E daí uma temporada eu não fazia mais café, ah logo acaba e dizia: e o café hoje? Pessoal já tão acostumado. As vezes a gente pensa não vale a pena mas tem gente que espera por um cafezinho... (Os encontros na OASE) Pra mim é, muito válido. Porque eles fazem bastante explicação, conversam, aquilo anima o coração da gente, né? Os retiros que a gente faz...

ALVES FILHO, Francisco. **Entrevista.** São José dos Pinhais, 26 abr. 2000.

Por que você é luterano?

A história é longa. Eu era da igreja católica, conheci a Mirian que é luterana. Estávamos com intenções de ficar noivos daí fui falar com o padre do município que eu estava antes, em Imbituva. Depois de duas noites de conversa, ele disse "não é bom que tenham duas igrejas diferentes, vocês têm que escolher uma. O critério que eu dou pra vocês é: vão pro lado do que for mais ativo. Você na católica ou ela na luterana." E como ela me dava de dez a zero, nós viemos pra luterana. Eu me dei bem. Nos primeiros anos foi difícil, nos estudos tinha muitas palavras em alemão e as pessoas falavam muito alemão e eu me sentia um peixe fora d'água mas depois de uns dois anos de adaptação em Ponta Grossa, e daí aqui foi tudo bem. Eu me identifico, sabe, com a igreja luterana até porque que me parece que as coisas são bem claras, você consegue testemunhar a fé que a gente professa. No ambiente de trabalho todo mundo sabe. Até a gente sente assim um peso de responsabilidade porque você é tomado como referência. Praticamente você não pode errar. Não sei se eu transmito tudo isso no ambiente em que a gente está, mas as pessoas respeitam a gente assim por isso. A gente passa muito tempo ativo, participando de atividades... De vez em quando cansa, vira fardo alguns cargos que a gente tem passado mas a gente não deve se afastar... Ter chance de viver e participar de presbitério, grupos, porque se você ficar fora você acaba morrendo em termo de fé por não ser alimentada.

APPEL, Ismar & APPEL, Dorli Heinig. **Entrevista**. São José dos Pinhais, 20 ago. 1999.

Eu gostaria que vocês iniciassem contando sobre as lembranças de sua infância...

Dorli: comece você...

Ismar: Bom, muita coisa não tem pra falar, mas o que tem toca muito minha família, minha pessoa, só que eu era muito pequeno na época... Em relação ao que meus pais tinham, não sei se pode contar... É... Eles ... Meu pai era um dos sócios de fábrica de refrigerante, moinho de fubá, torrefação de café, mas infelizmente não houve aproveitamento... É que meu pai, ele não queria que meus irmãos cuidavam, da parte que tocava pra ele, então acabou jogando tudo fora. E em Brusque tinha da minha parte, eu jogava futebol, cheguei a jogar nos aspirantes do na época Paisandu de Brusque... Aos quatorze anos, no caso, eu fiz minha comunhão em Brusque, na Comunidade Evangélica... Morávamos na rua Oswaldo Cruz, na época rua Oswaldo Cruz, no centro. Eu perdi minha mãe com nove anos de idade...

Dorli: Doze...

Ismar: Doze. Meu pai eu não sei...

Dorli: Dezesete.

Ismar: Não. Com quatorze. Eu sei que foi bem diferente. Perdi eles bem junto um do outro. Então, bem praticamente passei minha vida toda nas mãos dos meus irmãos, até resolver virar gente, como diz o outro. Fui servir exército em Blumenau, tive uma fratura muito grande na minha perna, fiquei quase sete meses engessado, e depois, por casualidade apareceu alguém em minha vida, resolvi casar. E estamos até hoje aí na batalha, com 26 anos, 27 anos de casado. Com três filhos, aposentado da Copel, trabalhei 23 anos, e... Tocando o barco. Então isso aí é mais alguma coisa assim que eu posso dizer talvez na seqüência, talvez possa me lembrar assim.

E você, Dorli...

Dorli: Eu o contrário. Eu me criei no sítio.

Em Brusque também...

Dorli: Em Brusque também. Mas 6 Km do centro. Eu me lembro muito, a minha vida com os meus pais nem tanto, mas a minha vida com os meus avós foi assim... Eu acho que foi uma infância maravilhosa! Eu me lembro... Quando eu fecho os olhos eu me lembro de quando eu tinha três anos de idade, as Bodas de Prata da minha vó e do meu avô. Aí era assim: meu avô era muito bagunceiro, muito de festa, conhecia o pessoal da cidade toda... Os filhos estudavam no colégio luterano que era o Colégio Cônsul Carlos Renaux... E daí o pessoal vinha fazer visita principalmente dia 23 de agosto, que era aniversário do meu avô. Então eles faziam aquela festa, botavam chopp no penico, lingüicinha, aquela festa! Aquilo eu lembro... Digamos, a minha vida era mais em função da casa da minha avó... Eu fugia de casa – porque nós morávamos embaixo e minha vó morava em cima, num morro assim – eu fugia de casa e ia pra casa da oma. Sei lá, eu me lembro que foi muita coisa... Graças a Deus, eu penso hoje assim, que eu só gosto de alegria, de muita alegria por causa disso. Sempre aquelas festa, aquelas bagunça, aquela familiada toda... Parecia italiano, era alemão, mas aquele bando de gente assim... Era casamento, era confirmação... E uma coisa que eu acho que eu adquirir também através da minha avó foi gostar demais de bolo, de fazer bolo, porque naquelas festa eu vivia no meio das panelas, lambendo forma e enchendo o saco da mãe, e flor, né?! A minha vó, quando eu era pequenininha, minha vó plantava flor, pra época de finados porque naquela época não existia floricultura... Em Brusque não existia. Então ela vendia de balaio. Ela vendia de balaio assim, sabe?! Lírio, dália, palma, esporinha... Olha, aquela esporinha roxinha assim... Mas aquilo era aqueles montes... Era muito gostoso, muito gostoso... Eu me lembro, eu devia de ser muito pequena mas lembro do pessoal levar na caçamba de caminhão e depois mais tarde, quando ela não vendia mais daí, que foram daí, sei lá, foi sendo mais complicado pra ela, não lembro disso... A partir de um certo tempo ela não vendeu mais. A época de finados era muito importante porque ela ainda

continuava plantando flores, tinha uma família grande, era pra irmão, pra pai, e tio e tudo então quando a gente ia enfeitar os túmulos, meu pai tinha um caminhão nessa época, então a gente também enchia bacia, balaio, tudo cheio de flor: boca-de-leão, tudo, tudo, aquelas coisas... Eu sei que na sepultura da mãe dela, tinha um vasinho assim, especial, com um punhado de amor-perfeito. Esse era especial pra sepultura da mãe dela. Assim, da minha mãe e do meu pai, sei lá, eu lembro, mas mais coisas tristes. Eu acho que é por isso que eu não... Eu lembro que a mãe tinha muito medo. Quando vinha temporal, qualquer coisa assim, a mãe ai! Já recolhia todo mundo e às vezes a gente fazia a pior coisa que se faz: ia debaixo da mesa se esconder do tempo... E assim em casa o pai gostava muito de ir nas festas da igreja, essas coisas, aí o pai tomava umas e outras, e aí o caminhão vinha fazendo assim... Medo... Eu gosto mais de coisas alegres e lembro mais das coisas alegres da minha família. É, minha família é uma família bagunceira... A deles (Ismar) também é, mas a dele é mais da bagunça depois da cerveja. A nossa não tem motivo, qualquer motivo é motivo pra festa, fazer folia.

Qual era a fonte de renda da família?

Dorli: Meu pai, meu avô já era oleiro, tinha olaria. Meu pai seguiu depois dele. E era na própria propriedade até hoje. Ainda existe, hoje em dia quem toca é meu irmão. Meu irmão caçula. E, que mais... Acho que assim, sei lá. Até... Depois eu trabalhei na maternidade por um período, daí depois conheci a figura e daí a gente veio pra cá quando o Jefferson tinha um ano e pouquinho, né?

Ismar: quase dois anos...

Dorli: É. Ele faz em dezembro, a gente veio em julho. Pra Curitiba, pra São José foi mais tarde.

Agora eu quero que vocês me contem justamente sobre essa fase: então vocês se casaram em Brusque e permaneceram ainda por um tempo lá.

Ismar: Dois anos, mais ou menos.

Dois anos. Qual era a fonte de renda da família nessa época?

Ismar: Na época eu trabalhava na, em tecelagem. Na Schlesser. Trabalhei em outra firma... Que é a... Como é o nome...

Dorli: Você fazia esses negócio de telefone...Cabo telefone, essas coisas...

Ismar: Era uma firma grande de Curitiba, que tava fazendo serviço lá. Eu pedi a conta, arrumei uma briga grande com o dono, com o chefe...

Dorli: Como sempre...

Ismar: Aí vim pra pegar os trocado que eu tinha direito, aqui em Curitiba e...

Dorli: Não, a idéia era que você saiu de lá pra ir a São Paulo.

Ismar: Pra ir a São Paulo, mas eu vinha pegar esse dinheiro em Curitiba. E daí o Hilton não deixou eu ir pra frente.

E por que vocês resolveram sair de Brusque?

Ismar: Situação financeira.

Dorli: Uma coisa melhor. Ele não gostava muito dos trabalho e... Como tecelão você não gostava. Então procurar uma coisa melhor.

Vocês lembram que tipo de expectativa vocês tinham quando vieram morar pra cá?

Dorli: Bom, já aconteceu de ele vir sozinho. Ele veio primeiro. Eu fiquei com meus pais. Morando com meus pais e com o Jefferson. Ele veio, com intenção de ir a São Paulo. Ele passou aqui, o Hilton não deixou ele continuar, daí ele disse que ia arrumar alguma coisa. Ele trabalhou em mercado...

Ismar: Trabalhei trinta dias no mercado Real. E daí apareceu, a Copel tava fazendo inscrição, aí fui lá, fiz minha inscrição, no concurso, passei, e fiquei 23 anos na Copel. E daí acho que alguns meses depois que me firmei na Copel e tudo eles vieram.

Dorli: Não, você começou na Copel em abril, em junho a gente veio. Aí eu disse: não, não dava mais. Sabe, foi uma coisa muito difícil. A gente não tava preparado, não tinha nem idéia como seria, né... Porque ele saiu de lá em fevereiro. E aí foi indo e passando, chegou uma hora eu disse, a minha vó também disse: Dorli, esse negócio de o marido de um lado, a mulher do outro não dá certo. Você tem que ir. Aqui é seguro e tudo mais, mas foi muito difícil. Tanto é que quando nós morávamos em Curitiba, assim que ele viajava, eu passava a mão no Jefferson e vupt! Pra Brusque. Não importa, cada 15 dias, cada 20 dias... Sabe, foi uma fase de muita insegurança. De minha parte também, né... Eu acho que eu era muito imatura.

Ismar: A gente morava ali perto do Ahú...

Dorli: Eu não queria saber... Eu não perguntava pra ele se tinha ou se não tinha... Eu queria mais era ir viajar. E ia viajar. Depois passou um período que ele viajava e não queria nem saber se tinha dinheiro ou não. Te vira... Aí eu comecei a conhecer pessoas...

Ismar: Eu nunca viajei sem deixar dinheiro em casa...

Dorli: Tá bom... Mas é assim: comecei a aprender a vender alguma coisa, a fazer alguma coisa, aos pouquinhos né...

E essa casa que vocês moraram em Curitiba, era alugada?

Dorli: Era. Era alugada.

E por que vocês escolheram esse lugar aqui pra vir morar?

Dorli: Ele escolheu.

Ismar: Consegui comprar o terreno, e a casa quem fez foi meu sogro...

Dorli: Na verdade, nem foi aqui. A gente comprou a primeira vez lá embaixo, pra baixo de vocês (*meus pais*). Aí aconteceu uma enchentinha. Daí a minha mãe tava aqui em Curitiba, a gente resolveu vir dar uma volta. Viemos aqui, o pessoal fez meu Deus, um estardalhaço!

Ismar: Nós chegamos lá, tinha água no terreno, na rua...

Dorli: Aí minha mãe ficou desesperada. Daí esse aí começou procurar e onde conseguiu trocar por esse aqui.

Ismar: Não, eu fui lá na imobiliária e meti os pés pelas mãos. Se vocês não arrumam pra mim, eu vou processar vocês. Quando eu comprei vocês falaram que não dava enchente, quer dizer, essa aqui também dá.

Dorli: Coitado, ilusão...

Ismar: Daí eu peguei mais em cima em relação àquele lá. Aí trocamos, aí já ficou melhor. Aí em seguida meu sogro trouxe essa casa, da madeireira dele. Construiu a casa e viemos morar pra cá em seguida, e tamo aqui até hoje.

E nesse tempo todo, vocês saíram de uma cidade, vieram pra outra, e fixaram-se definitivamente aqui em São José dos Pinhais, como foi: de certa maneira vocês se desligaram da família. Como foi esse construir relações com outras pessoas?

Dorli: Foi devagar, foi bem devagar. Porque: geralmente ele viajava pela Copel. E eu ficava só com ... Mas foi uma experiência boa porque eu aprendi a viver, conviver com pessoas que jamais digamos assim, eu imaginava as condições financeiras de outras pessoas. A gente também tinha dificuldade, e como né?!, mas a gente via que tinha gente que tinha muito menos. Foi muito medo, eu tinha muito medo de morar aqui porque a fama já naquela época era da Cidade Jardim era braba.

Ismar: Naquela época tinha muito mais gente pobre do que tem hoje. Pobre no bom sentido, na Cidade Jardim. E quem conheceu a Cidade Jardim há vinte anos atrás e agora... Cidade Jardim tá um palácio... Eu tinha muita facilidade em fazer amizade porque eu jogava futebol, né. Então tava sempre envolvido em futebol com o pessoal, inclusive teu pai lembra disso, então a gente sempre tava, tinha amizade mais fácil. Consequia fazer amizade mais fácil.

Dorli: Ai no início, a gente ia muito pra Curitiba, porque tinha a sede de Campo Comprido (*Fundação Copel*), então a gente ia muito pra lá. Lá em Curitiba a gente tinha um casal que fez amizade logo, era muito ainda, digamos, nesse período, até eu ter o Junior, muito em função de lá, sempre a gente ia muito pra lá. Depois um dia a dona Irene, acho que foi a dona Irene, e a Margarida, vieram me fazer uma visita. Mas eu acho que nessa época, não, não conhecia teus pais ainda. Nessa época, não. Elas vieram fazer uma visita e fui uma vez ou outra, não sempre na OASE. Daí depois, então que ... Hoje eu digo que graças a Deus eu tenho uma segunda família aqui. Eu tenho uma família, porque os amigos aqui da igreja são uma família pra gente. Graças a Deus, mas foi uma longa caminhada.

Você poderia contar então como foi essa caminhada até conquistar essa sua segunda família...

Dorli: Ou eu me deixar conquistar... É porque, eu não sei, eu acho que sempre fui muito expansiva, eu não sei se era ou eu achava que era tímida. Que hoje eu não acho que seja tão tímida assim. Só que certas coisas eu sou mais reservada que ele, né?! (...) Elas vieram fazer a visita, eu não lembro, a gente freqüentava o centro até essa época. Depois foi elas que vieram fazer a visita. Depois eu acho que foi o pastor Genthner.

Ismar: Eu não lembro, eu não lembro...

Dorli: Eu acho que o pastor Genthner. E acho assim que uma pessoa muito importante nisso tudo também foi o pastor Genthner. Que qualquer coisa, ele estava sempre preocupado conosco, e depois preocupado com os outros aqui também... Acho que foi uma pessoa que conseguiu trazer a gente... Coisas boas que eu lembro eu acho que foi a solidariedade, sempre fomos convidado pra tudo. A igreja na época, nossa, a igreja lá quando começou, a pedra fundamental, a gente já estava lá junto. Eu me lembro tão direitinho do dia da pedra fundamental que não me esqueço. O culto. Não tinha nada, era pasto. Lembra que a gente ainda fez piquenique. Nesse dia da inauguração a gente fez piquenique, toda família levou alguma coisa e a gente fez um piquenique lá embaixo. Mais ou menos abaixo ainda da nossa comunidade. Naquelas árvores que tem ainda ali... Todo mundo fez um almoço lá, fez um sanduíche, sua galinha, e várias famílias... Eu lembro que tava a Leila, o seu Max, eu lembro assim que foi que mais a gente conversou. Eu acho que tava a Miriam também, mas eu não lembro muito desse... Nessa época, nós tivemos duas pessoas que fizeram muito pela, pra puxar as pessoas pra OASE: que era a Cacilda Voigt, já mais tarde. A Úrsula foi primeiro. Ela dizia assim: Vamos embora! Pegava o carro, ou dela, a Kombi ou qualquer coisa, juntava a mulherada e levava. Então eu acho que foi coisas muito importantes pra gente realmente se enturmar. Eu acho que apesar de a gente achar difícil era uma época muito melhor. Nós fomos até a Lapa, claro que foi que a gente ia e pagava lá o café e dava uma parte do dinheiro pra gasolina. Nós fomos pra Lapa, nós fomos pra vários lugares e não era tão complicado como hoje. Mal e mal a gente vai nos nossos cafés aqui da paróquia. E já apertada, já é complicado. Eu não sei, naquele tempo, era muito mais fácil.

ERN, Nivaldo. ERN, Inês. **Entrevista.** Curitiba, 11 set. 1999.

Hoje eu quero descobrir um pouco sobre a vida de vocês. Se vocês puderem me contar um pouco sobre suas memórias de infância e juventude: como foi, onde foi...

Nivaldo : A gente nasceu em Santa Catarina, no Alto Vale do Itajaí, pra cima, perto de Rio do Sul. A gente sempre foi luterano: meus pais já eram, meus avós já eram...Então a gente sempre frequentou a igreja, a gente sempre participou. Nós desde que se conhece por gente, tinha Escola Dominical, fomos na Doutrina, Confirmação... Depois que a gente então veio pro Paraná. Eu tinha dezessete anos. Ali que a gente encontrou mais dificuldades sobre a nossa igreja no sudoeste do Paraná. Só a nossa família que era luterana ali, foi na época que a gente [ele e a esposa] se conheceu. A gente enfrentou muita barreira. Ali o pastor vinha uma vez por mês pra casa fazer culto, que dava 25 ou 22 quilômetro até a igreja. A gente foi algumas vezes nesses quatro anos na igreja que ficava em Francisco Beltrão, mas era muito difícil. Inclusive lá a gente não participou da Igreja Evangélica Luterana no Brasil, foi na outra [IELB – Igreja Evangélica Luterana do Brasil]. Daí de lá, meu pai veio de volta para Santa Catarina, e eu vim pra cá. E estamos aí até hoje. Eu vim pra cá solteiro. Voltei lá daí casamos lá no civil, chegamos aqui, casamos no religioso aqui, nessa igreja [Comunidade Melanchton – Boqueirão]. Inclusive o nosso casamento foi o primeiro na capelinha Melanchton.

Inês: Isso aí que é interessante pra nós. sabe? Foi o pastor Carlos Dreher. Então foi muito interessante. Por isso que a igreja, a comunidade, pra nós representa muito. Tem um valor muito, muito grande. Principalmente a capela em si, ali. Daí depois a gente casou. Só o Edson [filho mais velho] não foi batizado ali. Na época do Edson, só tinha uma vez, culto por mês.

Nivaldo: A cada quinze dias...

Inês: Daí foi lá na Trajano Reis. Depois daí o Edgar, quando o Edgar nasceu há dezoito anos atrás, ele foi batizado ali, com o pastor Genthner. Daí a Eloise também. Daí veio a confirmação do Edson, aquele período de Escola Dominical e tudo. Tudo ali naquela comunidade com o pastor. Daí veio o Edgar e a Eloise, foram batizados ali, eles dois, também fizeram a confirmação ali. Foram batizado e confirmado. Daí o Edson casou na mesma igreja que nós casamos. Pois nós fizemos nossas bodas, há dois anos atrás, na mesma igreja, na mesma comunidade. Então tem uma história muito bonita... Pelo menos eu acho. Sempre com o mesmo pastor. A gente não trocou. Sempre foi o pastor Genthner na nossa vida, sabe? Então a igreja, a comunidade, tem ele como pastor, como amigo. Sabe, aquela pessoa que tá ali do lado da gente. A gente se afastou um pouco, mas graças a Deus acabou os problemas de saúde na família... Tem os momento alegre, muito alegre, e tem os momento triste, que ele sempre tá do lado da gente com toda a comunidade. (...)Foi muito interessante assim...

Então o casamento de vocês foi o primeiro...

Inês: O primeiro. É comprovado. O pastor que casou a gente falou, o primeiro casamento. Na época ali, não tinha pastor definitivo, era uma capelinha muito pobre...Casamento, todo mundo quer fazer numa igreja bonita, não é verdade? Tanto que ali é difícil ter casamento agora. Porque todo mundo prefere uma capela mais bonita. Já o casamento do Edson foi ali, porque a gente tem aquilo como uma casa da gente. É importante demais.

Seu Nivaldo, o senhor disse que sua família saiu de Santa Catarina e foi para Francisco Beltrão. O senhor lembra porque vocês foram pra lá?

Nivaldo: A gente saiu de lá na época que eu tinha duas irmãs que casaram com uns rapazes que moravam lá. Eles eram catarinense, foram pra lá também. Fomos a procura de melhora porque lá em Santa Catarina... Bom, pobre a gente sempre foi, mas sempre procura a terra melhor. Então por iniciativa deles, meu pai foi passear pra lá e gostou e vendeu o terreno que a gente tinha e foi pra lá pra melhorar. Mas depois, não se enquadrou-se porque mudou o estilo. Em quatro anos, ele não conseguiu se acostumar com o sistema do povo. Daí ele voltou e foi onde que a gente veio pra cidade.

Então seu pai voltou pra lá e o senhor veio pra Curitiba...

Nivaldo: Eu vim pra Curitiba. Eu, meu irmão mais velho – que já era casado – viemos pra cá. Veio a minha irmã que morava lá também e eu morei com ela. Morei um ano com ela. A gente ficou namorando um ano eu voltei lá e a gente casou depois de um ano.

E como foi chegar aqui em Curitiba: encontrar emprego...

Nivaldo: Na época foi muito fácil. Eu tinha... Na época meu pai foi pra Santa Catarina, eu já tinha andado pros outros lados, pras barragens. Em Salto Osório, arrumei serviço, também na época não gostei. O tipo do serviço, com essas empreiteiras de obras grandes, morar em alojamento, isso eu não gostei. Quando veio uma tia minha que hoje mora em São José dos Pinhais, incentivaram. Falou pro pai: se eles quiserem morar aqui acha trabalho. A gente chegou aqui e com três dias de procura, achou trabalho. Com três dias aqui eu fui trabalhar, hoje é papel Iguaçu, na época era papel Santa Mônica. Trabalhei três meses, não gostei porque era três horários diferentes de trabalho. A intenção da gente era trabalhar com móvel. Trabalhava na lavoura mas tinha vocação pra aquilo. E quando abriu vaga na firma que a gente trabalhou onze anos. Começou na Promóvel, que era atrás da Malucelli. Hoje as duas estão fechadas. A firma foi mal na época, houve um fracasso em oitenta e cinco, não, oitenta e dois, daí a gente saiu daquela empresa, mas eu fiquei oito dias parado porque eu quis ficar parado. Daí então apareceu um serviço em São José, que era o cunhado do Willi Maass. Tinha empresa ali no Afonso Pena. Daí eu trabalhei três anos com ele. Daí que a gente começou a abrir a fábrica da gente, bem pequenininha, eu e ela só. Um ano eu trabalhei em casa e trabalhava lá. Nas horas de folga eu trabalhava em casa. E ela continuava em casa durante o dia. Hoje, graças a Deus, já faz quatorze anos que temos a nossa empresa. Tá indo bem, graças a Deus.

E a senhora, dona Inês. Sempre morou em Santa Catarina antes de vir pra cá?

Inês: Não, eu saí de Santa Catarina com onze anos. Daí nós moramos em Dois Vizinhos, depois Francisco Beltrão, daí de Francisco Beltrão voltamos pra Dois Vizinhos de novo. Daí a gente já namorava e o Nivaldo já morava aqui. Porque a gente namorou um ano: eu lá e ele aqui. E a gente casou. Mas eu já estou trinta e cinco anos morando no Paraná. Eu sou de Maruí. Perto de Criciúma, Florianópolis. Cento e vinte quilômetros pra frente de Florianópolis. Na beirinha do mar.

E a senhora lembra porque seus pais saíram de lá?

Inês: Acho que pelo mesmo motivo que todo mundo muda de lugar: sempre procurando melhor. Porque Santa Catarina, pelo menos na região onde a gente morava, era de terra muito fraca. A gente trabalhava na lavoura, então chegou naquele ponto que não dá mais... Eu já tinha um irmão que morava no Paraná, dois irmão até por sinal. Um que mora em Francisco Beltrão até hoje e outro que morava em Dois Vizinhos. Mora ainda. A gente já veio pôr causa deles.

E porque vocês escolheram comprar sua casa aqui no Boqueirão?

Inês: Acho que era o lugar mais em conta que tinha pra comprar...

Nivaldo: Não, aqui propriamente sempre foi mais caro porque na época as enchentes lá pra baixo [da Av. Mal. Floriano], um pouco também foi isso. A gente tinha um irmão que morava ali que hoje mora em Blumenau que vendeu ali por causa das enchentes. E meus cunhados compraram aqui. E quando a gente casou, a gente não tinha terreno. Pagava aluguel pra eles. Depois meu pai veio pra cá e deu certo que tinha um terreno do lado ali pra vender e a gente conseguiu comprar ali, onde tem a firma hoje. A gente foi ficando, foi ficando...

Inês: Faz vinte e seis anos que nós moramos aqui. Só mudamos de rua. Antes morava na Angelina, que é essa que passa ali e daí mudamos aqui.

Então vocês fazem parte do grupo dos primeiros da comunidade...

Nivaldo: Não bem dos primeiros, porque ela foi construída em 68, nós viemos morar aqui em 72. Ela chegou em 73. Só que naquela época, a gente morava bem em frente a Comunidade. Tive morando dois meses lá com a minha irmã, pra daí comprar aqui. Então a gente já ia nos cultos. Morava em frente, quando via que tinha culto, ia. Eu era solteiro na época. Daí aquele luterano um pouco relaxado, a gente não participava muito. Era meio sem iniciativa pra ir para ali. A gente ia na Vila Hauer, a gente ia no centro.

Inês: A gente não ia porque não tinha...Era a cada quinze dias...Quando o pastor Genthner veio, que tinha todo domingo, a gente passou a ir. Porque naquele intervalo que não tinha aqui, a gente procurava as outras. A gente foi muito na Vila Hauer. Onde a gente nunca foi é São José. Eu nem sei se naquele tempo tinha São José...

Nivaldo: Não tinha...

Inês: Você imagina, Claudia, pra gente ir na comunidade quando nós casamos, a gente tinha sair na Marechal, lá no viaduto e ir pela Marechal afora até chegar no terminal do Boqueirão. Era tudo um banhadão. Não tinha como a gente sair por aqui. Porque aqui é pertinho, não é longe pra ir. Mas a gente fazia uma volta enorme porque não tinha saída. Então em partes, era mais prático ir no centro, ir no Hauer que pegava o ônibus aqui fora, onde é esse motel Palacemar. Era mais prático pra não precisar fazer toda essa volta.

Nivaldo: Daí nós pegava o ônibus e ia pra Vila Hauer, ia pro centro.

Inês: E foi, tanto que depois quando começou... Começou todo domingo com o pastor Blümel.

Nivaldo: Pastor Blümel acho que não era todo domingo, não... Era quinze dias.

Inês: Depois, com o pastor Genthner é que começou todos os domingos. Foi tanto, que a gente parou de ir nas outras. Depois ficou facinho, porque por aqui é pertinho.

Nivaldo: Eu não me lembro na época, com o pastor era culto na Vila Hauer e aqui. Era no mesmo horário? Não. Era o pastor sozinho.

Inês: Sim, o pastor Genthner cuidava das três...

Nivaldo: Ele cuidava de São José e Vila São Pedro... E isso na época que ele era sozinho. Aqui o culto sempre era 10:00h. Na Vila Hauer era 8:00h. E aqui sempre foi 10:00h. Porque na época ali eu me lembro que a gente participa ativamente foi no tempo que eu trabalhava (?)... O pastor Genthner veio e convidou para fazer parte da diretoria. Uns dezoito anos mais ou menos. Daí pra cá que a gente começou a conhecer mais a comunidade, foi sabendo como funcionava melhor. Faz uns vinte anos mais ou menos que a gente começou. Logo que ele veio convidou a gente pra participar da diretoria. Eu trabalhava em São José dos Pinhais na época. Daí que a gente começou a tomar mais conhecimento das coisas. Antes era meio vago: participava lá, participava aqui... Praticamente não tinha conhecidos ali. A gente ia lá... Também naquele tempo, o pessoal não faziam tanta amizade como hoje. Hoje procuram mais. Naquela época era mais... Não sei se era a gente que não se chegava, ou os outros...

Mas hoje então isso mudou pra vocês...

Nivaldo: Hoje eu acho excelente ali, essa comunidade. Pra mim tá ótimo.

Inês: Sem, hoje em dia, sem a comunidade fica difícil a gente sobreviver. Porque é assim, Claudia, naqueles momentos doloridos, naqueles momento alegres, poxa, qualquer problema a gente lembra: "Poxa, tem tanta pessoa amiga". A gente se reúne. Um faz oração pro outro... Então ela faz parte da vida mas em todos os sentidos. Eu acho que sem a comunidade, olha, não tem mais...

Nivaldo: Hoje a gente conhece cinquenta por cento dos membros da comunidade aqui a gente conhece. Das outras comunidades a gente conhece muita gente também: Hauer, São José, São Pedro... Hoje a gente tem mais integração com as pessoas.

Inês: A gente não se sente só. Entende? A gente sempre imagina: lá tem alguém que tá pensando na gente, que tá fazendo oração pela gente. Não tem como a gente se sentir... É tão rápido... Um momento de tristeza, passa... Passa rapidinho, que você sabe que tem alguém do teu lado, mesmo tando longe. Então isso é muito legal.

Nivaldo: A gente se dedicou bastante, também, pela igreja. Eu faço parte do presbitério há dezoito anos. Então eu já fui conselheiro, já fui segundo tesoureiro, já fui vice-presidente, já fui presidente, hoje eu sou tesoureiro titular. Então é muitos anos de participação. A gente até julga que se a comunidade não vai bem, os responsáveis somos nós.

Inês: Eu passei a ser luterana depois que a gente casou. Eu era católica. Eu fiz o que a gente chamava de primeira comunhão, crisma, todos aqueles rituais que tem na Igreja Católica. Depois, quando a gente casou, passei a ser luterana e hoje em dia, se tiver que trocar, jamais trocaria. Pode mudar tudo, menos mudar pra outra religião. É uma coisa assim, que eu me encontrei. Foi uma coisa que preencheu todos os vazios. Mesmo naquela época que era cada um pra si, não é falar mal, mas era verdade. Era uma época assim: terminava o culto, a gente não tinha com quem conversar, talvez o culpado fosse a gente também, lógico. Mas mesmo ali, naquela época, eu já me sentia muito bem. Então, por isso que eu digo: a comunidade pra nós é importante. Eu tenho muito orgulho disso. Quem me pergunta, mesmo da minha família – porque é só eu da minha família – mas eu falo com muito orgulho, com muito prazer de ser uma luterana. Eu me sinto tão luterana quanto ele que nasceu luterano. Pra mim é muito importante.

FROESE, Dorli; IENZURA, Margarida; MAASS, Margarida; SINDLINGER, Maria; SUHR, Ana. **Entrevista.** Curitiba, 26 abr. 2000.

Eu gostaria de saber, e para isso preciso de uma reflexão séria da parte das senhoras, por quê cada uma de vocês é luterana...

Dorli Froese: Pra mim vem de berço. De berço mas depois por convicção.

Mas quando é que deixou de ser de berço e passou a ser uma convicção?

Dorli Froese: No Ensino Confirmatório. Porque, não sei, a gente... O meu ensino de casa foi que "Deus nós temos só um" então não adianta eu começar a trocar de religião porque é um Deus só. E a gente ficou com isso.

Margarida Ienzura: Pra mim foi bem como ela falou também. É uma coisa de berço, a minha família era grande, foi batizada na mesma comunidade onde fez a confirmação. E como ela diz de convicção, isso também foi assim, mas isso aconteceu depois da confirmação. Eu tive mais facilidade, porque eu trabalhava em casa de filha de pastor e o pastor aposentado morava ao lado. Eu trabalhei dezesseis anos com essa família, e estava sempre na igreja com tudo e todo mundo conhecendo tudo. Depois que eu saí da casa deles, que eu casei, vim morar em Curitiba, também nasci em Santa Catarina, eu me liguei muito mais na igreja, na OASE. Em tudo que envolvia dentro da igreja eu estava participando. Eu não vivo mais sem isso. Agora eu estou com sessenta e cinco anos e pretendo continuar trabalhando enquanto eu possa. Nem ia saber como ia ser numa outra [igreja], eu lá no meio de uma igreja menonita, presbiteriana... Apesar que eu tenho parente que é pastor presbiteriano e tudo, mas não faria sentido. É como se eu fosse uma pedrinha viva na comunidade. Eu me sinto assim...

Dorli Froese: Como eu sou das fundadoras, quando começou, não tinha todos esses catarinenses que estão aí. Claro que eu sou catarinense e meu marido também é, mas acho que a grande maioria era curitibana. Era necessidade porque o centro, primeiro nós colaboramos pra reformar a igreja do centro e daí logo depois veio o aviso que a gente ia se desmembrar. Aí meu marido disse "primeiro nós ajudamos e agora nós somos os caipiras". Ele não gostou. Mas ele quem indicou esse terreno aqui. Mas muitos catarinenses vieram depois.

E como ficou a relação de vocês com a igreja a partir do momento que vocês vieram pra cá?

Dorli Froese: Diferente.

Mas como é chegar numa outra cidade, o que é ser luterano quando a gente muda de lugar?

Dorli Froese: Olha, tem gente que diz assim: eu nunca fui na igreja porque eu não achei. Não achei a igreja. Me desculpe a expressão, mas eu acho que isso é desculpa, porque quando eu cheguei, eu procurei. Eu acho que quem quer, acha. Pra começar, eu casei aqui na igreja luterana. Eu vim só pra casar. Vim direto de São Paulo só pra casar.

Margarida Ienzura: Meu marido é católico. Às vezes eu acompanho ele numa missa, dia dos pais, e ele é doente, então os filhos acompanham ele então no domingo. Mas se fosse pra eu ir todo domingo, eu não ia me sentir bem. Os filhos que ele já tinha, três, são católicos. E os nossos dois que são os meus filhos com ele, esses são evangélicos. Só que a minha filha vai casar, vai casar na igreja católica. No começo eu fiquei triste, mas agora já aceitei. Vou criar uma infelicidade pra ela, então... Deus é um...

Dorli Froese: Hoje em dia eles põem muito empecilho quando um é de uma religião, outro é de outra. Mas antigamente a gente soube de muitas famílias que ela ia numa igreja, ele ia em outra, mas se davam muito bem no resto.

Margarida Ienzura: Nós também lá em casa, nunca criamos problemas. Os mais velhos, minhas enteadas, são casadas, são mães, tudo. O rapaz também. Eu ia com eles na igreja católica pra

participar de reuniões. O pai não podia acompanhar, ele trabalhava. Eu estava só em casa, eu ia na reunião, eu ajudava eles a fazer os deveres porque a Bíblia é tudo igual. Então eu acompanhei eles na doutrina católica. Nós não criamos nenhum empecilho em casa. A gente se respeita.

Então, onde está a diferença?

Dorli Froese: Diferença do quê?

Foi falado sobre a Bíblia que é a mesma. Mas ao mesmo tempo se disse que “Não me sentiria bem lá”. Onde é que está diferença?

Margarida lenzura: Pra mim, a diferença é que eles adoram praticamente mais a Nossa Senhora, a Maria e, os santos que eles já deixaram um bom tanto de lado. Mas eles mencionam muito, muito isso. Pra mim a diferença é essa: eles adoram aquela imagem e isso eu nunca seria capaz de fazer. Pra mim é mais prático que nem a gente aprendeu no ensino confirmatório e a gente passa isso pros filhos: a gente não tem que ter uma imagem pra servir de intermediária pra chegar à Deus, pra Jesus Cristo. Nosso caminho é direto pra ele. E a gente sente isso. Ele quer isso, ele ajuda a gente nesse caminho. Por que então se ajoelhar na frente de uma imagem e repetir três, quatro vezes: Ah, minha Nossa Senhora de Fátima! Nossa Senhora Aparecida, me ajude! Por que não dizer meu pai, meu Jesus Cristo, que morreu pra nos salvar?! No meu entender, essa é a diferença pra mim. Que nós temos mais facilidade, que nós deixamos de lado isso. Eu digo pra eles quando me perguntam o que tem de diferente na igreja: antigamente era “protestante”, o Lutero realmente protestou, aí ficou a igreja protestante, a igreja dos alemão, a igreja isso aquilo. A igreja fechada, né? Então eu digo que nós respeitamos a Maria por ela ter sido a mãe de Jesus mas nós não adoramos ela. Nós não temos que ir por meio dela para chegar a Jesus. Esse é um caminho pra nós mais curto. Direto. Essa é a diferença que eu entendo.

Margarida Maass: Eu não sei se eu entendi certo, mas eu acho que o que você quer saber por que que eu estou nesta igreja. O porquê disso: se você concorda com a doutrina (porque toda igreja tem doutrina), se você está de acordo com os teus princípio e tudo mais. Nessa direção que você quer?

Pode ser...

Ana Suhr: Quando eu comecei a freqüentar a igreja luterana, morava no Boqueirão e freqüentava lá no centro. Assistia culto lá no centro e ia de ônibus ainda. E voltava fazer almoço ainda, com criança pequena no colo. A gente ia quase todo domingo. Mas por quê? Eu não digo “sou luterana”, não é isso. Eu considero que eu busquei uma igreja naquela época porque era de uma outra denominação que não serviu mais, por questão de língua e outras coisas mais. E por causa do meu filho, também. Mas mais por procurar uma vida, crescer como cristão, procurar uma vida dentro dos princípios cristãos, crescer como cristão. Não por ela ser luterana, podia ter sido em qualquer outra. Mas aconteceu que a gente foi lá e continuou até hoje. O que a gente busca é aquele crescimento. Não se pode parar senão isso não vai valer. Agora, ou aqui ou dentro de outra denominação...

Dorli Froese: Eu acho que se a gente tivesse acostumado com outra, seria a mesma coisa... Porque eu estudei depois de adulta com freiras e elas eram um exemplo de vida. Freira culta é outra história, né? Maravilha. Eu sei que eu dizia comigo: “eu não sei se poderia ser católica por causa dos santos. Eu não consigo... Isso não está na minha educação. Eu acho que muito vai do que a gente recebeu.

Então a família tem um peso muito grande nessa “opção”?

Dorli Froese: Sim, o ambiente.

Maria Sindlinger: Deixei dois casamento de lado pra seguir a minha religião. Porque se eu quisesse, tinha que virar católica.

Margarida lenzura: Ah, mas eu criei meus filhos diferente. Eu dei opção pra eles. Hoje em dia tudo é tão diferente. A educação não cai de moda mas os valores mudam. Então eles tem que ter uma opção de vida, também. Eles têm uma semente plantada, de ter uma religião.

Dorli Froese: Eu acho que isso aqui foi criado porque o pessoal precisava de um espaço pra se encontrar. Porque o grupo alemão se encontrava muito tempo antes do grupo menonita. Todo terceiro domingo do mês a igreja estava livre, porque naquele tempo tinha só uma igreja. Todo precisavam dessa igreja. No terceiro domingo do mês estava livre, a turma do culto em alemão se reunia no terceiro domingo do mês.

GENTHNER, Johann Friedrich. **Entrevista.** Curitiba, 24 set. 1999.

(Fiz alguns comentários sobre o andamento da pesquisa a pedido do entrevistado)

Genthner: Agora, embarcando no comentário que você fez, nos anos setenta, eu acho que eram duas direções em que o pessoal das antigas colônias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul se movimentou: um lado veio para Curitiba, porque Curitiba sempre era uma atração para quem queria estudar e se promover. O Oeste do Paraná, Mato Grosso naquele tempo, era um grande sonho porque as terras antigas, as colônias, não tinha mais como ser dividida entre os filhos. Os filhos mais aventureiros, corajosos, se deslocaram. Eu me lembro, em setenta, veio um filho de um colono de Campo Mourão para a Estrada da Ilha e contou que tem setenta cabeças de gado. O pessoal lá chamava ele de mentiroso, louco e tudo. Não podiam acreditar que alguém, em tão pouco tempo, poderia ser um dono de tantos animais. Então isso dá uma pequena idéia, uma perspectiva do que o colono, o pequeno agricultor em Santa Catarina tinha naquele tempo era tão limitado, não podia imaginar o que lá fora tem. Então eu acho que você deveria dar uma olhada num pequeno documento que saiu em Marechal Cândido Rondon sobre o desenvolvimento daquela área porque isso está ligado com Curitiba e todo o processo migratório. Mas eu preciso primeiro procurar por esse livrinho... Então logo, se eu encontro, posso emprestar pra você.

O senhor poderia iniciar contando sobre sua vida desde a chegada ao Brasil...

Genthner: Bem, nós viemos em 64, direto da Alemanha para Rio de Janeiro e lá a Igreja definiu aonde queria nos colocar. A primeira idéia era Espírito Santo, a segunda era Rio Grande do Sul e no fim acabamos ficando em Santa Catarina. Os motivos porque fizeram essas mudanças, não sei. A paróquia Dona Francisca, que abrangia doze comunidades naquele tempo, com mais ou menos mil e oitocentas famílias, era uma comunidade rural, não tinha uma cidade no meio, forte. Era tudo lugarejos e aquela pequena cidade no meio – Pirabeiraba – era uma comarca de Joinville. Mas este era a sede, porque naquele tempo não tinha a BR 101 e todo o movimento Curitiba–Joinville–Florianópolis ou São Bento do Sul–Pirabeiraba–Joinville, cruzava em Pirabeiraba. E pela sorte, o terreno da comunidade estava bem naquele cruzamento. Pra mim foi excelente, porque durante o dia a gente tinha facilidade em receber as pessoas e como tinha próximo a escola, os alunos da noite não voltavam pra casa sem entrar na secretaria. Então a gente podia dialogar com o pessoal de toda forma. Este foi muito gratificante, este contato com a população. Naquele tempo a única entidade que promoveu algo para a vida social era a Juventude. Então nós tínhamos na paróquia onze grupos de jovens, isso deu um número de seiscentos, setecentos jovens quando estavam juntos. Tinha quatro conjuntos de música pelos jovens. Tinha cinco corais e o coro de trombones. Além disso tinha doze grupos de senhoras e em cada comunidade tinha duas, três áreas da Escola Dominical. Eram quarenta e oito "tias" com mais de mil crianças. Isto era o que naquele tempo a gente conseguiu fazer. Então como a situação era rural, nós preocupamo-nos muito com a situação do colono. Então como eu me formei na Agronomia, achei que seria necessário promover algo para o colono. Então me envolvi numa Cooperativa de laticínios e principalmente na semana do colono. Então esse foi muito legal, a gente tinha o Secretário de Agricultura do Estado de Santa Catarina, o governador. Todo ano, em julho houve um culto alusivo à imigração alemã naquela região, e este foi realmente bacana, este intercâmbio com os políticos, com a comunidade, com a Igreja Católica e assim a gente tentava investir. Este tempo que nós estamos lá caiu na época da ditadura militar, este foi muito complicado. Não tinha um culto que a gente realizou onde não tinha alguém que gravava ou anotava o que a gente fez e passava as informações para o quartel em Joinville. Uma vez eles me pegaram porque achavam eu sou subversivo e queriam me prender porque o (?) que comprava leite dos colonos pagava um preço tão miserável que realmente o colono tinha dinheiro tirar do bolso para pagar as despesas. Então nós achamos na época aceitar a proposta da Federação Luterana Mundial, em Genebra para construir para os colonos uma indústria que trabalhasse com a produção deles. Nós estamos fazendo um levantamento quanto o colono possuía em terra, animais, contando o número de membros da família e tudo o que era os pertences. Numa noite desta, a polícia militar cercava o salão da comunidade e queriam me prender. Aí então eu disse "Me admiro por esse procedimento porque todo mundo sabia quem sou. Acho que houve algum erro porque era na semana seguinte a Semana do Colono, onde o próprio secretário da agricultura do estado estaria junto, e o governador. Eles estão sabendo, então por que fazer uma coisa desta?" Aí então o presidente da paróquia falou com eles também, então eles diziam que vão embora mas na outra oportunidade vem para me prender.

Assim ficou, mas o trabalho foi levado pra frente, este não prejudicou muito. O apoio que eu tinha do governador foi interessante. Então num culto ecumênico o governador declarou perante oito ou nove mil pessoas “Se você precisar falar comigo, você tem entrada franca”. Depois os colonos perguntavam: “O que você fez com esse homem?” *Queriam saber. A surpresa sua é a minha, eu não sabia o que este homem queria.* Então com esse apoio que os colonos receberam, a gente se emocionou porque o colono não tinha aposentadoria, dependia dos filhos, não tinha nenhum recurso. Foi algo que nos alegrou bastante. Dentro deste trabalho estabelecemos um convívio com a Fundação 25 de julho – Pirabeiraba. Lá, as líderes da OASE fizeram cursos de primeiros socorros e aprenderam a aplicar injeções, de tal forma que esta área toda da paróquia, nós conseguimos atender. Se alguém tinha um problema poderia procurar tal pessoa para ter ajuda. Lá tinha muito problema de cobras, de aranhas, e os acidentes de trabalho. Então essas pessoas deram o primeiro socorro e encaminhavam. Com isso foi valorizado muito o trabalho da OASE, a partir dali ela trabalhava em dois sentidos: no trabalho espiritual, na edificação da comunidade, e também na área social e da saúde. Com isso a gente teve um tempo muito bonito. No ano setenta e sete, os pastores de Curitiba nos convidaram vir pra cá para trabalhar nesta área que se chama Paróquia Sul. Naquele tempo não era paróquia. Paróquia se fala só a partir de oitenta. Então este chamado Setor Sul tinha dois núcleos: o núcleo Vila Hauer e o núcleo Boqueirão. Mas como aqui os pastores costumavam “passar”, a comunidade, ou os membros, estavam viciados pensando quem vem fica aqui só para limpar os sapatos para poder pular para o Colégio Martinus ou trabalhar no centro. Então quando me apresentei, na época o Otto Bremer era o presidente, perguntei o que ele pretende fazer comigo. Não, diz ele, você vai trabalhar neste Setor Sul. Tá bom, e quando vim, ele disse: “você tem que ir para o Colégio Martinus”. *Eu disse não. Seu chamado era para trabalhar na área então, duas coisas não vou poder fazer.* “O que você quer fazer o dia todo?” Eu disse: Olha, não tem trabalho? Então eu vou procurar. E assim foi. Ele entregou uma lista de em torno de noventa famílias e então eu pensei “vou comprar o mapa de Curitiba para ver onde se localiza essas famílias”. Como vi que era muito espalhado, amarrei a bicicleta atrás do fusca e fui para um ponto estratégico de lá procurar com a bicicleta para procurar. A maioria das ruas não tinha continuidade, com valetas e tudo, então não tinha jeito de usar o carro. Então fui com a bicicleta e carreguei ou empurrei para continuar do outro lado para saber onde a pessoa morava. Então eu fiz o mapa da paróquia e localizei essas famílias e verifiquei que dessas noventa, nem quarenta eram membros efetivos. E por que? A União Paroquial, para arrecadar dinheiro, contratou algumas pessoas para fazer a cobrança. Mas essas pessoas ganhavam 10% ou 15% do dinheiro arrecadado. Então é claro: se eles vão a uma casa para cobrar R\$3,00 não compeça pagar ônibus, perder o tempo. E deixaram as pessoas de lado que não contribuiriam muito. Sobrou um grupo dos financeiramente bem de vida. Isso a gente verificou. Então as pessoas diziam: nós não queremos mais saber da igreja, ou nos ligamos à Igreja Católica, ou Igreja Batista...E assim foi. Com este início que a gente não sabia onde os membros moravam, comecei falar com cada família, ver quem se dispunha para distribuir um boletim para que os membros soubessem o que na comunidade ou na paróquia está acontecendo. Este foi muito complicado porque as pessoas não queriam assumir isso. Então aquela área da paróquia começava na estrada de ferro Cajuru, o que hoje chama-se Trindade, até a CEASA, e São José dos Pinhais até a Vila Parolim. Tudo isso era a Paróquia Sul. Então como foi possível achar colaboradores, então a gente tentava reunir essas pessoas, convidar para o culto na Vila Hauer, naquele ano que nós começamos – 79 – a frequência era na média 5 ou 6 pessoas na Vila Hauer e aqui (Boqueirão) tinha 10 ou 12. Mas muito instável. Isso durou um bom tempo até os membros se convenceram vir para o culto. A continuidade desse trabalho foi possível resolver um problema da Juventude. A Juventude que encontrei aqui achava que ela era dona do salão, antigo salão e não queria deixar ninguém entrar lá. Então a gente negociava, tentava fazer de tudo, e como não houve possibilidade, levei os confirmandos para Vila Hauer para ver se lá a gente poderia começar um trabalho diferente. E assim aconteceu: lá nasceu o grupo GAMA. Este trabalho da Juventude foi o sinal verde para o crescimento da paróquia. Eu tinha muita sorte por ter feito esse mapeamento da paróquia porque quando em 80, antes de Natal, a União Paroquial declarou que ela tem tantas dívidas e não sabe mais o que fazer e tomou a decisão distribuir a dívida proporcionalmente a cada comunidade ou setor. E naquele tempo nós recebemos o valor de nem sei agora se era cruzeiro novo ou cruzeiro, de dezenove mil. E nós tínhamos tanto medo de enfrentar isso. Mas eu peguei esses distribuidores de jornais, junto com as duas diretorias, e nós discutimos este assunto, e dentro de um ano conseguimos levantar o dinheiro para pagar a nossa dívida junto com a CELC. Este foi muito legal. Próximo processo foi já que o dinheiro era conosco, então insistimos de receber autorização da CELC para abrir uma conta bancária e pedimos aos membros pagar no banco. Assim a diretoria tinha o dinheiro na mão para

poder planejar e saber com que dinheiro pode contar. Assim foi continuando o trabalho, as comunidades se fortaleciam. Primeiro foi oficialmente construído Comunidade da Cruz, depois aqui a Melanchton, e em seguida Comunidade Concórdia e São Mateus. Esse foi um processo bastante complicado, porque a União Paroquial não queria dar autonomia às paróquias e jamais às comunidades. Nós temos ainda hoje em dia um estatuto e a União Paroquial delega poderes, e cada assunto que uma comunidade resolve tem de ser apresentado e homologado pela União Paroquial. Nesse sentido existe uma relativa liberdade para a comunidade possa se desenvolver. Esse foi o que aconteceu. Então quando mais ou menos o trabalho andava, foi em 82, pedi à paróquia fazer um planejamento para os próximos dez anos para a gente saber o que fazer. Aí então houve concordância que a gente devia colocar metas. A meta foi ver se dá pra colocar mais três pastores nessa área dentro de dez anos e comprar terrenos em lugares estratégicos porque reconhecemos que nem Vila Hauer, nem Boqueirão estão no ponto certo. E a política foi esta: trabalhar em cima disso. *Mas como então foi trabalhado para construir uma casa pastoral na Vila Hauer, já houve problemas que a comunidade não concordou neste plano de expansão porque a casa pastoral era pra ser construída em Uberaba e não naquele terreno. E o terreno da comunidade não era pra construir uma igreja tão cara. Era para deixar um lugar verde, para que as comunidades podiam lá confraternizar e a Juventude jogar, e tudo... Mas isso mudou tudo. Então a comissão composta pelas quatro comunidades virou numa comissão só da comunidade e ela determinava o que queria. Foi então feito como está hoje. E quando o pastor Aroldo Felberg veio, ele também discordou com o convívio na paróquia e queria fundar uma nova paróquia. Aí aconteceu uma rachadura na paróquia todo nosso convívio de tal forma que a Juventude foi proibido entrar lá e todo o trabalho da OASE também mancava porque não houve mais possibilidade de reunir os grupos e nem as lideranças e o pior foi que o trabalho de casais iniciado quebrou porque não houve mais permissão de lá os casais podiam participar. Neste ano, 84 – 85, a paróquia começava a caminhar em outra direção que não era previsto. Com isso a gente perdeu a comissão com a tarefa de negociar um terreno no Uberaba, em São José também desandou este projeto, porque a idéia naquela época foi entregar o atual terreno com o salão à Prefeitura e pegar uma quadra inteira no Jardim Aristocrata que é duas quadras distante do terminal de São José. E um outro terreno próximo do terminal em Afonso Pena. Mas tudo isso foi por baixo da mesa. Outros projetos que a gente tinha não tinha mais jeito de ser levado pra frente porque no momento que a gente divide não tinha mais força financeira para enfrentar. E assim foi caminhando esse trabalho nessa paróquia e você sabe como isto se desenvolveu: até hoje a gente sofre com isto que não tem uma visão clara o que querem realmente no futuro. A minha idéia sempre foi o pastor tem que andar alguns quilômetros na frente da comunidade para fazer com que a comunidade tenha chance de sentar, a gente precisa um desafio para ver a sua fé dentro da sociedade, dentro de uma estrutura onde a gente vive. A cidade cresce tanto, e nós perdemos o acompanhamento. E não só aqui: em toda Curitiba. Nesse sentido, pra mim, nunca era compreensível que Curitiba tem tantos pastores, nós não chegamos a um projeto piloto para realmente multiplicar as comunidades nessa cidade. Mas quem sabe, os que agora vão chegar, vão ter a possibilidade de trabalhar mais unido para desenvolver novas áreas. E como Boqueirão, voltando para esse assunto que você colocou no início, era chamado o trampolim para Curitiba, nós recebemos muitos catarinenses que se quebraram nas primeiras quatro, cinco, seis semanas. Que não sabiam como viver e se comportar na cidade. Trouxeram o dinheiro pensando que todo mundo é tão honesto quanto lá no interior de Santa Catarina, e eles foram enganados de todo jeito e perderam tudo. Voltaram para sua terra de origem como a gente diz na gíria “pelados”, sem um tostão no bolso. Alguns tentavam voltar de novo, e como aprenderam, na segunda ou na terceira vez deu certo. Então este foi também algo que caracterizava nossa comunidade: a gente lidava com muitos problemas que a maioria da comunidade nem queria saber mas as pessoas estavam neste sufoco: “Vai ou não vai dar certo de eu colocar os pés no chão em Curitiba?” E o curitibano por natureza também é muito orgulhoso que não quer ajudar, pelo contrário, quer bloquear para quem quer vir, este foi um drama. Eu diria que até pouco tempo, a comunidade Melanchton e a comunidade São Mateus são comunidades com uma rotatividade de membros muito grande. Membros que vem e vão. Procurando, tentando e porque não é fácil com esse pouco dinheiro que o pessoal traz. Quando nós começamos, Vila São Pedro era a cova dos bandidos. Quem morava lá era chamado de bandido, e como nós ganhamos lá um terreno pela família Müller, que são da Suíça, e a velhinha que fundou a firma, naquele ano agora são treze anos atrás, com 94 anos ela doou o terreno à comunidade, e o segundo terreno ela negociava assim: se a gente pagasse quatro mil marcos, então seria nosso. E assim a comunidade tem ligação de uma rua para outra. Aquele buraco, como era chamado, era um horror para o centro de Curitiba que dizia que pra lá a gente nunca vai. Mas nós não tínhamos muita*

escolha, foi oferecido pela Prefeitura um outro terreno, de 4000 m², mas isso era banhado e para aterrar, nós não tínhamos condições financeiras. A forma como a comunidade lá vivia, era uma comunidade humilde, com muita gente da periferia, de favelados; porque a comunidade se montava no meio de uma favela e este foi o desafio que caracterizou a comunidade até hoje.

Uma pergunta ainda: nessa relação com essas pessoas o senhor sentiu alguma vez que aqueles luteranos que estavam há mais tempo na cidade, o pessoal das outras paróquias, eles tinham algum tipo de preconceito em relação ao pessoal da Paróquia Sul?

É, por causa da periferia. Como falei: o Boqueirão era, assim foi chamado “trampolim para Curitiba”. As pessoas experimentavam: vai ou não vai. Naquele tempo, Vila Guaíra já era mais estabelecida, as pessoas tinham mais recursos do que aqui e como falei: os pastores que até uma altura vieram de fora, não queriam ficar na periferia, ou nesse trabalho. Queriam ir para o centro e trabalhar no colégio. E as pessoas aqui se sentiam também assim. Quando a gente veio de Santa Catarina, de São José até a BR101, só olhar num livro da História de Curitiba para ver como a Mal. Floriano era. Era uma estrada de macadame e a poeira que lá deu foi horrível como os buracos. Então quem morava da BR116 pra cá, era algo abandonado. Quando nós viemos, a gente ainda tinha pedir às vacas “por favor, saia da rua, pra que eu posso passar.” E toda essa região onde nós estamos agora, era em grande parte dos menonitas, que trabalhavam com gado leiteiro. Preconceito? Bem, eu acho que pra você seria interessante saber que a família Geirin, por exemplo, e a família Kraus aqui em baixo, algumas outras pessoas aqui são testemunhas porque passavam por um tipo de escravidão porque quando os pais deles vieram da Alemanha, foram levados em São Paulo a uma fazenda e lá foram mantidos em lugar e como escravos. E eles fugiam de lá e se instalaram aqui em Curitiba. Então eu acho que é uma experiência muito interessante que as pessoas tiveram. A gente diz: a imigração alemã aconteceu porque o projeto “escravos da África” não deu certo. E este é a marca da Igreja Luterana, que os imigrantes entraram no lugar do escravo e por isto em nossa igreja se espelhou a mentalidade portuguesa, espanhola e também a liderança que surgiu aqui no Brasil. Muitos jovens não entenderam este caminhar histórico da nossa igreja. Por isso julgaram errado a forma como a nossa igreja se situa. Pensando nestes detalhes, eu acho que a gente pode melhor colaborar para um futuro diferente para esta igreja. Como por exemplo, os escravos estão com muitos complexos porque foram sempre tratados como pessoa de segunda categoria. A mentalidade dos imigrantes alemães ou seus descendentes tem duas cicatrizes que ainda doem: uma, a experiência da imigração que foram colocados num lugar de segunda categoria. Outro, foi a experiência da Segunda Guerra Mundial porque também aqui no Brasil houve campos de concentração. Florianópolis, por exemplo, próximo de Porto Alegre, e tinha outras áreas. E os descendentes de alemão falavam alemão ainda, sofreram muito nesses campos, de tal forma que esse choque psicológico e emocional foi tão forte que ainda hoje muitos filhos dessas pessoas preferem aprender qualquer idioma do mundo, menos alemão. Eu experimentei isto um pouco em Pirabeiraba, e na Paróquia Dona Francisca. Esta dor, este sofrimento, só o pessoal não falava. Quando naquele ano o governador me surpreendeu com o convite “se você tem assuntos, venha!” Os colonos se sentiram muito realizados que alguém reconheceu eles porque logo em seguida formou-se o sindicato dos pequenos trabalhadores rurais e muitos movimentos aconteceram. Eu senti que houve uma abertura para o bem deles. É, são algumas idéias. A vida é muito mais do que se consegue dizer em palavras.

KRAUS, Maria. **Entrevista.** Curitiba, 9 ago. 1999.

Em que ano vocês vieram morar em Curitiba?

Cinquenta e três. Cinquenta e um nós chegamos no Brasil. Eu não sou brasileira. Eu sou da Áustria. E a minha mãe é da Iugoslávia. Então nós chegamos em Guarapuava – Entre Rios, naquela colônia dos alemão que tem ali. Ali nós ficamos dois anos. Foi cinquenta e um, novembro, em dois anos, antes do Natal, nós chegamos aqui pro Boqueirão. E não sei se você lembra esse depósito de café aqui embaixo, é uma fábrica de bicicleta agora, antes era depósito de café ali. Bem no começo era depósito de café. E daí tem uma rua que vai assim e outra que entra assim, aqui pra dentro que nós moramos de aluguel. E daí nós chegamos aqui, numa família – Reitenberg – que é de Santa Catarina, moramos aqui. Ficamos um ano morando de aluguel daí nós compramos essa casa aqui. Mas olha, mato... Mato não, campo né... Aqueles caminho de vaca assim estreito, dessa altura assim... Então de manhã, pra gente não molha o pé em cima do capim, a gente andava pelo caminho das vaca. Ai, que barato! E a nossa casa aqui era a primeira do campo que tinha. Nessa região toda, foi a primeira casa do campo que foi feita. Depois, eu não sei, um mês, o vizinho casou e veio morar ali. Daí era só nós dois, o resto era tudo campo... E depois veio, quer ver, uma, duas, a Segunda casa ali daí veio. Isso já faz anos depois... Daí tinha um ferro velho ali embaixo... Era campo aqui, uma casa lá embaixo... O seu Kopa(?) ali, tinha uma família Ar(?), tudo leiteira. Lá em cima tinha leiteira, era tudo campo. Rua não tinha nenhuma aberta, era tudo por cima de campo. Não tinha nenhuma rua aberta... E depois que veio tudo as casa aqui. Mais tarde, nós fomos pra São Paulo, ficamos um tempo lá, e depois quando nós voltamos que aumentou tanto, e depois as vaca sumiram, e daí nós ficamos no... E nós firme aqui. Eu tinha o quê?! Eu tinha oito ano quando eu vim mora aqui, agora tô com cinquenta e dois. Todo esse tempo nós estamos aqui.

Você lembra quando vocês saíram da Áustria para vir ao Brasil?

Eu não me lembro nada de lá. Nada, nada, nada. Tinha cinco ano, não me lembro nada de lá. Não deu pra... E poucas coisas a minha irmã se lembra de lá. Mas nada assim... Ela tinha sete, ela tinha que se lembrar mais do que eu... Mas eu não me lembro nada de lá que eu posso contar de lá pra cá...

Voltando ao Boqueirão de quando vocês vieram morar: como se fazia com escola?

Tinha um Grupo aqui já. Grupo Nivaldo Braga, não sei se você conhece. Esse e o Erasto Gaertner, lá em cima. Os dois já estava aqui. Aquele é dos menonita. Os dois já estava aqui. E o resto, não tinha colégio nenhum. Só esses dois.

E com a igreja, como se fazia?

Com a igreja, ia na igreja dos menonitas, aí em cima. Porque a nossa só tinha no centro : a pequena, na Inácio Lustosa, e na Trajano Reis. E na igreja, nós ia nos menonita porque a mãe não conhecia o centro. Então ela não podia levar nós porque ela não sabia como é que pegava o ônibus pra lá, não sabia falar o brasileiro, então ela disse assim "como é que eu vou levar lá se eu não sei o caminho?" Então aqui a gente atravessava o campo, ia à pé, e na Escola Dominical nós ia ali, nos Natal nós passava aqui, e quando eu tinha uns dezoito anos que a nossa igreja veio pra cá.

Como foi quando foi construída uma igreja luterana aqui?

Foi que, naquele tempo eu trabalhava na Elma Chips, daí veio o seu Wagner, o seu Wagner e o pastor Blümel. Vieram casa em casa, tudo que eles sabia que era membro conversar pra ver se podia pagar três real, cinco e dez. São as três faixa que a gente podia pagar. Daí cada mês eles vinham buscar, ou eu levava lá na fábrica, lá na Elma, e dava pro seu Wagner, daí ele dava um recibo e eles cobravam de cada membro assim. Daí quando eles tinham o dinheiro, eles pagaram o terreno. Daí assim todo mês, como entrava o dinheiro, eles compraram o terreno. De todos os membros. Eu não sei quantos membros que nós tinha. Nós, os Hanemann, os Walter, os Geirich, não tinha muitos membros aqui. O seu Hoffmann, já falecido, só tem a Rose, a outra eu esqueci o nome da irmã dela...

Tinha poucos aqui assim, e eu não conhecia todos. E daí assim de todos, seu Schmidt aqui embaixo também tava junto... Juntamos assim o dinheiro, eu não sei como que fizeram, se eles puseram no banco ou pagavam já direto em prestação, não sei. Nunca me interessei pra poder dizer se eles pagaram já direto porque eles compraram aquele terreno de um kop(?), de um menonita, né?! Ele era pastor da igreja dos menonita. E ele que vendeu esse terreno, esses dois pra igreja. E eu não sei se eles pagaram, se eles se combinaram pra pagar todo mês pra ele ou ajuntaram no banco. Isso eu não fiquei sabendo, também nunca perguntei.

Você lembra da primeira vez que você participou de um culto da comunidade?

Quando eu era maior, com dezesseis, dezessete anos, nós fomos lá no centro, na igreja pequena. Daí nós ia lá: eu e a mãe, a minha irmã já era casada, tinha criança e ela não foi junto com nós. Daí eu com a minha mãe nós ia bastante lá na igreja pequena, no centro, nos Domingo de manhã. Nas primeiras vez eu estranhei, eu era acostumada na menonita, era diferente da nossa. Que a menonita não rezam o pai-nosso, não rezam o credo dentro da igreja, né?! Era completamente diferente... Eu pensei que era tudo igual... Quer dizer, da Bíblia era tudo igual mas assim em matéria do culto os menonita são diferente do que a nossa igreja. Daí no começo eu achei diferente. Depois acostuma, né?!

Fora isso que você já contou, o que você sentiu de diferente?

Assim foi essa diferença que eu achei assim... Só essa era a diferença entre nós... Depois acostuma. Depois as primeiras vez... Só que a nossa igreja ainda tá fraca em matéria de cantar. A única coisa que eu acho contra os menonita. Eles cantam melhor do que a nossa igreja. Quer dizer, aqui fora, no centro eles também cantam melhor. Quer dizer, aqui ainda falta mais prática pra eles. Quer dizer, se o coro tá lá eles cantam bem melhor... E assim: na igreja dos menonita sempre anda mais cheio do que a nossa...

O que lhe motiva a participar dos cultos? O que te atrai na igreja?

Isso é difícil de responder. Eu não sei... Pra escutar a palavra de Deus, assim, né? Porque se uma pessoa explica, é mais fácil da gente entender do que a gente lendo sozinho. E como eu tenho preguiça de ler, então eu prefiro pegar no alemão. Porque o alemão quando ele explica, eu entendo melhor. Não que eu não entendo o brasileiro, mas até porque era costume o alemão. Então quando eles falam o culto em alemão, eu acho mais legal do que quando é em brasileiro. Eu entendo melhor as ... Explica assim, e tudo, né?! Eu gosto de escutar o culto quando ele explica assim as coisas. porque a gente lê, tem muitas palavras que não entende, e ele explica e já fica diferente pra gente. Então é melhor pra gente ir.

Então você prefere freqüentar o culto em alemão que acontece no terceiro Domingo de cada mês?

É agora nesse Domingo, agora: o terceiro Domingo. Eu vou bastante de tarde. Vou de tarde com a mãe. Eu vou de manhã com a minha irmã. Se eu não vou junto com ela, ela não vai. Então tem que puxar ela junto pra ela ir, e quando eu falo pra ela ir sozinha, então ficou uns dois meses que ela não foi. Eu disse: "vamos pra lá". Então eu tenho que ir no brasileiro de manhã, puxar ela junto que ela prefere o brasileiro. Eu já prefiro o alemão. Eu vou com ela de manhã, de tarde vou com a mãe. Não sempre, mês passado de tarde eu não fui com a mãe. Mas daí vai fazer o quê?!

Você tem muitas amizades entre as pessoas da igreja que você encontra fora da igreja?

Poucas. Eu não tenho muito amizade assim na igreja. Com ninguém assim... Bem eu conheço: só bom dia, boa tarde... Eu não tenho muita amizade com as pessoas... Mais amizade assim com a minha irmã, que é da família e quando encontro, são poucas as pessoas que eu converso. Uma delas é tua mãe que eu converso muito com ela. Com as outras assim é pouco, e daí é com a Lori. Com essa aí eu também converso bastante. São poucas pessoas assim que eu converso. Porque eu não sou assim tão chique, tem muita gente chique lá. E com a Ana, com a dona Maria... Aí a gente tem amizade com a frau Blümel, mas a frau Blümel vai pouco na igreja, porque ela vai lá no centro. E daí

com essas pessoas. Com a Inês que é da nossa igreja também. Com essas daí, que são por aqui. Com o seu Egon.

Tem muitos vizinhos que são membros da igreja...

Tem. Tem aqui a dona Maria, a Ana, os Blümel e o seu Egon aqui atrás. Quer dizer, com esses aqui que a gente tem mais amizade. A gente não vai lá, eles não venham aqui... Ontem a dona Maria estava aqui. Mas a gente é pouco, porque cada um tá correndo com o seu, então é pouca amizade. Quer dizer, amizade sim, mas não de ir lá e eles virem aqui. Se precisar, a gente se ajuda no que puder.

Mas sempre foi assim?

Não. Aqui assim nos vizinho, só a vizinha da frente de é de um es(?) parece. Os resto são católico. Mas é difícil assim... Em caso de doença, qualquer coisa, eles ajudam, daí a gente corre. Mas assim: cada um no seu...

Mas antigamente, quando um vizinho novo chegava, já iam logo se conhecendo?

O único vizinho que nós temos mais amizade é com esse, e com esse que morava encostado aqui atrás. Esse comprou o terreno dez anos antes de nós. Isso mais ou menos em 1940 ele comprou esse terreno. Bem mais tarde que a gente conheceu eles, que eles moravam lá no centro, na Nunes Machado, perto da Igreja Sagrado Coração de Jesus, ali pra dentro. Bem mais tarde, a gente se conheceu. Com esse a gente tinha muita amizade. A gente ia lá, eles venham pra cá, e com essa vizinha a gente não tem muita amizade. Quer dizer, conversa e tudo, mas não que ela vem pra cá e a gente vá pra lá assim. Aqui principalmente, não sei se é todo o Boqueirão, aqui é cada um por si e Deus por todos. É mais ou menos assim, os vizinho não vão um na casa do outro, "vou tomar um café na tua casa". A gente se encontra na rua, a gente conversa, a gente tá em casa daí... Os vizinhos em geral, não vai muito assim um na casa do outro. Eles são cada um mais na... Quer dizer, cada um se conhece, todo mundo se conhece, mas é cada um na sua casa e se não vai assim na casa dos outros... Essa daí é a Segunda vizinha, nós daí são uma, duas, três, quatro casas que a gente tá mais assim junto. Então o resto é assim: bom dia, boa tarde, tudo bem, como é que vai... E daí a gente olha se eles tão em pé ainda, se tão andando, tá tudo bom... Quando eles passam a gente só vai acenando... Mas assim, nunca foi assim de os vizinho fazer festa, se reunir, se juntar. Tentaram. Tentaram mas não deu certo. Ela [que organizou] disse: é povinho difícil pra se juntar... Eles fizeram festa de junina na rua e tudo ali pra juntar as ruas, não deu certo. Não se misturaram. Um não ia pra lá... Daí eles fizeram... Daqui de cima quatro famílias... Daí essa parte não desceu lá... O povo não se mistura. Aqui não tem aquela amizade assim, todo mundo chegado...

Mas voltando ao passado: você me disse que as primeiras ruas daqui eram os caminhos do gado. Como se fazia pra fazer compras?

Compra nós tinha aqui nessa rua, umas duas quadra pra lá, um armazém que era o Juca – casa Junke lá embaixo na praça do Carmo[hoje em dia]. Ele tinha um armazém e daí a Blumenau, e a Cooperativa, que tinha por aqui. Daí tinha lá pra baixo umas pequenas que a gente não conhecia. E o pai do seu Juca, ele sabia falar alemão, então a mãe falou com ele e daí ele disse assim se nós não sabia falar o brasileiro, era pra gente daí.. Se comprasse Royal, é pra nós trazer uma latinha. Ou se nós pegava sal, era pra nós trazer (vinha em saquinho de pano o sal naquele tempo). Traga o saquinho de sal junto vazio, e mostra que daí eu falo pra minha nora, pra minha filha que trabalha vendendo aqui e pro meu filho. Vocês trazem um junto pra eles vê, e eles dão pra vocês o que vocês precisam. Daí quando a caixa de – naquele tempo tinha o Pox, Omo não tinha, – daí nós levava um vazio junto e mostrava daí eles davam o produto pra nós. E daí a mãe mandava eu com a minha irmã e nós gostava. Mostrava e daí pagava, ele marcava no papel quanto que era. E assim a gente comprava. A mãe pegava bastante na Blumenau. E na Cooperativa era só sócio que podia comprar. E daí a mãe trabalhava no seu Kopf, os dois que são falecido, eles tinham um número. E daí nós dava aquele número, e daí nós podia fazer compra na Cooperativa, senão eles não dava a compra. Tinha que cada membro tinha um número. A gente comprava, dava o número pra ele, e pagava a vista, né?! A gente nunca comprava a prazo comida. Que tem gente que marcava e deixava vir o fim

do mês e pagava tudo junto. E como que nós tinha que pegar no nome do outro, tinha que pagar tudo na hora. A gente não queria fazer dívida pros outros. A vida é assim, né?!

Observei que vocês têm um belo jardim! Desde que vocês moram aqui que o cultivam?

Flor nós tinha bastante aqui na frente. Nós tinha aqui onde que tem a cozinha, o poço, e aqui tinha uma meia-água. Aquela casa na frente não tinha. Aí tinha uma meia-água aqui. E aqui o rancho era aberto, o poço era aberto. Tinha o tanque pra lavar roupa, e o banheiro tinha lá trás. E nós tinha as flores aqui na frente. E ali atrás não tinha flor. Ficou depois assim as flor. Com o tempo a gente mudou e plantou pé de rosa aqui na frente, deixou crescer grama, camélias e outras flores, com o tempo passou as flor pequena lá pra trás porque pra ficar mais verde, pra não ficar tanto barro lá trás.

Sabe-se que as pessoas gostam de trocar mudas de flores diferentes. Você troca? Com quem?

Troco. Troco bastante com os vizinho. Assim quando a gente vai na casa, como por exemplo na *frau* Geiren, que mora da igreja um pouco pra cima, quando a gente vai na casa dela e tem uma flor que a gente gosta, a gente pega dela. E ela vem aqui, quando ela gosta de uma, ela pega. Nós temo muita amizade – perto do Michelle tem duas família também dos nosso Schwaben, que somo dos alemão de Entre Rios. Mora bastante gente por aqui. Daí então temo bastante amizade. Mas só que a maior parte é católica. São poucos os evangélicos. Então como a gente tem amizade com eles, porque é do mesmo país onde a mãe nasceu, então a gente vai na casa deles, eles venham aqui e a gente vai trocando com a uma com a outra e vai pra frente. Daí a gente compra também. Esses pé de orquídea ali fora, algumas a mãe ganhou da *frau* Kopali, outras nós compramos, e é assim que a gente cria cor diferente. Porque senão de repente fica tudo igual. Umas que são o miolo de dentro diferente. Umas são amarelo, umas são cor-de-rosa mais forte, e daí a gente compra, troca. Assim a gente chega em muitas flores. Fica diferente. E daí nós tinha aqui embaixo uma de Santa Catarina, uma dona Doris, A *frau* B(?), ela já faleceu muito tempo... Eles ia, parece que Rio Negrinho... Eu não sei, acho que Rio Negrinho... Eles moravam pra lá, Então ela trouxe essas flores laranjadas que depois eu te mostro. Ela fica desse tamanho assim e fica bem laranjado, aquela cor de abóbora bem forte. Ela trouxe daí uma mudinha pra nós. Uma mudinha e nós fizemos uma fila inteira. Então a gente vai trocando assim, cada um uma mudinha aqui, outra lá... E já demo bastante embora pros outros. Assim a gente troca daí, né?! Então a gente vai indo. Desse jeito que a gente tem sempre flor diferente em casa. Que tem muita flor que a mãe conhece lá da terra dela. Só que daí eu não sei o nome em brasileiro. Tem uma que é *esporrinha*, e tem uma outra redonda assim, ela dá azul e é pra Ter branca e cor-de-rosa. Mas a branca e cor-de-rosa é muito difícil. A azul é mais comum. Daí tem uma outra que é a *pampoula*, que é mais simples. Essa eu não tenho sorte. Chega uma altura, seca e... Tem a dobrada e a simples. Essa eu não tenho muita sorte com essa flor. Com aquelas outras eu tenho mais sorte, aquelas pra plantar daí, né?! Então tem muita flor que a mãe conhece e tinha, mas a gente não tinha no jardim, crescia no campo fora. E aqui é flor de jardim. Ela dizia assim crescia no meio do trigo, no meio do milho crescia essas flor que plantamos aqui no quintal. *Esporrinha*, aquela outra não me lembro, parece uma rodinha assim, azul. É muito bonitinha, bem cheinha. E ela fica o pé mais ou menos assim, na altura da mesa, fica azul por cima, coisa mais linda. E ela diz assim: essa é flor que nasce no meio da farinha lá na terra dela. E aqui a gente planta e cuida. Daí a diferença.

Então muitas das flores que você tem aí é de troca de muda com vizinho...

É. Muita, muita troca. Tem uma que eu comprei que eu não sei como é o nome em brasileiro: é Schnickle que eles dizem. Ela é branquinha assim em cima e bem miudinha, depois eu te mostro ela lá trás... Ela dá assim, a folha dela é que nem aquele alho verde. E dá uma florzinha branca, e as pontinha verde. Essa flor é a primeira flor que dá depois do inverno. Quando termina o inverno é a primeira flor que vem. Tem dois tipo: tem uma que é mais cheia, e uma que é mais simples. Essa aí eu comprei duas batatinha e agora me encheu o quintal. Essa é uma que eu troco que tem muita gente que não conhece. Então essa aí eu troco bastante.

Então à medida que você vai tendo mudas e batatinhas, já vai separando pra trocar...

Eu já deixo dentro da terra. Quando tem assim que alguém quer, eu tiro. Porque eu não tiro todo ano. O certo mesmo seria tirar, mas eu não tiro. Quando eu vejo que uma pessoa não tem uma flor, e te interessa, quer ? quero! Então venha que eu vou te dar... Daí a gente ganha uma ou outra que eles tenham... E daí tem uma outra que é o narciso, uma amarela, grande assim, que no meio dá uma (?) e da as florzinha em volta, amarela. Não sei se você viu o filme do Dr. Jivago, ele não tá num campo assim com aquelas flor amarelo? Dessa eu tenho no quintal também... Com esse aí eu também vou trocando. De algumas batata, se cuidar, já me deu bastante... Então dá pra tirar, dá pra trocar... Daí eu já estava vendo uma lá de cima, ela tem uma amarelinha bem clarinha. Eu tenho a amarelo escuro, forte. A dela é aquele amarelo bem delicado. Então a gente trocou. Não tem problema, a gente fica com a cor diferente.

Você me falou que conhece muita gente da colônia de Entre Rios... Muita gente veio pra cá?

Muitas, muitas...

Então ficou mais fácil fazer amizade com essas pessoas...

No começo tinha pouca gente, quer dizer, tinha, mas como a gente não sabia onde eles moravam todos, né?! Então a mãe começou de trabalhar com os menonita de diarista, eles falam tudo o alemão também, né?! Então com isso foi mais fácil... Eles vieram tudo da Rússia, mas sabem falar tudo alemão. Então como nós não tinha nada, estava morando de aluguel, sorte que sabem falar tudo alemão... Deu pra trabalhar e falar... E a gente conheceu aqui no Boqueirão, tinha bastante, como a *frau* Geiren, tinha a cunhada dela, os Walters, quer dizer, os Walter já morreram todos. Tinha uma família que morava perto da casa da Ana, ali pra cima, dos nossos também, né?! E daí mudaram daí na rua da Cristiano Strobel tem bastante, perto do Coletão. Quer dizer, mas era tudo longe assim. Então o Uberaba estava cheio. Estava forrado. Tinha ali acho que umas quinze, vinte famílias das nossas morando ali. Então deu pra fazer amizade e a gente ia assim onde que tinha. Como sabia falar alemão e nós era criança, eu com a minha irmã, nós ia junto com a mãe. Ela não deixava nós ir sozinho. Porque era campo e tudo aberto aqui... Só quando ela ia trabalhar, daí ela dizia: vocês duas dentro, e não o pé pra fora. Porque dentro de casa já não acontece nada. Vocês verem uma coisa estranha, fechem a porta... Mas graças a Deus nunca aconteceu nada. Nós criança não tinha medo. Aqui embaixo, como era tudo aberto, tinha um buraco. Era bem grandão assim... Eu acho que dava até aqui em mim... agora... E do lado tinha um caminho pequeno pra andar. E passou uma senhora ali, que pra não dá a volta inteira, ela foi por aqui atrás. E a mulher passou no meio das vacas e a vaca deu um ... Tinha um touro no meio... O touro deu um chute nela que ela voou até lá no meio da água... Ela era meio ceguinha, não enxergava de longe, E a mulher sempre estava sozinha. Nós estava tudo aqui na frente: eu, a mãe, o pai... E quando o pai viu isso, que ela saiu correndo, "meu Deus do céu, a mulher vai morrer afogada lá dentro"! A gente sabia que ela não enxergava bem, ela só enxergava mais vulto. Então o pai correu pra lá e tirou ela de dentro da água. A gente cuidava, não chegava muito perto das vaca. Podia pegar a gente também... Nós tinha arame farpado em volta da casa. Então a mãe pendurou roupa e foi trabalhar e disse "crianças, no meio dia ou pouco antes, vocês tiram toda a roupa." E eu com a minha irmã, dá-lhe brincar dentro de casa e esquecemos a roupa fora e as vaca comeram tudo a roupa... Não sobrou nada, sobrou uns fiapinho assim... Mastigaram tudo a roupa. E nós num medo, se a mãe chega, nós apanha... Porque ela disse: "cuidem da roupa e recolhem..." De noite a mãe diz: cadê-lhe a roupa? A gente se olhou e disse, as vaca comeram tudo... Ela não surrou e só disse: deviam Ter cuidado mais... A gente tinha bastante coisa, mas a gente esquece muita coisa... A gente juntava bastante esterco, eu com a minha irmã. Tinha verdura em casa.

LOESCH, Irineu. LOESCH, Margareth. **Entrevista.** Curitiba, 29 ago. 1999.

Eu gostaria que vocês comessem contando sobre suas vidas: elas têm uma importância muito grande para mim, e acho que não só para mim, outras pessoas têm curiosidade em saber o que significa vir morar numa cidade do tamanho de Curitiba...

Margareth: Quando a gente veio morar pra cá, nós brincávamos na frente, eu e as crianças. Hoje tem que cuidar. Mudou bastante. Mas você tem alguma pergunta direta?

Eu gostaria que vocês iniciassem contando algumas lembranças de infância de vocês: onde nasceram, o que os pais faziam, como foi...

Irineu: Só que a gente não é daqui, tu sabe?! Eu sou de Santa Catarina, não, natural do Rio Grande do Sul, mas me criei em Santa Catarina e agora já estou em Curitiba 22, 23 anos. Então a gente não tem os vínculos de origem aqui em Curitiba. Lá foi interessante. Eu particularmente, eu me considero um luterano desde que nasci. Isso por herança: toda minha família, até onde eu conheço e tive relações de apego no Rio Grande do Sul, eles continuam até hoje, todo mundo é luterano. Eu não saberia te dizer, isso eu não consegui saber até hoje, quem efetivamente veio, que geração eu seria. Mas pelo retrospecto histórico, eu devo ser sexta ou sétima geração. Muito mais que isso não dá, porque acho que não passa de cento e cinquenta, cento e sessenta anos. Então talvez seria a sexta geração. Por curiosidade, ano passado, ano retrasado nós estivemos lá no Rio Grande do Sul, aí eu tive conversando com um tio muito mais apegado à origem, à história da família, ele não soube dizer com precisão quem efetivamente veio da Alemanha. Mas a participação deles lá no Rio Grande do Sul é basicamente agrícola. Aí depois, quando o pai mudou pra Santa Catarina, o pai era um, sei lá como é que poderia chamar, um industrial. Ele tinha serraria, que era comum na época ali no meio-oeste catarinense, planalto. E ali a gente ficou. Foi toda a infância da gente ali, e nós na época fazíamos uma distância de, uma curiosidade mas é interessante, pra assistir cultos ou participar de festividades de etnias, nós fazíamos uma viagem de cerca de oitenta quilômetros pra vir e participar de cultos, inclusive porque não tinha ponto de pregação mais próximo. Desde essa época a gente tem esse vínculo, a gente se identificou com a igreja, pela própria questão de origem: nunca se cogitou questionar esse aspecto. Eu me considero cristão luterano de berço por envolvimento, meu pai era muito envolvido, a mãe, eu por consequência sempre me envolvi muito. Me envolvi desde que eu tinha condições, me envolvi com jovens também, trabalho com jovens. Mas isso mais em Santa Catarina. Quando viemos pra cá, quando eu vim pra cá de início ainda era solteiro. Depois que a gente casou. Mas a partir do momento em que a gente veio pra cá, logo em seguida a gente começou a procurar...

Margareth: Nós íamos na Comunidade do Centro, porque a gente não conhecia as outras. Ou não conhecia nem a cidade. Eu me lembro que a gente ia no centro. O Gustavo era bebê também, e se assustava muito com aquele órgão que tem lá no centro. Acho que o barulho era muito. Depois a gente começou a participar um período no Portão..

Irineu: No Portão, porque a gente morava lá. E aí, nessas reviravoltas, estivemos praticamente um ano em Joinville, também sempre envolvido na comunidade, envolvido não, participando. Aí surgiu a oportunidade que já vai pra dezenove anos agora, de vir pra Curitiba de volta. E aí viemos morar aqui no Boqueirão, neste mesmo local que estamos aqui até hoje. Foi quando a gente se envolveu com a comunidade, começou a se envolver aos poucos. Uma característica da nossa comunidade aqui no Boqueirão principalmente, ela é uma comunidade bastante fechada. É muito tradicionalista, como é até hoje. Mas a gente conseguiu aos poucos ir se entrosando, enturmando com o pessoal, fomos nos envolvendo com outros eventos. Dentro da comunidade aqueles encontros de casais, aquilo foi uma alavanca que nos impulsionou mais. Não foi o principal, mas dá pra dizer que foi uma alavanca.

Margareth: Foi quando a gente fez amizades, coisa que nós não tínhamos.

Irineu: E essa alavanca nos impulsionou muito pra efetivamente se envolver com a comunidade. E a partir daí a gente tá nesse envolvimento que está havendo aí. Agora a perspectiva que a gente tem, que a gente sonha é que essa comunidade se torne mais dinâmica, uma comunidade mais viva, mais

participativa, mais aberta. Isso é uma questão de ponto de vista que a gente compactua, tanto eu quanto ela, vir a ser uma igreja mais viva, não essa igreja tradicionalista. É outra coisa que a gente também teve muita sorte, e a gente sempre incentivou muito nossos dois filhos, são muito ligados e participam muito, tanto o Gustavo como a Maria Luiza. Eu achei que ia chegar a fase em que eles iam se questionar: vale a pena continuar ou não, mas não, eles não chegaram a parar por causa desses questionamentos típicos de idade. Eles continuam, os dois, muito envolvidos e a gente sempre incentivou muito. A gente nunca deixou sozinho, sempre procurou ir junto. Pois é, a minha vida, em si, ela deu muita reviravolta. Tive que viajar muito, fiz algumas viagens pra fora, mas isso nunca serviu de desculpa pra gente se afastar da igreja. O Irineu não ir porque a Margareth não está ou a Margareth não ir porque o Irineu não está. Então a gente sempre se envolveu e continua. Esse é o espírito da gente. E a luta hoje, a perspectiva de hoje é de lutar pra ver se consegue ter, vislumbrar novos horizontes. Porque nós continuamos, criou-se, apesar de eu ser de origem alemã, uma coisa que talvez eu não devesse falar, eu não tenho vergonha de dizer: eu não gosto desse espírito de alemão de origem da Alemanha. Que eles são por eles e o resto que se dane, que se exploda, o termo é esse. Você deve ter observado isso e isso foi uma coisa que me marcou muito, numa época que a Igreja inventou um tal de recenseamento. Acho que você lembra disso aí. Eu fui fazer essas benditas entrevistas. Eu fiquei apavorado com a postura desses alemães! Principalmente esses mais velhos que nós temos aí, e o potencial de rancor embutido na alma dessas pessoas. Foi uma coisa que me chamou muito a atenção e eu sempre a partir daquilo comecei a me questionar: pôxa, se continuar assim, daqui uns dias nós vamos desaparecer como Igreja! Não é isso que a gente quer, de maneira nenhuma. A gente quer uma igreja viva, participativa. Eu não condeno ninguém pela situação que está aí, certo, em hipótese alguma jamais vou fazer isso, mas o fato é que se a gente não mudar, a coisa não vai. Agora, tudo isso que está aí, foi conseguido com a luta, com o esforço, com o sacrifício de pessoas bem mais antigas do que nós, a gente é novo nesse aspecto. É interessante que depois que a gente começou a se envolver na comunidade, a gente começou a ganhar respeito e confiança desse pessoal. De início a gente era simplesmente como todo mundo: é um estranho que está se intrometendo numa seara alheia. Esse é mais ou menos o enfoque.

Margareth: A gente cansava de ir no culto, e o pastor dizer bom dia quando você chegava, e as outras pessoas nem te diziam um bom dia. A gente sentiu isso bastante quando viemos pra cá. Eu evitava inclusive ir ao culto por causa dessas dificuldades. Eu não falo alemão, e nunca fiz muita questão porque eu sou do Brasil e minha língua é essa, eu tenho que me adaptar aqui. Uma vez comentaram uma coisa: um inglês falou que a minha língua eu tenho que saber muito bem, outra pra eu poder sobreviver. Eu acho que é mais ou menos isso. Só que por exemplo, eu analiso que a gente não mudou de religião e não abandonou a comunidade porque a comunidade sempre foi o centro, o nosso ponto de referência. Os nossos melhores amigos são as pessoas da igreja. Isso é uma coisa muito importante. Os nossos melhores amigos são da comunidade.

Irineu: É como a nossa família. Eu diria que é como nossa família. Não é do sangue mas a nossa família foi feita aqui dentro. Eu diria que tenho três amigos que consegui nesses dezenove anos de trabalho, que são amigos autênticos, mas a família mesmo de convivência, de confiança, essa família é a família da igreja.

Margareth: A gente se dá com algumas pessoas ali, melhor do que se dá com os membros de sangue da família. Então a gente conseguiu isso. Como é que eu vou dizer: eu não senti dificuldade com as pessoas de idade, porque elas me aceitaram muito facilmente, não tenho dificuldade com elas. A minha maior dificuldade é com as pessoas da minha idade. Porque eu acho assim, bastante conservadores. Isso assusta um pouco. Porque por exemplo, uma frase que a gente ouve muito "Ah, isso é brasileiro, não presta mesmo!" Coisas comuns, você tá fazendo uma festa, e alguém tem um descascador de batatas, a gente compra qualquer um da China. Ah, mas aquele que vem da Alemanha é o melhor.

É melhor o que vem da Alemanha, entende?! Pôxa, mas estão aqui há mais de cem anos... Essas coisas são difíceis de você entender. A gente convive num ambiente esquisito nesse aspecto, entende? Talvez seja um saudosismo muito grande que eles não sabem expressar de outro jeito.

Conte-me de você Margareth: você não é de origem alemã, então.

Margareth: Não, meu pai é bem brasileiro mesmo. Eu também nasci no Rio Grande. A gente morou em Santa Catarina, estudei lá. Daí quando a gente casou, vim morar pra cá. Daí quando a gente casou, logo depois de um ano eu fiquei grávida do Gustavo, três anos depois veio a Maria Luiza. Eu tinha parado de estudar, agora fiz vestibular e voltei a estudar.

Irineu: Mas ela teve uma facilidade de adaptação muito grande.

Você não era luterana, então...

Margareth: Não era. Fiquei luterana a partir do casamento. Eu pensei assim: se eu continuo católica, eu era católica participativa, a gente realmente participava de tudo. Na cidade pequena a igreja é a única opção que você tem. As amizades são em torno da escola, igreja e cinema no interior. Então a gente tinha bastante envolvimento. Mas eu pensei: eu católica, ele luterano, os filhos não vão ser nenhum. Pelo menos eu acho isso. Ah, porque pai de um lado, mãe do outro, os filhos não vão pra nenhum dos dois. E ele sempre levou muito a sério e eu trabalhei um período com um pessoal luterano. Eles me trataram muito bem, eu morei muitos anos com eles...

Irineu: Na verdade, ela sempre teve contato, desde pequena, com famílias luteranas. Isso eu acho que ajudou muito.

Margareth: Eu ia ao culto. Sabe, não tinha essa ...

Irineu: Filhos e filhas de luteranos, você se dava bem... Que a gente na realidade se conheceu, fomos vizinhos, em Lages. E lá tinha uma comunidade luterana bastante forte. Por incrível que pareça, tinha os alemães mais tradicionalistas, mas eram alemães bem mais abasileirados, com espírito mais aberto. Apesar do pastor, do meu primeiro pastor ser um daqueles pastores que mandava o aluno confirmando que não fazia, não sabia dar a resposta, ele mandava escrever como castigo em casa "eu sou um burro", mais ou menos cem vezes. Esse pastor até hoje é pastor: Leonard Kreutsberg. Ele agora está em Joinville. Esse pastor, olha, pra mim eu sempre tive uma característica própria que professor quanto mais enérgico, mais eu gostava, e pastor também. O que eu conheci, nunca me queixei, nunca me estrepei, porque toda vida eu sempre consegui sempre me dei muito bem com ele. Mas tinha um coitado lá que era colono, nessa época a gente morava em Palmares, lá na vila, então era um colono muito do atrapalhado, acho que sofria muito com o pai que batia. Ele era muito fraco. Então esse coitado era o Cristo. Ah, não sabe? Então escreva no caderno como castigo e traga no próximo mês "eu sou um burro, eu sou um burro" cem vezes. Era um pastor desse quilate. Mas isso nunca me afetou mas me marcou. Eu convivi muito bem nesse meio. Eu consegui. Em Lages também, sempre tive boas amizades, por bom tempo na época de ginásio e segundo grau que eu fiz lá. Essas facilidades: eu ia em congressos, eu sempre fui muito participativo. Desde que eu me conheço por gente, eu fui luterano e continuo sendo, sempre me foi uma experiência muito agradável. Tínhamos uma convivência, isso é uma característica do interior também, tínhamos uma convivência muito próxima com a comunidade católica, porque eram as duas comunidades que existiam. Não existiam essas pentecostais na época. Quando um fazia festa, todo mundo corria pra lá. Quando nós fazia festa, que chamavam a festa dos alemão, todo mundo ia pra festa dos alemão. Então você saía no interior, era comum sair pedir prenda, isso era trabalho que eu e meu irmão pegávamos o caminhão – meu pai tinha caminhão – e saíamos pedir prenda. Então pra nós foi uma festa fazer esse tipo de coisa. Sempre foi uma coisa muito gostosa. A igreja pra mim jamais foi um empecilho. Eu nunca ouvi o pai se queixar da igreja, meu pai nunca se queixou da igreja. Isso foi uma coisa positiva na nossa vida. Ela nunca foi colocada como uma imposição, um castigo. Esses são aspectos que influenciaram na construção da nossa base cristã. Eu também nunca cheguei e disse pros meus filhos: oh, que saco que nós temos que ir pra igreja. Nunca foi falado isso aqui.

Margareth: E sempre tomamos o cuidado de nunca deixá-los na igreja e voltar pra casa... Só que pra gente, como pastor, eu tenho uma influência muito boa do pastor que fez o nosso casamento. Ele era americano, teve que ir embora meio logo, e tinha problemas de saúde. Mas era uma pessoa muito querida, sabe? Uma cabeça mais aberta. Tanto é que a gente conseguiu fazer um casamento mais alegre, sem aquelas músicas tão pesadas... Eu gostei muito do pastor!

Irineu: Ele tinha uma dificuldade muito grande de conversa, que ele aprendeu muito mal o português, mas independente disso era diferente: tinha aquela cabeça de americano. Bem mais aberta do que a cabeça do alemão. Mas foi uma experiência bem agradável.

Margareth: Assim, eu me lembro do dia do meu casamento: a gente não ficou de joelhos, nem nada, e o meu vestido era bem reto, Não tinha anáguas. Então, eu tremia... E ele viu. Olhou assim e deu uma risadinha e me acalmou. Como quem diz: Por que você está nervosa? Não precisa ficar nervosa. Já a família do Irineu não gostou muito, porque achou a cerimônia muito moderna. Eu achei linda porque já não era tão conservador. Não que eu seja contra: você tem que ter uma história, o que o brasileiro peca é de não lembrar o que foi. A gente é um país novo que não valoriza o que já passou. Não se conta nada da nossa história, pouco se sabe dela. Mas como é que eu vou dizer: você também não pode se lembrar só do que aconteceu.... Você não pode ficar ligado no passado a vida inteira. Você tem outras formas de ver a vida. O que eu penso hoje, daqui um ano posso estar pensando exatamente o contrário. Essas coisas eu acho que a comunidade teria que aprender. A gente não aprende na comunidade a conviver com pobres, com excluídos, com deficientes; eu acho que nossa comunidade não está preparada pra isso. Posso estar muito enganada, mas assim, cem por cento não. Porque eu noto, você vai em algumas outras comunidades, o deficiente ele está tão integrado que anda por ela. Na nossa, ele nem tem como andar, a gente não se preparou pra isso. Isso são coisas que a gente vai percebendo. E a gente nunca se preparou... Eu nunca lembro de ter visto gente bem pobre na comunidade e olhe pra ele como membro igual. É uma realidade da nossa igreja que está bem escondida na periferia. Estão um pouco longe da gente. E ela existe. A gente é uma comunidade muito dentro do muro ainda. Não sei se estou enganada, mas eu acho. Do grupo de mulheres, a OASE, duas fazem parte do Conselho de Saúde. Isso eu já acho uma mudança muito grande. Porque ali você consegue palestras, tipo câncer de pele que é uma coisa comum pra nós de pele muito clara, vieram falar sobre osteoporose, sobre menopausa... Tudo eles trazem pessoal do posto de saúde. É também uma forma da comunidade se abrir. Ano passado teve cultos na Igreja Católica, isso eu achei que foi uma coisa muito bonita porque daí eles vieram pra nossa igreja e trouxeram os hinos deles. Nós achamos lindo. Nós fomos com os nossos, que às vezes a gente não gosta, eles também gostaram. Eu acho esse intercâmbio muito importante. A gente deveria olhar a igreja como comunidade cristã, não como uma denominação só.

Irineu: Eu acho que a construção dessa igreja, ela sobreviveu porque ela tem uma característica de origem que é tipo um clube. Um clube fechado, onde você tem uma obrigação de contribuir com esse clube. Hoje, eles felizmente já tiraram essa conotação de clube. Mas de origem ela era um clube. Inclusive eu já vi definições que me chocaram, me chamaram a atenção e me jogaram pra baixo de pastores, grandes pensadores da nossa igreja, de falar algumas besteiras e escrever algumas besteiras que me deixaram estarecidos. Que o luterano se identifica pelo camê de contribuição, e pelo jornal O Caminho. Olha, eu fiquei de boca aberta quando eu vi aquilo ali, um pastor, cabeça pensante da nossa igreja falando desse jeito. Então se isso é uma definição de classificação de luterano, eu acho que isso é uma brincadeira de mal gosto. Agora, a sobrevivência deles, ou a construção desse clube, sobreviveu em função do número de gente e em função dele ter essa característica de clube. Porque senão não teriam conseguido. não.

Margareth: Por exemplo, nós estamos vivendo uma geração que vai ser luterano não por tradição, por herança, é luterano por opção.

SCHÖLK, Edgar. **Entrevista.** Curitiba, 1 jun. 1999.

Eu gostaria que o senhor se apresentasse e contasse memória a respeito da sua chegada. O senhor é de Curitiba?

Não.

Então eu queria que o senhor contasse quem é o senhor, a sua idade, quanto tempo mora em Curitiba, memórias a respeito da sua chegada a Curitiba, por quê veio...

Tá, sim, meu nome é Edgar Schölk. Em 1963 eu saí de Joinville com destino ao interior de Guarapuava, numa empresa americana. Permaneci lá quatro anos, trabalhando eu e minha esposa. E quatro anos depois essa empresa fechou, ficamos desempregados e viemos a Curitiba eu com a esposa e duas filhas: uma de doze anos e uma de seis meses. No terceiro dia que eu estava aqui eu já estava trabalhando, e em seis semanas eu troquei de cinco firmas. Tudo procurando salário melhor, porque quando eu saí do mato, eu aqui me sujeitei a trabalhar por um quarto do salário que eu ganhava lá. Aí então minha troca foi constante até que eu ingressei na Móveis Simon, lá eu permaneci doze anos. Doze anos eu permaneci lá. Nós viemos pra cá em 67, viemos pra cá. A esposa também é catarinense. A filha mais velha é catarinense, de Joinville, e a segunda é de Guarapuava. A diferença de idade de onze anos e meio, é coisa. Eu acho que é só.

E por que o senhor saiu de Guarapuava e veio pra Curitiba, e não pra outro lugar?

Já que a empresa fechou e tudo era da empresa, tudo, tudo . tudo era uma cidade formada pela empresa. Eu saí de Guarapuava com destino a São Paulo. Mas como em trânsito por Curitiba, às uma hora da manhã e a filha menor com seis meses, achamos de não prosseguir viagem, na mesma madrugada, mas sim descansar um dia. E nesse um dia, quem descansou um dia pode descansar três, que era sábado pra domingo. E no terceiro dia que estávamos aqui procurei emprego, e a facilidade foi muito grande, muito, muito grande a facilidade em se conseguir um emprego. Muito fácil porque no quarto dia eu já estava trabalhando. Foi muito bom naquela época, existia muitas e muitas vagas. E um estandarte, que quem procurava emprego naquela época, era um estandarte muito grande, era o elemento, dizer que era catarinense. Ela levava vantagem. Se numa firma, tivesse cinquenta pessoas, e se houvesse o comentário "eu sou catarinense", esse era pego na fila e entrava pela porta dos fundos. Era muito bem reconhecido a capacidade. Agora, influía também o que a gente fazia. Qual o serviço que a gente estaria a exercer. Eu sou mecânico de profissão, mas por esse motivo, ser mecânico de profissão, que eu fui almoxarife, isso praticamente a minha vida. Me aposentei ali. Porque o material que se tinha em estoque, se conhecia. Só que, quando já aposentado, que eu fui ver e analisar que as indústrias brasileiras, o almoxarife eles chamam de entregador de peças. Enquanto em firmas, eu trabalhei em firma americana, eu trabalhei em firma austríaca, esses não, esses contam o almoxarife um elemento de grande responsabilidade. É o que cuida do patrimônio da empresa, incluindo peças e tudo isso, e conhecendo a programação de produção, separa e seleciona um material e não deixa faltar na hora de produzir.

E por que o senhor precisou sair de Santa Catarina? O que motivou o senhor a sair de lá?

O que motivou foi que eu aprendi a mecânica, depois de três anos e meio de profissão, eu fui trabalhar no almoxarifado e com o decorrer dos anos aquilo vai aborrecendo a gente, sempre a mesma coisa e eu passei a ser viajante. Viajante no estado de Santa Catarina e uma parte do estado do Paraná. Depois de 5, 6 anos viajando, permanecendo 30, 40, 50 dias ausente de casa, viajando o estado de Santa Catarina todo, eu achei de parar por insistência da família. Eu também com filha criança, não podia estar presente na vivência da esposa e da filha. Procurei emprego. Emprego tinha, poderia começar até no dia seguinte a trabalhar, mas tinha que ser viajante. Quer dizer, empregos apareceram muitos, mas eu não aceitei nenhum. Então pra eu trabalhar fora de viajante, então eu vim pra Guarapuava, onde tava iniciando uma firma de celulose e papel americana. Estavam admitindo centenas e centenas de pessoas e profissionais diferentes e tudo. Minha esposa foi quem extraiu a primeira nota fiscal, datilografou a primeira duplicata. Eu fui trabalhar na seção da contabilidade e de custa, apropriação da mão de obra, onde aos poucos fui me envolvendo com o almoxarifado e foi esse o motivo de vir pro Paraná. Depois foi uma das melhores coisas que eu fiz na vida...

O senhor me conte uma coisa: a escolha deste lugar. O senhor vindo pra Curitiba, o senhor veio direto pra cá, pro Uberaba ou morou em outros bairros?

Não, eu vindo pra Curitiba eu trouxe uma boa economia. Era tudo o que eu tinha direito dentro a empresa. E procurei guardar esse dinheiro. Depois que eu tinha conseguido já escola pra filha mais velha, que foi o Colégio Cajuru, lá perto do pronto socorro, já que eu consegui escola, eu fui procurar adquirir uma casa pra mim, já que a filha tinha escola. Mas eu não consegui naquelas imediações do Cajuru. Depois a filha estudando no Cajuru e eu trabalhando na Móveis Simon, na Vila Oficinas, naquelas imediações ali eu não consegui casa, só consegui no Uberaba. Aí então eu comprei essa casa e aqui eu vou ficar até o fim. Já tô trinta e dois anos aqui.

E como é que era a região aqui quando o senhor veio morar? Era muito diferente de hoje, o que mudou?

Naquela ocasião representava mais futuro há trinta e poucos anos atrás. Porque vindo de Joinville, entrava tudo pela Salgado Filho.

Ah, é verdade, não existia a Avenida das Torres ainda...

Não existia. E a Marechal (Floriano) tava praticamente parada. Então apresentava uma melhora muito, muito grande. No fim o negócio inverteu. A Marechal cresceu bastante, a Marechal cresceu muito, e aqui estabilizou. Essa planta aqui é a planta Jardim Primavera. Eu dou mais ou menos 60% dos moradores catarinenses. Sessenta por cento aqui são catarinenses. E de toda parte, mas mais do norte: Joinville, Canoinhas... Rio do Sul também tem bastante. Tem de toda a parte de Santa Catarina. E cresceu bastante, porque nós numa área de duzentos metros quadrados, não, um pouco mais, numa área de quinhentos metros quadrados, aqui estamos sendo servidos por quatro linhas de ônibus. É uma grande coisa, né? E hoje tem tudo nas imediações, tudo, tudo. Aliás, Curitiba está numa situação, principalmente o Boqueirão... Falando no Boqueirão, é o bairro que mais está crescendo em Curitiba. Pega aquele Sítio Cercado, pega aquilo ali tudo... Mas Curitiba cresce sempre. Não pára.

Quando o senhor veio para Curitiba, o senhor lembra como foram os seus primeiros contatos com a Comunidade Evangélica daqui? Como foi isso?

É, o contato com a Igreja Evangélica foi uma coisa que nunca houve uma previsão de alguma coisa. Eu era batizado, confirmado, na Igreja Luterana, casei na Igreja Luterana. A filha recebeu os ensinamentos religiosos dentro da Igreja, e eu nunca fiz um plano. Em 1980 eu fui visitado pelo Pastor Genthner, que soube que eu era luterano e me procurou. Eu então comentei que era luterano, e que quando morava no interior de Guarapuava eu tava sendo pressionado pela Igreja Missouri (igreja também de confissão luterana, trazida por missionários do Missouri, EUA), que é luterana, e queria que eu representasse a localidade de Candói, dentro da comunidade em Guarapuava. Com isso, o pastor Genthner andava à procura de uma pessoa que assumisse a presidência da Paróquia Sul, e que naquela época era um regime diferente de hoje...

Não existia a União Paroquial ainda...

É. Quando foi quinze dias depois, eu fui no culto no Boqueirão, e cheguei tarde lá porque eu saí com uma hora de antecedência de casa, de carro, e eu não sabia onde ficava a comunidade. Eu me bati, me perdi por lá... E no fim fui eleito. Eleito entre aspa, obedecendo os estatuto e regimento interno, fui eleito presidente e tal. O pessoal lá não me conhecia, só o pastor me conhecia. E já que passei a ser presidente da Paróquia Sul, eu queria mostrar serviço. E obedecendo do Regimento Interno, eu fiz parte da CELC, parte da FLAS, fui delegado pro Distrito Eclesiástico, fui indicado pro Concílio Regional... Já que estava me envolvendo com religião, eu procurei conhecer ela a fundo. E de presidente da paróquia, fui fazendo parte da FLAS e da CELC, eu fui a um Concílio no interior de Joinville, e quando voltei de lá, já voltei como conselheiro da 2ª Região Eclesiástica, fui eleito em Porto União por mais quatro anos, e depois em Rancho Queimado, não me candidatei à Região, mas me indicaram pro Conselho Fiscal da Região, onde permaneci mais oito anos. Tive dezesseis anos

na Região. Quando a Região terminou, terminou meu mandato também na Região. Não estava prevendo me dedicar de corpo e alma à religião, simplesmente pensava de ser um membro, participar dos cultos... Mas eu me envolvi em muitas coisas na, dentro da nossa Igreja e fiquei conhecendo ela a fundo. Viajei muito pela Igreja: Porto Alegre, Florianópolis, Rio do Sul, Joinville, Blumenau... Aí eu peguei com vontade mesmo. Fiz muita coisa boa. O último Concílio da Segunda Região Eclesiástica, em Taió, fomos três idosos homenageados. Foi o seu Max Meinecke, com oitenta e poucos anos, o seu M(?) com oitenta e poucos anos e eu, com sessenta e oito. Naquela ocasião, com sessenta e cinco. Como líderes, os idosos ainda. Foi muito gratificante. Agora, aos poucos, eu estou me afastando. Mas aí por questão de saúde. Questões de saúde: eu já estou com sessenta e oito anos e tá havendo dois problemas de saúde. Glaucoma e trombose nas pernas. Então são duas coisas. Se eu tô aqui na porta eu não vejo as horas no relógio. Então tem que dar lugar pros outros...

Então, antes desse contato com o pastor Genthner, o senhor não participava ativamente de nenhuma atividade, nem dos cultos...

Uma das coisas mais interessantes que aconteceu, eu sempre bati nessa tecla, quando eu estava na CELC, quando eu vim em 67 pra Curitiba, e arrumei escola pra filha, arrumei emprego, eu achei de regularizar todos os meus documentos. Título de eleitor, deixar em dia a carteira de motorista, identidade e fui de regularizar de ser membro na CELC. Cheguei lá, fui atendido, "eu queria ser membro". "Trouxe ficha de transferência?" "Não, nem tô sabendo disso." "Ah, precisa ficha de transferência, senão não pode." Em Guarapuava não tinha IECLB. Aliás, naquele tempo nem existia IECLB, a IECLB é de 68. Ninguém podia me dar a ficha de transferência. Em Joinville falei com a *tante* Doli, e ela disse "bom, se você tá tantos anos fora de Joinville, não posso te dar ficha de transferência." Voltei na CELC. Eu fiquei oito anos procurando me inscrever na CELC. Oito anos. Então eu tava freqüentando a Igreja Católica. Porque eu não tinha contato com a igreja. Eu saía daqui com a minha esposa pra assistir um culto, chegava lá na igreja na Trajano Reis, tudo fechado. Passava um, passava outro: "não tem culto?" "Ah, aqui é só às dez." Então saía dali e entrava na, ali tem duas, três igrejas e entrava na Católica. Em 1975, foram oito anos depois, eu fiz Bodas de Prata. Íamos fazer Bodas de Prata. A esposa, e eu e ela. Eu fui na CELC. Cheguei lá e pedi pra falar com um pastor. "Qual é o assunto?" "Eu vou fazer Bodas de Prata, e eu queria falar com um pastor." "O senhor é membro?" "Não, não sou." "Ah, então vamos fazer a ficha." Aí me inscreveram como membro. Eu contribuí lá com dois meses, outro dia voltei. "Quero falar com o pastor." "O senhor é membro?" "Ah, sou." Membro do dia anterior, que comecei. Aí conversei com o pastor Carlos Dreher e uma semana depois foi feito um culto alusivo às Bodas de Prata. Foi aí que eu comecei a ser membro da CELC. Hoje não tem mais... Quer dizer, eles pedem, mas não tão mais exigindo. Se um membro procura, porque não abrir as portas? Oito anos lutando pra ser membro.

Então a partir do momento em que o senhor se inscreveu como membro, o senhor participou no centro, então, na Trajano Reis durante um tempo...

Não. Eu participei como membro... Eu conhecia o endereço da Igreja da Trajano Reis. Mas não tinha Boletim Informativo, não sabia nada. Eu tava longe, quando tinha culto, horário, eu tava por fora. Eu só fui tomar conhecimento em 80 quando o pastor Genthner me procurou. Dali em diante eu acompanhei a história toda.

Então vamos aproveitar que a partir de 80 o senhor acompanhou a história toda...Gostaria que o senhor me contasse: o senhor acompanhou o processo de estruturação da União Paroquial?

É. Nós em 80, nós éramos cinco comunidades. A Paróquia Sul e a Paróquia do Portão era as duas que devia muito dinheiro pra CELC. Porque o dinheiro de contribuição não era suficiente pra manter um pastor. E naquela época, era entre aspa, o dinheiro que entrava nas paróquias ia tudo pra CELC numa cestinha. "Ah, eu quero dinheiro pra isso!" "Pega, pega pra aquilo..." Então eu assinei e pedi pro pastor Genthner também assinar e fizemos uma carta pra CELC pedindo a descentralização. Sabendo que eles não iam concordar, eu pedi a título de experiência. Quando entreguei essa carta, eles acharam aquilo uma gozação, uma brincadeira. Acharam aquilo uma verdadeira brincadeira. Deram risada e tudo. Até que o pastor Germano Burger: "Olha turma, vocês tão rindo mas não sabem porquê. Porque se a Paróquia Sul, se fez isso, é a que pior financeiramente se encontra, fez isso, não fez só pra fazer uma carta. Isso aí, eles calcularam isso. Quem vai dar risada de nós, são eles. Eu

fico com a Paróquia Sul." Saímos dali com uma vitória unânime. Já que nós adotamos o sistema descentralização, então foi aonde começamos a fazer um novo Regimento Interno. No Regimento Interno, de cada Paróquia tinha um representante. Tivemos um ano, um ano e meio, trabalhando uma vez por quinzena, pra elaborar o Regimento Interno. E hoje, é o mesmo Regimento Interno, que está aí, com pequenas modificações. Mas as modificações mediante moções apresentadas em Assembléia. Não era uma modificação total. Onde houve toda essa transformação, foi essa descentralização. Foi uma grande coisa. Cada um é dono do seu nariz. Se não tem dinheiro pra manter a Paróquia, procure. Faça. E do jeito de anos e anos passado, se tem dinheiro tá bom, se não tem, tá bom do mesmo jeito. Não ajudava nada.

Existiram grupos contra e grupos a favor dessa descentralização. O que o pessoal dizia: porque alguns eram contra e porque alguns eram a favor? Que motivos essas pessoas tinham pra se posicionar sobre isso?

Cada elemento que era a favor ou era contra, porque os pastores também tinham na sua bagagem o sistema de trabalho que eles traziam. O pastor Genthner veio de Pirabeiraba. Naquela ocasião, recém vindo de Pirabeiraba. O pastor Elehrt era pastor regional, da Segunda Região Eclesiástica, tinha vindo de Joinville. Então cada um tinha na bagagem o Regimento Interno da localidade da onde eles vieram. Então eram dez sugestões, dez sistema diferente, né?!

Em algum momento foi apresentado como motivo, além da questão econômica, a questão de proporcionar um melhor atendimento às pessoas? Ou esse tipo de questão não passava pelas discussões da CELC?

A descentralização foi visada mais de a Igreja atingir mais membros. Já que o Boqueirão era porta de entrada de quem vem de Santa Catarina, nós estávamos levando essa paróquia como a Paróquia da Diáspora. E como no serviço missionário de diáspora, nós tínhamos de se abrir, atingir mais coisas. Mas nada visando dinheiro. Só por parte administrativa, que era a CELC, nós pedindo a descentralização, levou como gozação. "Se a área de trabalho hoje vocês não tem dinheiro suficiente, donde vocês vão ter dinheiro pra abranger as imediações?" E com isso teve muito crescimento depois da descentralização. Naquela época tava começando São José, Vila São Pedro não existia. E assim outras e outras comunidades. Todas cresceram. Todas, todas. Agora eles achavam que nós távamos pedindo na base do financeiro. Não. Nós queríamos abranger mais. Isso que era o principal.

SCHULZ, Arlete. **Entrevista.** São José dos Pinhais, 26 abr. 2000.

Por que você é luterana?

Me tornei luterana, primeiro, nascendo numa família luterana, convivendo dentro de uma comunidade luterana: eu fui batizada luterana, fui confirmada luterana. Hoje em dia eu sou luterana porque me identifico com a identidade luterana. Me identifico muito com ela, não acho que seja a igreja perfeita, mas entre todas eu acho que é a menos pior. Desculpa a expressão, mas eu acho que é a menos pior. Ela não é perfeita, mas entre todas que a gente tem convivido eu me identifico mais com ela. Me sinto mais em casa com ela, principalmente depois de ter visitado os lugares onde Lutero viveu, mexeu muito comigo. Bem sincera, antes disso a minha imagem de Lutero era uma coisa de livro, eu sabia, eu estudava as coisas e não me tocava tão profundamente. Depois de ver as distâncias, onde que ele atuou e ver todo o sacrifício que ele teve colocando o que ele nos passou. A partir desse dia eu sou uma luterana de convicção.

TIETZMAN, Cacilda. **Entrevista.** Curitiba, 12 ago. 1999.

Gostaria que você começasse contando sobre o lugar onde nasceu, que lembranças tem de lá...

Eu nasci em Joinville, em 47. Casei lá, passei toda minha juventude lá, até o casamento. Tive três filhos lá. Já era casada, tive três filhos, e aí viemos pra cá. Daí tive mais uma aqui.

Em que ano você veio de lá pra cá?

Em 74. Março de 74.

O que você lembra da sua infância? Por exemplo, seus pais trabalhavam com o que?

Meu pai era açougueiro. Minha mãe trabalhava em casa, né?! Tinha seis filhos, era seis irmãos. Daí só trabalhava em casa.

E você foi batizada evangélica?

Sim, meus pais também. Desde bem antigamente. Os antepassados eram tudo evangélico. Do lado do meu marido a mesma coisa.

E lá vocês participavam da comunidade...

Ah, sim... Nós participávamos ali da Igreja da Paz, no centro de Joinville. Só que naquele tempo não era tanto como hoje em dia. O pessoal quase não se juntava, era mais difícil assim. Morava mais em bairro, daí era mais difícil ir pro centro. Não é que era difícil, mas o pessoal, não sei, não se juntavam... Só mais do centro aquele pessoal que se conhecia... Não sei, não entendi aquilo ali...

E você acha que aqui isso é diferente?

É diferente. O pessoal se conhece mais. Bem que hoje em dia tá mudado, tá tudo diferente... É bem diferente.

Essa mudança então você sentiu com a vinda pra cá: que a comunidade aqui funciona diferente...

Bem diferente, bem diferente...

E quando vocês vieram de Joinville, vocês vieram direto pra esse endereço?

Nós morávamos ali... Primeiro a gente foi pro Cristo Rei. E depois daí era atrás do Jumbo, na Avenida Kennedy. Bem atrás do Jumbo, ali. O nome da rua não sei mais como é que é... Daí a igreja que a gente participava ali assim era a do centro, na Trajano Reis.

E aqui, vocês vieram morar em que ano?

E daqui a gente veio morar em 78. Setenta e oito. Estava começando aqui, era bem... No começo a gente nem sabia onde é que era... Porque aqui quase não tinha nada nessa rua... Poucas casas, tudo... Mas daí o meu filho mais velho tinha que ser, entrar no Ensino Confirmatório, e daí eles indicaram ali pra nós. Que a gente foi lá no centro, indicaram que tinha aqui. Que foi bem naquele ano...

Você lembra como foram as primeiras vezes que você frequentou a igreja?

É que eu quase assim não participei muito de muitas coisas da igreja, só dos cultos.

Como eram os cultos?

Me senti bem assim... É a mesma coisa como hoje assim... Não teve muita mudança. Isso foi em... é, 78, 79... Eu estou morando aqui faz 21 anos...

E o que você viu mudar aqui no bairro nesse tempo todo?

No bairro?! Nossa, mudou tanta coisa... Mudou tudo, né?! Eu lembro que ali não tinha esse terminal de ônibus, tudo o que a gente precisava tinha que ir pro centro... Pra pegar ônibus, tinha que ir até no Carmo... Aqui não tinha nada...

E no Carmo tinha terminal, ou não?

Não era terminal, era só ônibus que tinha ali no ponto. Não sei, acho que era ponto final... Depois que fizeram esses terminal...

Então tinha que andar...

Tinha que ir até lá... E daí vinha um ônibus, quase como esses interbairros... É alimentador que dizem, quase não ando de ônibus... Mas ele vinha até no quartel. Até lá a gente tinha que andar de pé... Essa rua aqui não tinha esse asfalto... Era uma ruazinha pequena de chão, de barro né?! E bem estreitinha, não tinha nada disso aí... E só ia até um pedaço. E depois é que abriram, acho que lá pra cima. Era bem diferente. No começo, à noite, quando apagava a luz, ficava tudo escuro. Não tinha luz na rua... Não tinha... E aqui não tinha asfalto, esse antipô, não tinha nada disso... Era feio quando a gente veio pra cá... A gente achou que ia morar no meio do mato... Poucas casas...

E o número de casas aumentou bastante...

Aumentou, aumentou sim... Tinha só essa da frente, do seu Ari... Aí tinha essas quatro novas que fizeram... E pra baixo só tinha umas casinhas de madeira, bem pequenininha...

E aqui pra cima não tinha nada, era tudo mato, assim... E depois que começaram a construir esses conjunto tudo aí... Os predinho aí... Ah, não tinha nada... Aqui na frente também não tinha nada, essas casas era tudo mato... Era mato mesmo. E tinha só aquela, essa aqui que agora é um negócio de costura, de uniformes, mas antigamente era um negócio de oxigênio, ah, não sei o nome dessa firma... Depois tiraram.

E o comércio como é que era?

Tinha que ir pro centro, né?! Lá pra Vila Hauer, pra lá... Aqui não tinha nada. Não tinha esse terminal, não tinha nada. Pro outro lado, não tinha nada, tinha pouca coisa. Era bem... Farmácia também não tinha. Não tinha supermercado, não tinha nada. Tinha assim essas vendinha, esses comércio pequeno tinha ali na esquina só um... Hoje não tem mais nada. Pouca coisa.

Qual foi o motivo pelo qual a família saiu de Joinville e veio pra cá?

O meu marido foi transferido pela Buschle&Lepper. Ele trabalhava lá. Daí ele foi transferido pra cá. Daí ele veio antes, novembro, até acertar tudo. Arrumar casa pra morar... E daí demorou ainda um pouco.

E no começo vocês moraram em casa de aluguel?

Em casa alugada. Daí a gente conseguiu comprar essa casa aqui. Por isso que compramos assim mais retirado: que era mais barato, era o que a gente conseguia comprar na época. E acabamos ficando aqui.

WENDLAND, Ernani & WENDLAND, Neulíria. **Entrevista.** Curitiba, 26 ago. 1999.

Pra começar, eu gostaria que vocês dividissem comigo algumas lembranças da infância: onde nasceram, como era o lugar, sobre os pais...

Neulíria: Quer começar?

Ernani: Não, pode começar. Você sabe da minha vida melhor do que eu.

Neulíria: Eu vim ainda de colônia. Meus pais moravam na colônia. Rincão Frente, acho que era. De lá, depois, eu acho que eu tinha uns seis anos nós fomos pra cidade, pra Panambi. Então o primeiro ano de colégio, foi no Grupo Escolar lá. Lá o pai então construiu uma casa que até hoje tá lá. Os irmãos ajudaram tudo a construir. Depois, com treze anos comecei a trabalhar já. Trabalhei numa loja e trabalhei dez anos lá. Dez anos e depois mais dois anos que os ex-patrão pediram pra ajudar no fim de ano. Era uma loja de tecidos, então fim de anos dá mais movimento, aí eu sempre ajudava três meses antes do fim do ano. Eu ajudava dois anos, mas daí... E aí na Juventude que a gente se conheceu. Foi por intermédio de Juventude: nós nos conhecemos. Seu lá, a cidade de Panambi fica, a gente aquela terra da gente lá a gente não esquece.

Ernani: Eu nasci na cidade de Panambi. Na Juventude (criança é só brincar), comecei a trabalhar com dezesseis anos também. Estudando, trabalhando. Escritório de contabilidade. Frequentando a Juventude local lá. Conheci ela. Depois do quartel, trabalhei mais um pouco no escritório e aí segui o ramo do meu pai: caminhão, transporte. Aí com trinta e seis anos de idade, viemos de lá pra Curitiba.

Por que vocês saíram lá de Panambi?

Neulíria: Por causa do ramo teu, né?!

Ernani: Do ramo, porque Curitiba era mais centralizado. Era mais centro de transporte, então lá a gente parava pouco. Pouco em casa, e só passagem, que não era terminal de carga era só caminho. A gente ficava pouco em casa. E que pra cá era melhor, né?! Mais regionalizado, mais centro. Pros filhos, lá na cidade pequena, mandar estudar, tudo era longe daí. Teria os custos de hospedagem... Internato, o quê... Daí a gente optou por Curitiba fica melhor de serviço, melhor de estudo, e pra mim era melhor também pro transporte.

Vocês poderiam me contar como foi a mudança de Panambi pra cá? Que tipo de projetos vocês tinham...

Neulíria: A gente foi ... Até nessa época, nesse ano, foi que o Evandro tinha idade de ir pra doutrina. Então já saímos de lá de logo procurar a igreja aqui, porque ele tem que ir pra doutrina. Daí chegamos aqui, fomos no centro, porque a gente não conhecia nada, ninguém aqui. Ninguém conhecido aqui. E até os vizinho de lá, falou: "Ih, a Neuli não vai se acostumar." Isso também falou a sogra. A sogra mora lá até hoje. E nós morava do lado. E ela dizia que eu não ia me acostumar. Sozinha e longe, mas eu acho que tudo vai da pessoa. A pessoa quer se acostumar e sabe que vai ter que ser assim, acho que vai né?! E aí fomos no centro. E de lá, mandaram pro Portão. E aí no Portão disseram: "não é aqui".

Ernani: Vocês pertencem à Comunidade do Boqueirão.

Neulíria: Aí a gente veio aqui, o pastor de lá telefonou pro [pastor] Genthner e a gente viu entre eles lá assim que se alegraram. Veio gente procurar porque diz que era muito difícil, na época assim, que quando se muda se esquece. Primeiro as outras coisas, depois a igreja. Quando precisar mesmo. E daí a gente viu então entre eles que foi uma coisa boa que a gente fez de procurar logo.

Ernani: E também nós precisava logo. Precisava do Ensino Confirmatório do Evandro.

Neulíria: Daí a gente veio pra cá. E o pastor já convidou pro culto, no próximo domingo culto, a gente veio. E olha, fomos muito bem recebido aqui, nossa! As mulher logo me convidaram, as senhoras pra OASE. Foi assim uma recepção diferente do que nós tinha lá em Panambi, bem diferente. Porque lá eu ia também, mas só quando tinha programas especiais. Senão eu não ia. Então foi uma coisa assim, pra mim foi muito bom. Que a gente veio praticamente sozinho pra cá, então isso foi a minha família aqui. E com isso eu também eu me acostumei bem logo. Entrosei com o pessoal assim todo. Mas eu achei bem diferente a maneira de recepcionar as pessoas, como nós que viemos de fora do que como era lá. Talvez foi porque, gente nova, mas achei isso muito bacana.

Isso era que ano?

Neulíria: Deixa eu ver: o Evandro tinha treze anos...

Ermani: Oitenta e cinco. Em dezembro de oitenta e cinco.

Neulíria: É. Oitenta e quatro minha mãe faleceu, e no outro ano nós viemos.

Ermani: dezembro de oitenta e cinco. E, a recepção aqui ela foi por parte da comunidade, bem recebidos.

E daí vocês chegaram aqui em oitenta e cinco, e vieram morar diretamente nessa casa?

Ermani: Não, primeiro nós moramos no Pinheirinho. Quase quatro anos.

Depois vieram pra cá... E lá a casa era alugada?

Ermani: Era comprada.

Neulíria: Eu não consegui me acostumar no lugar. Agora continua assim, sabe, muito sei lá...

Ermani: Primeiro, quando nós viemos morar era mais desabitado. E aí, de repente, começou a surgir uma pequena favela. Em roda, por perto. A vizinhança não era o que a gente esperava.

Neulíria: De lá pelo menos, os vizinhos a gente sempre se dá bem. O primeiro que você precisa é vizinho quando acontece alguma coisa. E lá não tinha nada, não tinha ninguém. Eu não me senti bem lá. E aí bom, vamos vender. Vamos vender lá e surgiu esse negócio aqui.

Existe motivos especiais pelos quais vocês escolheram bairros como Pinheirinho e Boqueirão para morar?

Ermani: Foi o que surgiu. Eu com o caminhão parava muito nos postos do Bairro do Pinheirinho. E ali tinha um pouco de conhecimento com o dono de posto. Pro caminhão era o lugar de mais oficinas também. Então lá se localizava melhor. Só que depois começou essa, a vizinhança crescer, e...

Neulíria: E ele sempre viajando...Um pouco eu tinha medo.

Ermani: Um pouco de medo, daí vender. Aí surgiu a oportunidade de comprar aqui, não tinha definição por bairro, nada. Surgiu assim...

Então aqui faz uns dez anos que vocês moram...

Ermani: É, praticamente de nove pra dez anos.

E nesse tempo que vocês moram aqui, mudou muita coisa?

Neulíria: Nossa, se mudou! Aqui na frente era tudo mato. Ali tinha eucalipto.

Ermani: Menos habitado, menos residência.

Neulíria: As estradas agora tem tudo antipó.

Ernani: As ruas de macadame hoje já tá tudo asfaltado. E tá mais habitado. Muito mais residências agora.

Pra encerrar então, eu gostaria que vocês me dissessem por que pra vocês é importante participar da vida da comunidade?

Ernani: Pra ter mais comunhão com os amigos, entre membros da comunidade.

Neulíria: Você sabe com quem que você tá.

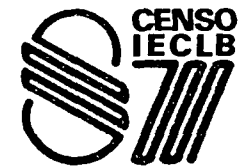
Ernani: Entrosamento das pessoas. Amizade, né?! Amizades mais sinceras. Mais firmes, com quem a gente pode confiar. É mais por parte da igreja. Que amigo você tem em todo lugar, mas amigo pra confiar são os mais próximos, da comunidade.

IGREJA EVANGELICA DE CONFISSAO LUTERANA NO BRASIL

RECENSEAMENTO/1987 - Formulário -

DATA BASE 30.06.87

PARÓQUIA: _____
 COMUNIDADE: _____
 DE: _____
 RE: _____



QUADRO 1		
1.1 NOME: _____		
1.2 ENDEREÇO: Rua: _____ nº _____ apto. _____ _____ tel. _____ Município _____ UF _____		
1.3 LOCALIDADE DE NASCIMENTO: _____ 1.4 IDADE: _____		
1.5 INTEGRA A IECLB através de: 1 <input type="checkbox"/> batismo 2 <input type="checkbox"/> casamento 3 <input type="checkbox"/> profissão de fé 4 <input type="checkbox"/> outra forma	1.11 OCUPAÇÃO/PROFISSÃO QUE EXERCE 1.12 NATUREZA DA OCUPAÇÃO 1 <input type="checkbox"/> pequeno proprietário/ou arrendatário rural 2 <input type="checkbox"/> médio proprietário/ou arrendatário rural 3 <input type="checkbox"/> grande proprietário/ou arrendatário rural 4 <input type="checkbox"/> empregado rural 5 <input type="checkbox"/> empregado urbano 6 <input type="checkbox"/> pequeno e médio empregador urbano 7 <input type="checkbox"/> trabalhador urbano sem vínculo de emprego 8 <input type="checkbox"/> empresário urbano 9 <input type="checkbox"/> profissional liberal 10 <input type="checkbox"/> servidor público/funcionário empresa estatal 11 <input type="checkbox"/> aposentado/pensionista 12 <input type="checkbox"/> desempregado 13 <input type="checkbox"/> inativo por doença 14 <input type="checkbox"/> outra situação	1.17 INSTRUÇÃO Estuda? 1 <input type="checkbox"/> sim 2 <input type="checkbox"/> não 1.18 INSTRUÇÃO Nível de instrução: 1º GRAU 1 <input type="checkbox"/> 1ª série ex-primário 2 <input type="checkbox"/> 2ª série 3 <input type="checkbox"/> 3ª série 4 <input type="checkbox"/> 4ª série 5 <input type="checkbox"/> 5ª série 6 <input type="checkbox"/> 6ª série ex-ginásio 7 <input type="checkbox"/> 7ª série 8 <input type="checkbox"/> 8ª série 9 <input type="checkbox"/> ex 4ª série ginásial 2º GRAU 10 <input type="checkbox"/> 1º ano 11 <input type="checkbox"/> 2º ano 12 <input type="checkbox"/> 3º ano SUPERIOR 13 <input type="checkbox"/> superior incompleto 14 <input type="checkbox"/> superior completo SEM ESCOLARIDADE 15 <input type="checkbox"/> sabe ler 16 <input type="checkbox"/> sabe escrever
1.6 INTEGRA A IECLB desde que ano? _____	1.13 MIGRAÇÃO Em que ano migrou para este Município? _____	1.19 LOCALIZAÇÃO DA MORADIA 1 <input type="checkbox"/> área rural 2 <input type="checkbox"/> área urbana 3 <input type="checkbox"/> centro 4 <input type="checkbox"/> bairro 5 <input type="checkbox"/> periferia 6 <input type="checkbox"/> vila/sede de distrito
1.7 SEXO 1 <input type="checkbox"/> feminino 2 <input type="checkbox"/> masculino	1.14 MIGRAÇÃO De qual Município veio (migrou)? _____ UF _____	1.20 LOCALIZAÇÃO DA MORADIA Onde mora há luz elétrica de rede pública? 1 <input type="checkbox"/> sim 2 <input type="checkbox"/> não
1.8 ESTADO CIVIL 1 <input type="checkbox"/> solteiro 2 <input type="checkbox"/> casado 3 <input type="checkbox"/> viúvo 4 <input type="checkbox"/> separado/desquitado/divorciado	1.15 MIGRAÇÃO 1 <input type="checkbox"/> migrou dentro do mesmo Estado 2 <input type="checkbox"/> migrou de um Estado para outro Estado	
1.9 NATUREZA DA UNIÃO CONJUGAL 1 <input type="checkbox"/> casado no civil e religioso 2 <input type="checkbox"/> casado só no civil 3 <input type="checkbox"/> outra situação	1.16 MIGRAÇÃO 1 <input type="checkbox"/> migrou de área rural para área urbana 2 <input type="checkbox"/> migrou de área rural para área rural 3 <input type="checkbox"/> migrou de área urbana para área rural 4 <input type="checkbox"/> migrou de área urbana para área urbana	
1.10 ORIGEM ÉTNICA 1 <input type="checkbox"/> africana 2 <input type="checkbox"/> alemã 3 <input type="checkbox"/> espanhola 4 <input type="checkbox"/> indígena 5 <input type="checkbox"/> italiana 6 <input type="checkbox"/> japonesa 7 <input type="checkbox"/> portuguesa 8 <input type="checkbox"/> polonesa 9 <input type="checkbox"/> russa 10 <input type="checkbox"/> outra qual? _____		

QUADRO 2			IDENTIFICAR - UNIR - INTEGRAR
(do CÔNJUGE) _____ Evang. de confissão luterana? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não			
2.1 NOME: _____			
2.3 LOCALIDADE DE NASCIMENTO: _____ 2.4 IDADE: _____			
2.5 INTEGRA A IECLB através de: 1 <input type="checkbox"/> batismo 2 <input type="checkbox"/> casamento 3 <input type="checkbox"/> profissão de fé 4 <input type="checkbox"/> outra forma	2.11 OCUPAÇÃO/PROFISSÃO QUE EXERCE 2.12 NATUREZA DA OCUPAÇÃO 1 <input type="checkbox"/> pequeno proprietário/ou arrendatário rural 2 <input type="checkbox"/> médio proprietário/ou arrendatário rural 3 <input type="checkbox"/> grande proprietário/ou arrendatário rural 4 <input type="checkbox"/> empregado rural 5 <input type="checkbox"/> empregado urbano 6 <input type="checkbox"/> pequeno e médio empregador urbano 7 <input type="checkbox"/> trabalhador urbano sem vínculo de emprego 8 <input type="checkbox"/> empresário urbano 9 <input type="checkbox"/> profissional liberal 10 <input type="checkbox"/> servidor público/funcionário empresa estatal 11 <input type="checkbox"/> aposentado/pensionista 12 <input type="checkbox"/> desempregado 13 <input type="checkbox"/> inativo por doença 14 <input type="checkbox"/> outra situação	2.17 INSTRUÇÃO Estuda? 1 <input type="checkbox"/> sim 2 <input type="checkbox"/> não 2.18 INSTRUÇÃO Nível de instrução: 1º GRAU 1 <input type="checkbox"/> 1ª série ex-primário 2 <input type="checkbox"/> 2ª série 3 <input type="checkbox"/> 3ª série 4 <input type="checkbox"/> 4ª série 5 <input type="checkbox"/> 5ª série 6 <input type="checkbox"/> 6ª série ex-ginásio 7 <input type="checkbox"/> 7ª série 8 <input type="checkbox"/> 8ª série 9 <input type="checkbox"/> ex 4ª série ginásial 2º GRAU 10 <input type="checkbox"/> 1º ano 11 <input type="checkbox"/> 2º ano 12 <input type="checkbox"/> 3º ano SUPERIOR 13 <input type="checkbox"/> superior incompleto 14 <input type="checkbox"/> superior completo SEM ESCOLARIDADE 15 <input type="checkbox"/> sabe ler 16 <input type="checkbox"/> sabe escrever	
2.6 INTEGRA A IECLB desde que ano? _____	2.13 MIGRAÇÃO Em que ano migrou para este Município? _____	2.14 MIGRAÇÃO De qual Município veio (migrou)? _____ UF _____	
2.7 SEXO 1 <input type="checkbox"/> feminino 2 <input type="checkbox"/> masculino	2.15 MIGRAÇÃO 1 <input type="checkbox"/> migrou dentro do mesmo Estado 2 <input type="checkbox"/> migrou de um Estado para outro Estado	2.16 MIGRAÇÃO 1 <input type="checkbox"/> migrou de área rural para área urbana 2 <input type="checkbox"/> migrou de área rural para área rural 3 <input type="checkbox"/> migrou de área urbana para área rural 4 <input type="checkbox"/> migrou de área urbana para área urbana	
2.8 ESTADO CIVIL 1 <input type="checkbox"/> solteiro 2 <input type="checkbox"/> casado 3 <input type="checkbox"/> viúvo 4 <input type="checkbox"/> separado/desquitado/divorciado			
2.9 NATUREZA DA UNIÃO CONJUGAL 1 <input type="checkbox"/> casado no civil e religioso 2 <input type="checkbox"/> casado só no civil 3 <input type="checkbox"/> outra situação			
2.10 ORIGEM ÉTNICA 1 <input type="checkbox"/> africana 2 <input type="checkbox"/> alemã 3 <input type="checkbox"/> espanhola 4 <input type="checkbox"/> indígena 5 <input type="checkbox"/> italiana 6 <input type="checkbox"/> japonesa 7 <input type="checkbox"/> portuguesa 8 <input type="checkbox"/> polonesa 9 <input type="checkbox"/> russa 10 <input type="checkbox"/> outra qual? _____			

QUADRO 3
(Dos FILHOS)
nº de filhos que residem na casa dos pais _____
nº de filhos que deixaram a casa dos pais _____

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL

QUADRO 3 (continuação) dos filhos residentes na casa ou temporariamente fora de casa		É de confis. luterana	LOCALIDADE DE NASCIMENTO	IDADE	INTEGRA A IECLB		SEXO	ESTADO CIVIL	ORIGEM ÉTNICA	OCUPAÇÃO/PRO- FISSÃO QUE EXERCE	NATUREZA DA OCUPAÇÃO	MIGRAÇÃO				INSTRU- ÇÃO	
3.1 NOME			3.3	3.4	3.5	3.6	3.7	3.8	3.10	3.11	3.12	3.13	3.14	3.15	3.16	3.17	3.18
1																	
2																	
3																	
4																	
5																	
6																	
7																	
8																	
9																	
10																	
11																	
12																	
13																	
14																	

QUADRO 4 dos parentes residentes na casa		Grau de parentesco	É de confis. luterana	LOCALIDADE DE NASCIMENTO	IDADE	INTEGRA A IECLB		SEXO	ESTADO CIVIL	Natureza da união conjugal	ORIGEM ÉTNICA	OCUPAÇÃO/PRO- FISSÃO QUE EXERCE	NATUREZA DA OCUPAÇÃO	MIGRAÇÃO				INSTRU- ÇÃO	
4.1 NOME				4.3	4.4	4.5	4.6	4.7	4.8	4.9	4.10	4.11	4.12	4.13	4.14	4.15	4.16	4.17	4.18
1																			
2																			
3																			
4																			
5																			
6																			

<p>_____</p> <p align="center">assinatura da pessoa entrevistada</p>	<p>_____ de _____ de _____</p> <p align="center">localidade/data</p>	<p>_____</p> <p align="center">assinatura do visitador</p>
--	--	--

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Por favor, preencha o questionário a seguir da maneira mais sincera possível. Caso não lembre, ou não saiba de algum dado, não hesite em deixar a questão em branco.

Nome: _____
 data nasc: / / _____ Local de nascimento (cidade e estado): _____
 Estado civil: () solteiro () casado () viúvo () separado, divorciado, desquitado () outra situação
 Grau de instrução: () "primário" : () completo () incompleto
 () "ginásio" : () completo () incompleto
 () 2^o grau : () completo () incompleto
 () ensino superior: () completo () incompleto

Nome de cônjuge: _____
 data nasc: / / _____ Local de nascimento (cidade e estado): _____
 O cônjuge é membro da IECLB? () sim () não
 Grau de instrução do cônjuge: () "primário" : () completo () incompleto
 () "ginásio" : () completo () incompleto
 () 2^o grau : () completo () incompleto
 () ensino superior: () completo () incompleto

Número de filhos _____ Destes, quantos são membros da IECLB? _____

Local da última residência antes de vir para a região de Curitiba: _____

O tipo de propriedade dessa residência era:
 () terreno urbano
 () chácara
 () sítio
 () fazenda
 () outro. Qual? _____

Você já era casado quando veio para cá? () sim () não
 Em caso negativo, qual o local da última residência de seu cônjuge? _____
 Qual era sua ocupação antes de você vir para cá? _____
 Qual era a ocupação do seu cônjuge antes de vir para cá? _____

Qual(ais) deste(s) motivo(s) foram importantes na sua decisão de vir para a região de Curitiba?
 () maior chance de trabalho
 () não conseguia sobreviver no interior com o que fazia
 () motivo profissional (empresa transferiu)
 () estudo
 () outro

Conte quais eram seus medos e expectativas quanto a morar aqui: _____

O seu filho mais velho nasceu em Curitiba ou região? () sim () não

Qual a idade dele? _____

Grau de instrução do filho mais velho: () "primário" : () completo () incompleto

() "ginásio" : () completo () incompleto

() 2^o grau : () completo () incompleto

() ensino superior: () completo () incompleto

Quem são os padrinhos dele? () tios da criança () avós da criança () primos da criança

() amigos dos pais () outros. Quais? _____

Na época do batizado, onde moravam esses padrinhos? _____

Por que escolheram essas pessoas para serem seus
compadres? _____

O seu filho mais novo nasceu em Curitiba ou região? () sim () não

Qual a idade dele? _____

Grau de instrução do filho mais novo: () "primário": () completo () incompleto

() "ginásio" : () completo () incompleto

() 2^o grau : () completo () incompleto

() ensino superior : () completo () incompleto

Quem são os padrinhos dele? () tios da criança () avós da criança () primos da criança

() amigos dos pais () outros. Quais? _____

Na época do batizado, onde moravam esses padrinhos? _____

Por que escolheram essas pessoas para serem seus
compadres? _____

Qual(ais) desse(s) motivo(s) o levou a escolher esta região da cidade para morar?

() preço mais acessível

() proximidade do trabalho

() conhecia alguém de sua cidade ou de sua igreja, que morava nas redondezas

() condições favoráveis de vida, como: transporte coletivo, água, luz, asfalto...

() outro. Qual? _____

Há quantos anos você mora neste endereço? _____

Conte como era o bairro quando você veio morar
nele: _____

LOCAL DE NASCIMENTO DOS MEMBROS DA PARÓQUIA SUL DE CURITIBA

Local de nascimento Ano de nascimento	PR		SC	RS	outras UF's	estrangeiros	TOTAL
	Ctba S.J.P.	outros mun.					
1900 - 1909	4 0,53%	0 0%	5 0,66%	3 0,39%	1 0,13%	6 0,79%	19 2,51%
1910 - 1919	2 0,26%	0 0%	38 5,03%	4 0,53%	0 0%	8 1,06%	52 6,89%
1920 - 1929	6 0,79%	6 0,79%	55 7,29%	9 1,19%	2 0,26%	9 1,19%	87 11,53%
1930 - 1939	10 1,32%	12 1,59%	77 10,21%	11 1,45%	0 0%	5 0,66%	115 15,25%
1940 - 1949	22 2,91%	24 3,18%	77 10,21%	20 2,65%	11 1,45%	8 1,06%	162 21,48%
1950 - 1959	42 5,57%	42 5,57%	56 7,42%	22 2,91%	5 0,66%	1 0,13%	168 22,28%
1960 - 1969	67 8,88%	29 3,84%	28 3,71%	16 2,12%	7 0,92%	4 0,53%	151 20,02%
TOTAL	153 20,26%	113 14,97%	336 44,53%	85 11,27%	26 3,44%	41 5,43%	754 100%

Fonte: formulários do Censo realizado pela IECLB em 1987 (Paróquia Sul de Curitiba)

ANO DE CHEGADA DOS MEMBROS DA PARÓQUIA SUL DE CURITIBA

última res. chegou Ctba	PR	SC	RS	outras UF's	outros países	não consta	TOTAL
1930 - 1939	1 0,29%	1 0,29%	0	0	0	0	2 0,59%
1940 - 1949	3 0,89%	5 1,48%	1 0,29%	1 0,29%	0	0	10 2,97%
1950 - 1959	12 3,57%	24 7,14%	4 1,19%	1 0,29%	3 0,89%	1 0,29%	45 13,39%
1960 - 1969	15 4,46%	33 9,82%	3 0,89%	1 0,29%	0	0	52 15,47%
1970 - 1979	53 15,77%	45 13,39%	15 4,46%	6 1,78%	1 0,29%	1 0,29%	121 36,01%
1980 - 1987	37 11,01%	16 4,76%	4 1,19%	4 1,19%	2 0,59%	0	63 18,75%
Não consta	2 0,59%	5 1,48%	0	1 0,29%	0	35* 10,41%*	43 12,79%
TOTAL	123 36,60%	129 38,39%	27 8,03%	14 4,19%	6 1,78%	37 11,01%	336 100%

Fonte: formulários do Censo realizado pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil em 1987 (Paróquia Sul de Curitiba)

* Destes, 28 pessoas (8,03%) não são migrantes e constam da estatística apenas para fechar a totalidade.

ESCOLARIDADE DOS MEMBROS TITULARES DA PARÓQUIA SUL DE CURITIBA

<i>ESCOLARIDADE</i>	<i>No. DE</i>
	<i>PESSOAS</i>
Analfabeto	2
Alfabetizado	4
1 ano	5
2 anos	13
3 anos	22
4 anos	52
5 anos	29
6 anos	7
7 anos	11
1º Grau	43
9 anos	4
10 anos	4
2º Grau	52
Superior incomp.	10
Superior Completo	28
Não consta	21
TOTAL	307

Fonte: *formulários do Censo realizado pela IECLB em 1987 (Paróquia Sul de Curitiba)*

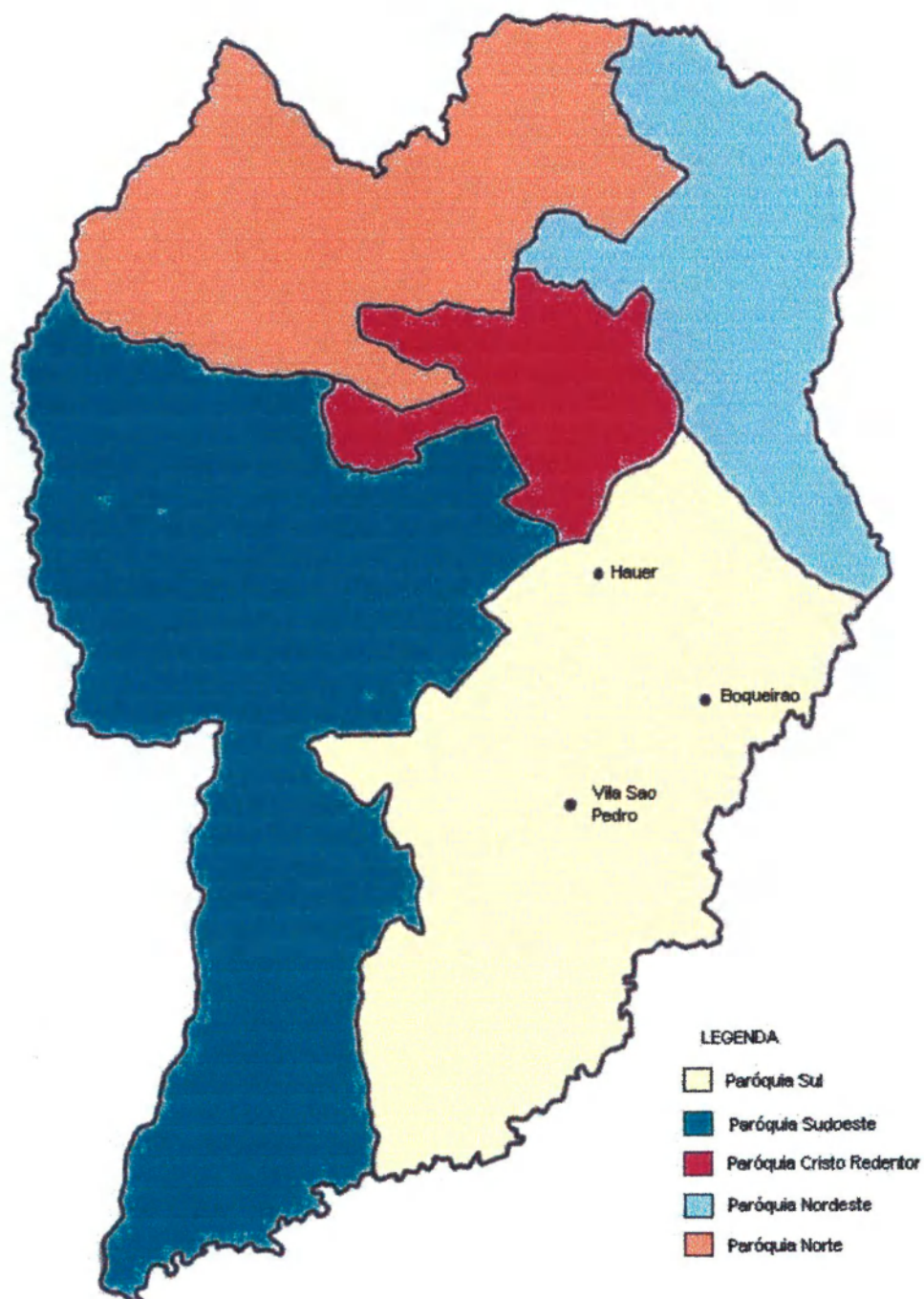
MAPA 1 – LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DE NASCIMENTO DOS MEMBROS
CATARINENSES DA PARÓQUIA SUL DE CURITIBA



MAPA 2 – ÁREAS DE INSTALAÇÃO E EXPANSÃO DAS COLÔNIAS DE DONA FRANCISCA, BLUMENAU E BRUSQUE NO SÉCULO XIX



MAPA 3 - AREA DE ABRANGENCIA DAS CINCO
PAROQUIAS CONSTITUINTES DA C.E.L.C. - U.P.



Observação: neste mapa não encontram-se incluídas as áreas metropolitanas pertencentes as paróquias.

FONTES

1. FONTES OFICIAIS

1.1 Formulários de coleta de dados do Censo realizado pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil em 1987 referentes a Paróquia Sul de Curitiba.

Arquivo da Secretaria da Paróquia Sul de Curitiba.

1.2 Totalização do Censo realizado pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil referente a Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba – União Paroquial. Arquivo da CELC – UP.

1.3 Livros Ata da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba entre 1975 e 1985.

Arquivo da CELC –UP.

2. FONTES DE IMPRENSA

2.1 **Jornal Evangélico Luterano.** 1974.

2.2 **Informação IECLB.** 1987.

2. FONTES ORAIS

Entrevista com os seguintes membros: Cacilda Tietzman, Edgar Schölk, Arlete Schulz, Mirian Eberhardt Alves, Irineu Loesch, Margareth Loesch, Johann Friedrich Genthner, Ismar Appel, Dorli Heinig Appel, Nivaldo Ern, Inês Ern, Francisco Alves Filho, Herta Schárbele Adam, Dorli Froese, Margarida Selma Ienzura, Margarida Maass, Ana Suhr, Maria Sindlinger, Ernani Wendland e Neulíria Wendland.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Michael. **Elementos para a História da família ocidental: 1500-1914.** Lisboa : Querco, 1984.
- AULICH, Werner. **O Paraná e os alemães** : estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos. Curitiba : [s.n.], 1953.
- BAADE, Ruth. **Histórico do início dos trabalhos na Vila Fanny e Vila Hauer.** Curitiba, 1988.(mimeo.)
- BALHANA, Altiva Pilatti *et alii.* Imigração e colonização. In : EL-KHATIB, Faissal (Org.) **História do Paraná.** Curitiba Grafipar, 1969. P. 156–188.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In : POUTIGNAT & STREIFF-FENART. **Teorias da Etnicidade.** São Paulo : Unesp, 1998.
- BLASCHKE, Helga. **A fundição Tupy S.A.:** uma indústria pioneira em Santa Catarina. Curitiba, 1974. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.
- BIDEAU, Alain. NADALIN, Sérgio Odilon. Histórias de vida e análise demográfica da fecundidade: abordagens complementares para uma História de comportamento social. In : NADALIN, *et alii.* **História e população** : estudos sobre a América Latina. São Paulo : Fundação SEADE, 1990. p. 131–141
- BRESCIANI, Maria Stella. Cidades: espaço e memória. In : CUNHA, Maria Clementina (Org.) **O direito à memória:** patrimônio histórico e cidadania. São Paulo : DPH, 1992. p.161-166.
- BREPOHL, Marionilde Dias. **Arrendantes e arrendatários no contexto da soja** : região de Cascavel, Paraná – 1960-1980. Curitiba, 1982. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.
- BREPOHL DE MAGALHÃES, Marionilde **Pangermanismo e nazismo:** a trajetória alemã rumo ao Brasil. São Paulo : UNICAMP/FAPESP, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In : _____. **Razões práticas** : sobre a teoria da ação. Campinas : Papirus, 1996. p.13-33.
- BUTZKE, Paulo Afonso. **A edificação de Comunidade na IECLB do pós-guerra.** [s.l.] : [198-?] mimeo.
- CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade:** texto e História. Para ler a História oral. São

Paulo : Loyola, 1999.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e paradigmas rivais. In: _____ & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro : Campus, 1997. P. 1 – 23.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo : Pioneira, 1976.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO & VAINFAS. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro : Campus, 1997. p.45 – 59.

COSTA, Vidal Antônio de Azevedo, SUTIL, Marcelo Saldanha. Pinheirinho : o bairro na história da cidade. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**. V.23, n.116, dez 1996.

DIÉGUES JR., Manuel. **Etnias e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro : Bibliex, 1980.

DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**. São Leopoldo : Sinodal, 1984.

FARBE, Daniel. Famílias. O privado contra o costume. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger(Org.) **História da vida privada 3: da Renascença ao século das luzes**. São Paulo : Cia. das Letras, 1995.

FARGE, Arlete. Famílias. A honra e o sigilo. In: ARIÈS, P. ; Chartier, R.(Org.) **História da Vida Privada 3: da Renascença ao século da luzes**. São Paulo : Cia da Letras, 1995.

FICKER, Carlos. **São Bento do Sul: subsídios para a sua história**. São Bento do Sul: [s.n.],1973.

_____. **História de Joinville** : crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville : Ipiranga, 1965.

FRIEDBURG, Bárbara (Ed.). **Louvai cantando**. São Leopoldo : Sinodal, 1968.

FUKUSHIMA, Masanori. **Eleitores e migrações internas no Brasil** : o caso paranaense (1900-1984). Curitiba : [s.n.] , 1988.

GREEN, Bill; BIGUN, Chris. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis : Vozes, 1995. p.208 – 240.

HALL, Michael M. História Oral : os riscos da inocência. In : CUNHA M. C.(Org.) **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo : DPH, 1992. p. 157-160.

- HOBSBAWN, Eric. Não basta a história de identidade. In: _____. **Sobre História.** São Paulo : Cia. das Letras, 1998. p. 281 – 292.
- IPARDES – Fundação Édisson Vieira. **Dinâmica demográfica da Região Sul:** anos 70 e 80. Curitiba : 1997.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos municípios brasileiros.** Rio de Janeiro : 1959. v. XXXII : Santa Catarina.
- INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Curitiba em dados.** Curitiba: 1996.
- KOHLHEPP, Gerd. Contribuição da população teuto-brasileira ao processo de colonização e desenvolvimento econômico do Brasil meridional. In : Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros. (3.:1974 : Porto Alegre). **Anais.** Porto Alegre : URGs, 1980. p.63-76
- LAZARTE, R. Migrantes em busca de uma teoria. **Revista Brasileira de estudos de população.** SP: v. 6, n. 2, jul/dez 1989
- LEE, E.S. Uma teoria sobre a migração. IN : MOURA, H.A. (Coord.)**Migração interna:** textos selecionados. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. p.89-114
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da política.** São Paulo : Papirus, 1986.
- LINDOSO, Felipe J. Aculturação. In : SILVA, Benedicto (Coord.). **DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS.** Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- LOBO, Andréa Maria Carneiro. **O discurso eugênico no Brasil e a utopia da raça sadia e morigerada.** Curitiba, 1997. Monografia (Bacharelado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.
- MACHADO, Cacilda da Silva. **De uma família imigrante:** sociabilidades e laços de parentesco.(Curitiba : 1854 - 1991) Curitiba, 1994. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.
- MAGALHÃES, Marisa Valle. **O Paraná e as migrações** (1940 a 1991). Belo Horizonte, 1996. Dissertação (Mestrado em Economia), CEDEPLAR, Universidade Federal de Minas Gerais.
- MARCHETTE, Tatiana Dantas. Umbará : o bairro na história da cidade. **Boletim informativo da Casa Romário Martins.** V. 23, n.117, dez 1996.
- MARTINE, George. As migrações de origem rural no Brasil : uma perspectiva histórica. In : NADALIN, *et alii*. **História e população** : estudos sobre a América Latina. São Paulo : Fundação SEADE, 1990.

MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1989[1955]

MOREIRA, Júlio Estrela. **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá.** Vol.2 Curitiba : Imprensa Oficial, 1975.

MOURA, Rosa ; KLEINKE, Maria de Lourdes Urban. Urbanização e espacialidades no sul do Brasil. **ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO.** (1 : 1997 : Curitiba) **Anais.** Curitiba : IPARDES, 1998.

NADALIN, Sérgio Odilon. **Une paroisse d'origine germanique au Brésil : la communauté evangelique lutherienne a Curitiba entre 1866 e 1969.** Paris, 1978. These (Doctorat en Histoire), EHESS.

_____. A Colonização alemã e os luteranos em Curitiba. **Ciclo do pensamento curitibano,1.** Curitiba : FCC, 1984. p.47-54

_____. **Construção de uma cultura imigrante:** comportamentos demográficos numa paróquia de origem germânica em Curitiba – séculos XIX e XX. Inédito.

_____. Demografia histórica, espaço e sociabilidades. **História : questões e debates.** v. 14, n. 26/27, jan/dez 1997. p.257-269.

_____. **A origem dos noivos nos registros de casamento da Comunidade Evangélica Luterana de Curitiba.** Curitiba, 1974. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.

_____. Imigração e colonização alemã na obra de Romário Martins. **Boletim do Departamento de História,** Curitiba, n. 21, 1974.

_____. Imigração alemã no Brasil: dois problemas. **COLÓQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS.** (3 : 1984 : Porto Alegre) **Anais.** Porto Alegre : URGs, 1980.

OBERACKER JR., Carlos H. A colonização baseada no regime da pequena propriedade agrícola. In : HOLANDA, Sérgio Buarque de.(Dir.) **História Geral da Civilização Brasileira.** São Paulo : Difel, 1976. Tomo II, v. 3, p. 220-244.

OLIVEIRA, Dennison de. **A política do planejamento urbano: o caso de Curitiba.** Curitiba : 1995. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas.

O Paraná e a migração na década de 70 : perfil etário e composição por sexo. **Análise conjuntural,** Curitiba, v. 6, n. 5, p.7, mai 1984.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná.**

São Paulo: Hucitec, 1981.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. **Fazendeiros, industriais e não-morigerados: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829–1889)**. Curitiba : 1993. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná

PETRONE, Maria Thereza Schorer. **O imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo : Brasiliense, 1982.

PIAZZA, Walter F. Migrações e movimentos migratórios em Santa Catarina. SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA. (4. : 1967 : São Paulo). **Anais**. São Paulo : APUH, 1967. 283-301.

POUTIGNAT, Phillipe, STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo : Unesp, 1998.

RAVENSTEIN, E.G. As leis da migração. IN : MOURA, H.A. (Coord.) **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980. tomo I p. 19-88

REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre : Globo, 1969.

ROSENTAL, Paul-André. Maintien/rupture : un nouveau couple pour l'analyse des migrations. **Annales E.S.C.** Paris, v. 45, n.6, 1990.

SCOTT, Russel Parry. Cartas, dinheiro e passeios : contatos de migrantes com a casa de origem. In : ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS (4. : 1984 : Águas de São Pedro). **Anais**. LPC Data Imagem : 1998. (CD-rom)

SCHALLENBERGER, Erneldo & COLOGNESE, Silvio Antonio. **Migrações e comunidades cristãs: o modo-de-ser evangélico-luterano no Oeste do Paraná**. Toledo : EDT, 1994.

SCHÜNEMANN, Rolf. **Do gueto à participação: o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975**. São Leopoldo : Sinodal, 1992.

SCHMIDT, Roberto Jorge. **A Comunidade Evangélica de Curitiba**. São Leopoldo, 1980. Trabalho acadêmico (Bacharelado em Teologia) Faculdade de Teologia, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. **Povoamento, imigração, colonização: a fundação de Blumenau e de Joinville**. Joinville: [s.n.], 1983.

- SHORTER, Edward. **A formação da família moderna**. Lisboa : Terramar, s.d.
- SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no vale do Itajaí-mirim** : um estudo de desenvolvimento econômico. Porto Alegre : Movimento, 1974.
- _____. A liga pangermânica e o **perigo alemão** no Brasil: análise de dois discursos étnicos irreduzíveis. **História: Questões e debates**. v.10, n. 18-19. Jun-dez. 1989. p. 113 – 155.
- _____. Grupo étnico. In : SILVA, Benedicto (Coord.) **DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1986. p. 530-532.
- _____. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis : Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- _____. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naira.(Org.) **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade, história. Canoas : ULBRA, 1994.
- SILVA, J. Ferreira da. **História de Blumenau**. Florianópolis: Edeme, 1972.
- SILVEIRA, Claudia Regina Baukat. **Ocupando a Vila Osternack** : um estudo sobre a migração em Curitiba. Curitiba , 1997. Monografia (Bacharelado em História), Departamento de História, Universidade Federal do Paraná.
- SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana** : análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo : Nacional, 1977.
- _____. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. IN : MOURA, H.A. (Coord.)**Migração interna**: textos selecionados. Fortaleza: BNB/ETENE, 1980.. p.211-244
- SOUZA, Itamar de. **Migrações Internas no Brasil**. Petrópolis : Vozes, 1980.
- SUTIL, Marcelo. Boqueirão : o bairro na história da cidade. **Boletim Informativo da Casa Romário Martins**, Curitiba, v. 22, n. 106, ago 1995.
- THOMSON, Paul. **A voz do passado**: História oral. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.
- VECHIA, Ariclê. Imigração e atritos religiosos em Curitiba: 1853/1889. In: Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (15 : 1995 : Rio de Janeiro). **Anais**. Curitiba: SBPH, 1996. p.211-214

- WAIBEL, Leo. Princípios da colonização européia no sul do Brasil. In : _____. **Capítulos de Geografia tropical e do Brasil.** Rio de Janeiro : IBGE, 1979. p. 225-277.
- WEIMER, Günter. A imigração alemã vista através de algumas teorias racistas brasileiras. SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL. (4 : 1980 : São Leopoldo) **Anais.** São Leopoldo : Unisinos, 1987.
- WEINGÄRTNER, Lindolfo. **A identidade luterana frente à situação religiosa brasileira.** Timbó, 1975. (mimeo.)
- WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. **Fronteiras: revista de história,** Florianópolis, v.3, n.6, 1998. p.19-39.
- WITT, Osmar Luiz. **Igreja na migração e colonização:** a pregação itinerante no Sínodo Rio-Grandense. São Leopoldo : Sinodal, 1996.
- WOLFF, Cristina Scheibe; FLORES, Maria B. R. A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. In: MAUCH & VASCONCELLOS(Org.). **Os alemães no sul do Brasil:** cultura, etnicidade, história. Canoas : ULBRA, 1994.
- WOORTMAN, Ellen. **Herdeiros, parentes e compadres.** São Paulo : Hucitec, 1995.